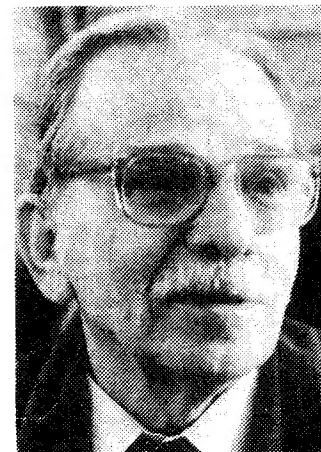




**Pessoa
motiva
resposta
de Coimbra
Martins**

Pág. 2



**Em entrevista
ao "DL"
Mudanças
no Brasil
vistas por
Giocondo
Dias**

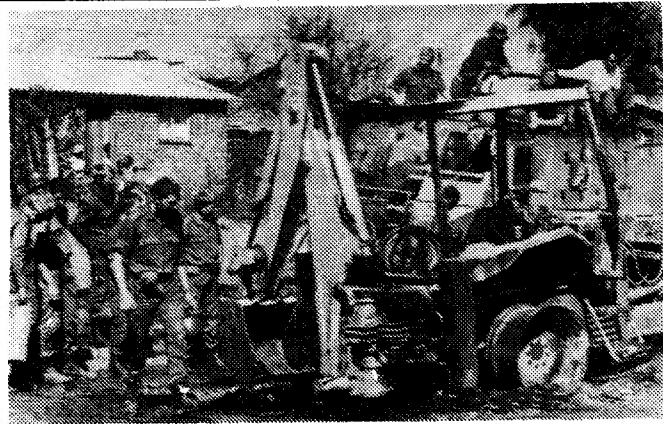
Houve uma mudança política no Brasil, e avançou-se no plano da democracia política, mas a classe que está no poder é a mesma e o povo brasileiro continua à espera das mudanças económicas e sociais de que tanto necessita — diz Giocondo Dias, secretário-geral do Partido Comunista Brasileiro numa entrevista ao «DL», na qual conta, também, muito por alto, a sua vida passada entre clandestinidade, exílio e (breves) períodos de legalidade.

Págs. 12 e 13

Paz na África do Sul cada vez mais distante

«Agora só a comunidade internacional pode evitar que a solução para os problemas da África do Sul degenere na catástrofe, que se abeira», este o comentário do arcebispo Desmond Tutu, prémio Nobel da Paz, ao discurso desanimador ontem proferido pelo presidente Pieter Botha, no Congresso do seu partido na província do Natal. De facto esperava-se que Pieter Botha anunciasse algumas medidas concretas de reforma e o diálogo com representantes da comunidade negra. Mas Botha, falando embora de reformas e diálogo, continuou em tom ameaçador. A partir de agora, as perspectivas de uma solução pacífica para os problemas da África do Sul parecem cada dia mais afastadas.

Pág. 14



Diário de Lisboa

ANO 65

N.º 21 835

Sexta-feira, 16 de Agosto de 1985

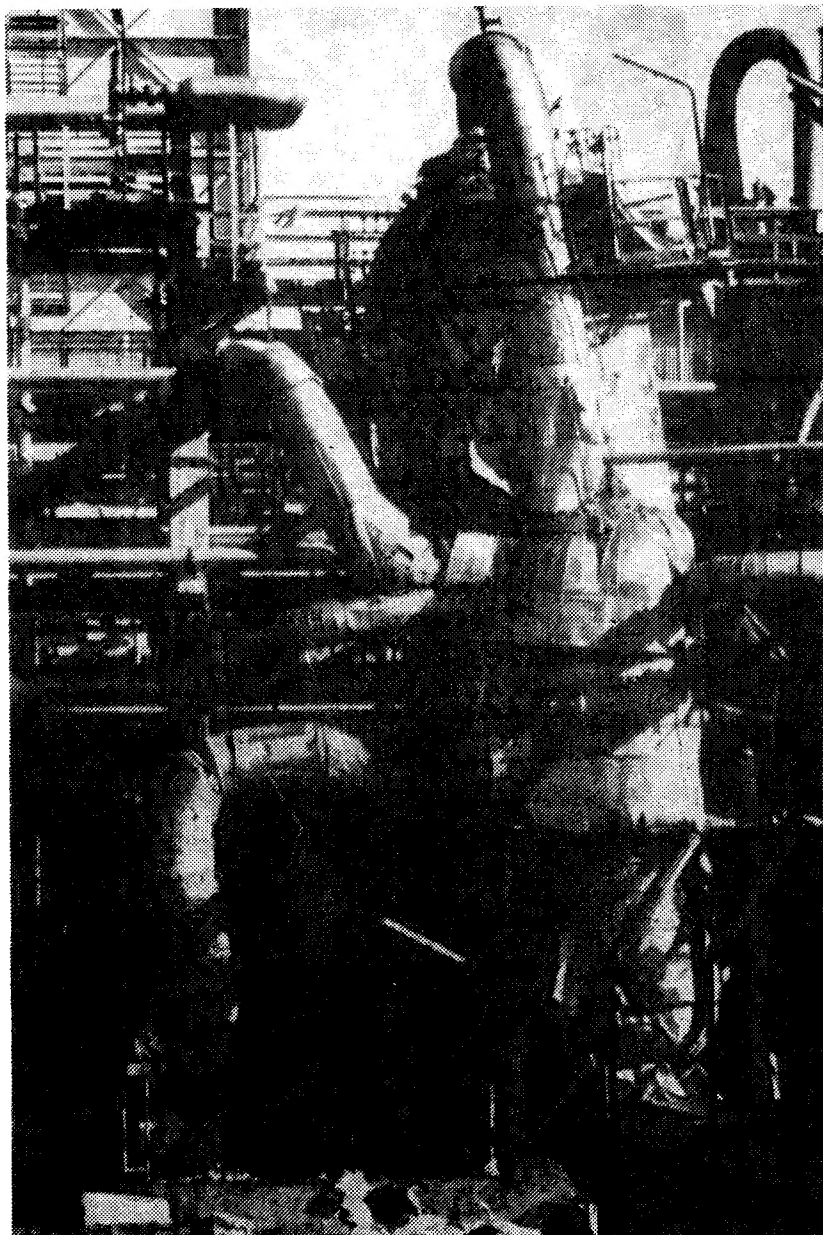
Preço 40\$00

Explosão pára Quimigal por seis meses

'Era como nas fotos da bomba atômica'

«Era como nas fotografias da bomba atômica», afirmou ontem aos jornalistas um operário da Quimigal referindo-se à explosão, ocorrida horas antes, de um reactor daquela unidade industrial. Em consequência da explosão oito pessoas ficaram ligeiramente feridas cinco trabalhadores da empresa e três habitantes da área, e, num redor de 100 metros, várias casas e estabelecimentos comerciais sentiram o efeito da detonação: vidros partidos, persianas irreconhecíveis e, para a população, um grande susto, numa manhã de feriado. A Quimigal, que prontamente se dispôs a pagar estes prejuízos, verá as perdas subirem mais alto, pois, de acordo com os primeiros cálculos, a explosão, originada por uma falha mecânica de equipamentos, provocou estragos orçados em cerca de 200 mil contos.

Pág. 9



Volta: As últimas pedaladas

- Na Senhora da Graça faltou verdade desportiva
- "Lau": a camisola é de "manga curta"
- Marco não desiste de agarrar o ceptro

Pág. 16



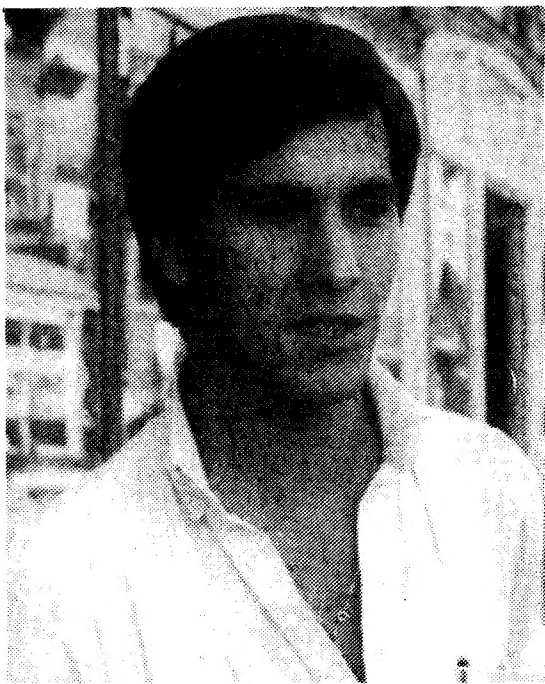
CONCURSO ANIVERSÁRIO Cupão n.º 14

Pág. 2

FRAC

SOMOS O AR CONDICIONADO

Patrocina o "Diário de Lisboa" na Volta a Portugal em Bicicleta



Zé Alberto,
19 anos,
fabricante de máquinas

"Os contratos a prazo não têm solução"

- Há quanto tempo trabalha?
- Comecei há três anos nesta firma e ainda lá estou.
- É empregado com contrato efectivo?
- Agora sim, mas comecei com contrato a prazo, que foi sendo renovado de seis em seis meses, até que passei a efectivo.
- O que pensa desse tipo de contratos laborais?
- Acho muito bem, porque assim o patrão se quiser mandar o empregado embora pode fazê-lo, e se o quiser manter também, basta gostar do trabalhador.
- Não será um pouco pôr «a faca e o queijo» na mão do empregador, mantendo o trabalhador numa situação insegura?
- De certa forma sim, porque há muita falta de trabalho, tem que se aproveitar o que aparece, mesmo por pouco tempo.
- Então, como empregado, porque é que concorda com esse tipo de contrato?
- Porque há por aí muitos que não querem é fazer nenhum, e vão vivendo assim, e eu estou é contra esses. A empresa tem que ter direito de se defender desse tipo de pessoas e os contratos a prazo permitem-lhes isso.
- No entanto é do domínio público que há empresas que abusam da situação, mantendo os empregados só durante o tempo do contrato e despedindo-os no final, nunca tomando compromissos duradouros para com ele. Qual a sua opinião sobre esse aspecto da questão?
- Isso acho que é injusto, é até muito mal feito.
- Como pensa que se poderia resolver o problema?
- Não sei. Acho que no actual momento de crise de emprego, os contratos a prazo não têm solução.
- Qual a sua opinião sobre a situação do País?
- Não sei bem. O que eu vejo é que há cinco anos que estou em Lisboa, porque sou de Viseu, e a situação tem piorado sempre. Agora é mais difícil viver em Lisboa do que no Norte, porque pelo menos lá há emprego para quem quiser trabalhar.
- Porque é que veio para Lisboa?
- Como me arranjaram cá emprego, resolvi tentar a minha sorte.
- Estudou?
- Fiz o 3.º ano e depois desisti, pois estava a estudar à noite e era muito cansativo.
- Pensa acabar os estudos?
- Se um dia precisar de mais do que os que tenho, então vou, de contrário não.
- Como ocupa os tempos livres?
- Vou ao cinema, para passar um bocadinho de tempo.
- Se pudesse governar o que começava por mudar?
- Tentava arranjar trabalho para todos e isso já evitava que muita gente se metesse na droga.
- Acha que o consumo de droga é uma consequência da falta de trabalho?
- Penso que sim, principalmente na malta jovem, que não consegue encontrar emprego e ainda acaba por se prejudicar mais metendo-se em drogas e coisas no género.

O futuro feito Philips

10.º PRÉMIO
Um Televisor a cores PHILIPS
no valor de 74 000\$00



10.º PRÉMIO: Um TELEVISOR a cores portátil PHILIPS (16 CT 2216), com comando à distância, c/écran de 41 cm, imagem e som imediatos, com antena dipolo telescópica; comutação instantânea de 12 canais pré-sintonizáveis, adaptado a gravador vídeo «VCR» e «VLP — Laservision»; tomada para auscultadores; quadrante c/algarismos iluminados; 14 kg de peso e 51x35x40 cm (larg. x alt. x prof.) de dimensão.

O carro que o compreende a si

1.º PRÉMIO
Um automóvel Peugeot 104 ZL
da Mocar SARL

Trasladação e Requiem

António Coimbra Martins

Em artigo publicado com relevo no «Diário de Lisboa» de 9 de Agosto são postos em causa o Ministério da Cultura e especialmente o ministro a propósito da transladação de Fernando Pessoa para os Jerónimos precedida como se projecta, de uma Missa de Requiem.

Dando o seu a seu dono, convém precisar que o projecto de transladação não é da responsabilidade do Ministério. Deriva de um voto formulado em 1983 na Assembleia da República, que aplaudiram unanimemente os deputados presentes. Para comemorar a efeméride, o Ministério nomeou, sim, por processos julgados inatáveis, uma comissão que já anunciou o seu programa e de cuja competência e isenção não é possível duvidar.

Entende o «Diário de Lisboa» que o Requiem não devia ser o de Verdi, mas o de Bomtempo. E dá argumentos. Um é italiano o outro é português. Este podia ser interpretado por artistas portugueses; a escolha abre as portas ao contrato de «nomes sonantes da ópera» italiana que não devia vir ao caso.

A propósito louva o articulista anónimo os serviços do Ministério que editaram Bomtempo com «seriedade e modestia», contrastantes com a «pompa e circunstância» (também deve opor reservas ao inglês Elgar), com a «propaganda», que seriam os verdadeiros escopos do ministro actual.

Eu tenho sido censurado por ter «acabado com os gran-

des elencos». Critica-me agora o «Diário de Lisboa» porque me atribui o propósito de querer um grande elenco para o Requiem que assinalará um acontecimento tão excepcional! Tranquelize-se. Infelizmente não teremos nenhum dos cantores de «nome sonante», que o jornal indica. Digo infelizmente. Porque, nisto de cantores, o nome mais ou menos sonante não importará muito. Mas a «voz sonante» é mesmo indispensável. Eu gostava, confesso sem a superstição dos grandes elencos, nem a mania insuportável do *nothing but the best*, que certas vozes «sonantes», de cantores nunca ouvidos ao vivo no nosso país, viessem cá mostrar como é que vocalizam. Foi o caso do José Carreras que não nos custou senão um sincero obrigado. Oxalá fosse também o do Plácido Domingo, ambos daqui ao pé. Também temos o direito, não é verdade?

O que é certo é que Verdi não exclui os artistas portugueses. Como os não tem excluído, muito pelo contrário, a direcção do São Carlos. Como me tenho eu mesmo empenhado em fazê-los vir ao Ministério da Cultura, em criar aqui espaços agradáveis, e úteis, à sua promoção, e em cuidar,

mediante acções várias e insistentes, do nosso Património Musical. No Requiem de Verdi será portuguesa a orquestra; dos cantores solistas o único nome, certo até agora é de uma cantora portuguesa.

O Requiem de Bomtempo, editado em disco em 1982 (140º aniversário da morte do compositor) pelo Ministério da Cultura, foi gravado na RDA, dirigido por maestro, interpretado por cantores solistas, todos da RDA, e pelo coro e a orquestra sinfónica da Rádio de Berlim (RDA).

Distingo dois graus no eclipse cultural, de uma nação. Um quando os seus nacionais deixam de afirmar a sua capacidade no terreno do património universal. Outro, muito mais grave ainda, quando os estrangeiros começam a saber mais que eles mesmos das suas próprias coisas, a conhecer melhor que eles mesmos os seus próprios autores, a interpretar melhor que eles mesmos a sua própria música.

Contradições! Exprobando-nos a procura, que nos atribui, d e cantores de primeiro plano, ironiza o «Diário de Lisboa», porque terá de «se contentar». Pessoa, na execução do Requiem «com uma das nossas desfalcadas orquestras», dirigida por um brasileiro. No canto, em suma, procuramos de mais. Nos instrumentos damos de menos. Na verdade, a orquestra será dirigida, como convém, pelo seu maestro habitual. E o Ministério da Cultura, tem-se empenhado como nunca, antes, em reestruturar as nossas orquestras. O «Diário de Lisboa»

sabe isto. Até a que vai tocar o Requiem levou seis violinos a mais, mal eu tomei conta da pasta. Senão não teria sido possível o Tristão e Isolda. Temos realmente que dar às nossas orquestras o que lhes devemos: plenos efectivos, estatuto de autonomia, motivação e rigor... A fim de poderem tocar Verdi e Bomtempo. E Brahms e Mahler, que não podem agora. Isto, no interesse da música em geral. E do nosso património muito especialmente. Eu tenho tido nesse trabalho difícil o apoio da opinião. Ser-me-ia útil também (útil à causa) o do «Diário de Lisboa»...

A quem parece muito mal que a cerimónia seja transmitida pela Eurovisão. Não sei se o conseguiremos. Mas parecer-lhe-ia mal porque? Os Jerónimos estão hoje inscritos no Património mundial. Foram inscritos em fins de 83. Pessoa é um poeta cuja dimensão internacional não cessa de crescer, e é certamente dever cultural e português acentuar e engrandecer essa promoção. O Ministério da Cultura promoveu ou caucionou exposições Pessoa em Madrid, Leon, Barcelona, Londres... A de Paris, no Centro Pompidou foi muito atacada. Aham de mais os Jerónimos para a transladação? Pois acharam de menos os locais onde se organizou a exposição do Centro Pompidou. Atacaram-nos por isso. Até se escreveu num jornal que eu «nunca tinha ligado importância a Pessoa». Agora imprime o «Diário de Lisboa» em primeira página «Pessoa

Continua na pág. 4

O "caso" Garcia dos Santos

Na entrevista que concedeu a Helena Sanches Osório, o vice-primeiro-ministro e ministro da Defesa, dr. Rui Machete, após ter discorrido sobre temas do seu cargo ministerial e de ter explicado que a Defesa «não é um negócio exclusivo dos militares», respondeu à pergunta: «Porque é que o caso do general Garcia dos Santos, um CEMGFA que, tanto quanto sei, foi tecnicamente muito apreciado, está ainda por resolver?»

O dr. Rui Machete que, como ministro da Defesa, herdou o «caso» Garcia dos Santos do seu antecessor e líder partidário, o falecido Carlos Mota Pinto, não poderá alegar inocência relativamente a uma questão que foi discutida nas reuniões de um Governo no qual desempenhava a função de ministro da Justiça. Nem terá reparado que a jornalista se referia a um CEMGFA que fora «tecnicamente muito apreciado», e perguntava pelo CEME afastado por pressão governamental. Não rectificou, para ele ministro civil, CEMGFA ou CEME tanto conta, são, à mesma, quatro estrelas, o topo na hierarquia militar. Perante a pergunta directa, respondeu: «A dificuldade que existe neste momento em relação ao general Garcia dos Santos é a de encontrar uma solução compatível com a sua categoria de general de quatro estrelas». («Diário de Notícias», 12/8/1985).

Compreende-se que exista a dificuldade de «encontrar uma situação compatível com a sua categoria de general de quatro estrelas», mas não se compreende que não tenha sido considerada essa dificuldade quando, sem justificação (!) se levou ao Presidente da República a proposta de exoneração do chefe do Estado-Maior do Exército (CEME) e que a situação se arraste desde 22 de Julho de 1983.

O «caso» Garcia dos Santos converteu-se numa questão grave e grotesca. Há dias, no semanário «O Jornal», (2/8/1985), o general interpelava o Primeiro-Ministro em termos particularmente severos. A propósito do teor das suas relações com o general Ramalho Eanes, numa entrevista concedida a Manuel Bega Múrias, o dr. Mário Soares afirmara: «Nestes dois anos tive relações institucionais satisfatórias com o Presidente, sem qualquer problema grave. Ou melhor, com um único problema grave, que finalmente

se resolveu a contento: a nomeação do chefe do Estado-Maior do Exército...» Esta referência levou o general Garcia dos Santos a comentar: «Mais uma vez, S. Ex.^a o sr. Primeiro-Ministro, a propósito da proposta da minha exoneração, faz afirmações, e não justificadas. Se o sr. Primeiro-Ministro tem, na verdade, a consideração e o respeito que, repetidamente, afirma ter... pelas Forças Armadas Portuguesas, tal consideração e tal respeito não se confirmam quando pratica o acto de propor a S. Ex.^a o Presidente da República a exoneração de um dos quatro chefes militares, sem apresentar qualquer razão justificativa para tal exoneração. E essa falta de justificação permanece desde o dia 26 de Julho de 1983, data em que S. Ex.^a o sr. Primeiro-Ministro, após várias insistências que lhe fiz, me informou que a minha exoneração era uma **decisão política e que, como tal, não se justificava.**» («O Jornal», 2/8/1983).

Não carecia a decisão, por ser política, de justificação jurídico-administrativa, mas, evidentemente, carecia de **justificação política**. Ou, se quisessem, para tomar tal decisão o Governo deveria ter ponderado **razões políticas**, a não ser que se tivesse determinado por motivos disciplinares, éticos ou técnicos.

O general Amadeu Garcia dos Santos é um «capitão de Abril». Teve na acção militar, de 25 de Abril de 1974, uma participação decisiva. Subscritor do chamado «Documento dos Nove», Garcia dos Santos, nos acontecimentos de 25 de Novembro, voltou a evidenciar as suas capacidades de técnico altamente reputado. Era chefe da Casa Militar do Presidente da República quando foi nomeado chefe do Estado-Maior do Exército (CEME). Foi Conselheiro da Revolução. Exerceu funções governamentais. Reúne a competência militar, a especialização técnica, a experiência política. É um militar prestigiado. É um militar de Abril que atingiu o topo da carreira: general de quatro estrelas. Está... desaproveitado, inactivo, esquecido pelos responsáveis de uma decisão para a qual se não encontra justificação. Ou que só a «guerrilha institucional» poderá explicar.

Foi em Julho de 1983 que o Governo pediu, pressionou, a exoneração do general Garcia dos Santos. Passaram-se dois anos e o Governo não conseguiu

atribuir-lhe uma função compatível, útil para o País e para as Forças Armadas. Teremos nas Forças Armadas e no País muitos homens do valor de um Garcia dos Santos?

Nas agitações prévias de uma campanha eleitoral o «caso» do afastamento deste militar de Abril adquirirá novos contornos. O esquecido Garcia dos Santos começa a ser lembrado. A própria questão da sede da «Associação 25 de Abril», condenada a despejo das instalações do Forte do Bom Sucesso pelo actual general CEME, recorda-nos que foi o general Garcia dos Santos que tinha autorizado a utilização daquele antigo forte de defesa costeira pelos «capitães de Abril». Há qualquer ligação entre a atitude do general Garcia dos Santos, relativamente ao 25 de Abril (Revolução e Associação), e a «perseguição» de que é alvo. Permita-se-nos que chamemos «perseguição» ao facto de um jovem general de quatro estrelas ser conservado numa forçada situação de inactividade.

E como no fundo da política existe política, dos sectores que o atacaram, caluniaram e que com a sua exoneração se regozijaram, sopram notícias a respeito de Garcia dos Santos. Desanimados de um elenco de candidaturas civis que se neutralizam ou relativamente se anulam, os profetas das graças e desgraças deste jardim da Europa vão congeminando candidaturas de militares. Um dos candidatos seria o general Lemos Ferreira. Outro candidato seria o general Amadeu Garcia dos Santos.

A dificuldade será a etiqueta. Lemos Ferreira não querará ser outro Soares Carneiro. Gostaria de ter a benção «eanista», ou discretamente de Belém, ou via PRD. Garcia dos Santos foi alma da CNARPE, como colaborador próximo e dedicado de Eanes. Garcia dos Santos é considerado um «eanista». Por ser «eanista» foi exonerado do cargo de CEME. O seu «eanismo» foi a verdadeira razão política que moveu o Governo. Vincamos: o Governo. Não se esqueça que o PSD, com Mota Pinto como líder, vice-primeiro-ministro e ministro da Defesa, se empenhou na exoneração.

O «caso» Garcia dos Santos, general de quatro estrelas, não teve solução. Dois anos passaram de Julho de 1983 a Julho de 1985. Volta agora a ser falado. Não será ainda um «caso político». Já é um «caso eleitoral».

Folhetim artístico

Pessoa pessoalizado

José Augusto França

O Centro de Arte Moderna da Fundação Gulbenkian comemorou o seu segundo ano de vida com a comemoração dos cinquenta anos da morte de Fernando Pessoa, juntando assim uma dimensão iconográfica à imensidade escrita, ou já mesmo exposta há pouco, em Paris, da bibliografia à mitografia, como nestes folhetins soubemos.

Esta procura de «um rosto para Fernando Pessoa», que sempre o mascarou em hetero-personagens, é uma empresa em certa medida fascinante, e, sem dúvida, tema interessantíssimo.

Razões de Algarve não me deixem tão cedo ver o resultado exposto, mas o catálogo diz-me assaz para o que aqui me interessa. Trinta e seis artistas foram então buscados com mais ou menos obras, conhecidas e expostas umas, inéditas outras, e nem todas datadas nas fichas publicadas, o que não deixa de dificultar o conhecimento e a reflexão sobre o seu significado.

Uma coisa é certa, porém: que só Almada (em 1915 e 33) e Alberto Cutileiro (em 1934 e 35) trabalharam «de visu», e todos os outros por imaginação ou alguma lembrança — e o próprio Almada, nos seus famosos quadros de 1954 e 64 (este exposto), e no desenho que fez para o «Diário de Lisboa» assinalar, com artigos seus e de J. Gaspar Simões, em 6 de Dezembro de 35, a morte do poeta.

Desenho esse que ficou como padrão para toda a iconografia pessoana — como, aliás, sempre sucede em iconografias, como a de Camões ou a de Pomal, que já foram estudadas, a primeira tudo devendo, e para sempre, a Pauli, e a segunda, para sempre também, a Carpinetti, fixadores dos traços oficializados das personagens. O Pessoa de chapéu e óculos ovaais do «Diário de Lisboa» (que logo depois a «Presença» repetiu) está presente por aí fora, quando de imagem pessoal se tratou — até virar retrato do próprio pintor, quando este foi o Costa Pi-

neiro, e então fatalmente, ou seja miticamente. Mas já lá vamos.

Almada desenhou de cor («par cur», como dizia e contava as coisas e as pessoas), bem longe do retrato feito em 1915 (e outro há, de 1913 que será «O Senhor Pessoa», numa colecção do Porto; não tenho à mão elementos de controlo). Mas na exposição temos outras imagens, algo amadorísticas no seu sabor naturalista, com dias de data e local, que é a mesa do «Martinho da Arcada», que nos dão uma bem diferente, enovelhada ou triste figura do poeta que ia ter pouco mais ou pouco menos de um ano de vida — e que não anda longe das fotografias da época que se conhecem, no café, descendo o Chiado, ou «em pleno delírio». Que importa isso, porém? Sá Nogueira, nos anos 60, expôs na Galeria Interior composições nelas inspiradas que contam mais que quaisquer outras, numa visão lisboeta e melancólica de Pessoa (uma na exposição). O mito, porém, é outro e por outros caminhos vai.

Houve artistas que se inspiraram, como Fernando de Aze-

vedo (já em 1952), em poemas ou cenas escritas: é uma iconografia indirecta que aqui não vale por não buscar o «rostro» anunciado como possível — mesmo que não necessário, e jamais é claro que suficiente...

Assim também a homenagem «conceptual» de Abílio ou a «cubista» de Aureliano Lima, ou a «caligráfica» de António Sena — ou a «mágica» de Cruzeiro Seixas, senão a ironia, pintada por Emília Nádai.

De António Duarte e Bernardo Marques, que certamente conheceram ou viram Pessoa em carne e osso, abstractizou uma cabeça hierática e deu o outro uma insólita imagem queiroziana do poeta ressuscitado com um Sá Carneiro — Dâmaso... Dacosta e Pomar, a fundo ou mais em superfície expressionista, trataram de fantasmas, em sonhos ou aparições. José de Guimarães, esse, levou o expressionismo à caricatura mais «bad» possível — não só de Pessoa como do Pessoa de Almada, num jogo de massacre que prenuncia a iconoclastia a que (aposto!) vamos em breve assistir e que, nele, já tocou o

próprio Camões, como devia ser...

Deixemo-nos, porém, ainda (enquanto possível) embalar pelo mito.

E aí são os desenhos aguarelados do Mário Botas, jogos de imagens e de espelhos, e as sombrias sombras do Bartolomeu Cid, vindas da parte alguma em que o primeiro viveu, ou da Londres assumida pelo segundo. Ou este poeta entre portas dum cenário, espreitando sem interesse a inútil realidade do lado de fora que é o nosso, de espectadores — tal como Jorge Martins o pode saber, em Paris. Ou, mais longe, em Munique, o jogo de encarnação, ou de impessoalização a que Coata Pinheiro necessariamente se dedica.

Porque, neste emigrante, Pessoa-persona vive num espaço outro, ou sempre outro, nada mais podendo ser, mesmo que lance de si três sombras heteronímias. Seja caneta no ar, ou braço sem corpo, ou a vera mesa do «Martinho» antigo, ou as gaiotas em terra que (oh Hitchcock!) o devoraram vivo, em bicadas de Tejo... Até

«Ele» não poder ser mais do que o próprio pintor de igual chapéu e parecido ou mais pendente bigode. Imagem que falta na exposição para lhe dar o sentido que ela, finalmente, teria de ter.

Na verdade, a exposição à procura de «um rosto para Pessoa» começa na falsa iconofia-modelo do Almada para terminar em outra e mais funda falsidade de quem não conheceu fisicamente o poeta senão pelo ícone proposto, ou por si próprio — tudo no fingimento, esse sim, necessário e suficiente. Entre um e outro pólo, a exposição é praticamente inútil, como era fatal e óbvio.

Mas aí também o seu interesse — e o seu interesse maior. Não ser possível uma coisa e disso fazer dar conta é, evidentemente, positivo, em termos de cultura, neste jogo sociológico a que o próprio Fernando Pessoa nos desafia.

Bem vistas as coisas invisíveis, é isso que o prefaciador do catálogo, o José Saramago, perito famoso do fantasma pessoano, pode querer dizer a quem de fantasmas nacionais souber...

Com a presença do Chefe do Estado

Aljubarrota motiva comparação com a crise que vivemos

O Presidente da República afirmou anteontem que a actual crise, bem mais complexa do que a de 1385, «pode e deve ser vencida». Ramalho Eanes discursava nas cerimónias comemorativas do sexto centenário da batalha de Aljubarrota, a qual, na sua opinião, marcou a irreversibilidade da independência de Portugal.

Considerando que a crise «é hoje não apenas sociopolítica e administrativa, mas também económica e moral», Eanes defendeu ser possível «viabilizar a economia e promover a libertação das futuras gerações da hipoteca actual». «A resposta adequada aos problemas estruturais da economia portuguesa exige a programação da estratégia económica, a estabilização das regras do cálculo económico e a modernização das nossas organizações com vocação económica», acrescentou o Chefe do Estado.

No seu discurso, o Presidente da República disse também que

«todos os milagres económicos do último século passaram pelas escolas e em especial pelas universidades». «Só a escola e a informação capazes permitem a mudança de mentalidades, indispensável à inevitável revolução social», acrescentou.

Eanes advertiu entretanto que «só uma informação democraticamente digna e preocupada, ao serviço do bem público e não alienada ao serviço deste ou daquele segmento do Poder, pode confrontar pedagógica e responsávelmente a colectividade com questões importantes que o seu dia-a-dia suscita e a sua inserção internacional levanta». O Chefe

do Estado salientou ainda que a autoridade «não pode nem deve abdicar da função de serviço que a legitima e a operacionaliza».

Reconstituição da batalha

Seiscentos e cinquenta militares dos Regimentos de Infantaria de Abrantes e de Tomar, repartidos pelas diferentes alas (dos Namorados, Besteiros e Peões), recriaram os combates travados há 600 anos entre portugueses (e ingleses) e castelhanos. As marchas guerreiras, o troar dos canhões e os fumos verdes e vermelhos foram alguns dos meios utilizados para encenar o ambiente da batalha.

Assistiram a este espectáculo, que muitos observadores consideraram ridículo, o Presidente da República, o

Primeiro-Ministro, o vice-Primeiro-Ministro e ministro da Defesa, ministro da Administração Interna, ministro das Finanças, entidades religiosas, militares e civis.

Durante estas cerimónias comemorativas, os restos mortais de D. Nuno Álvares Pereira, que repousam habitualmente no convento do Carmo em Lisboa, andaram a passear-se pelo país e acabaram por passar a noite de 13 para 14 no mosteiro da Batalha. A comissão organizadora dos festejos quis também que a estátua de bronze de Nuno Álvares Pereira presidisse, simbolicamente, à encenação da batalha. A urna que guarda as relíquias do Santo Condestável foi mantida sob enorme pedestal, de cima do qual Nuno Álvares Pereira presenciou a reconstituição da batalha pelos soldados dos regimentos de Infantaria de Abrantes e de Tomar.

Lucas Pires considera "natural" debate entre Cavaco e Almeida Santos

«É natural que os ex-ministros das Finanças do PS e do PSD queiram discutir na TV quem é que tem mais responsabilidade no estado a que economicamente conduziram o país». A declaração é de Lucas Pires e reporta-se ao anunciado debate televisivo entre Cavaco Silva e Almeida Santos.

Mas para o presidente do CDS a «diferença» entre a actualização de ambos os responsá-

veis «é pouca». Isto porque «uns combateram a inflação mas alargaram o défice (pri-

meiro o PSD); outros combateram o défice mas alargaram a inflação (o PS depois) e com ambos (PS/PSD, o desemprego cresceu».

Lucas Pires, que parece mesmo algo divertido com o previsível debate, garante que a «política económica do CDS é outra e nada tem a ver com essas

querelas».

«Para nós — prossegue o dirigente democrata-cristão — o objectivo essencial é reduzir progressivamente a despesa do Estado e, por essa via, combater a inflação, o défice e o desemprego de que essa despesa é a causa principal».

Trasladação e Requiem

Continuação da pág. 3

inspira Coimbra Martins». Com fina ironia, claro. Oxalá fosse verdade.

A verdade é que, após a exposição Pessoa nos «locais indígnos» de Paris, a imprensa francesa tratou do nosso poeta como nunca tinha feito antes, e até o *Libération* escreveu, com lisonjeiro exagero que *A Tabacaria* era o mais belo texto do mundo. Há um momento em que os grandes poetas deixam de ser pertença exclusiva dos que os descobriram, dos que lhes apregoaram a dimensão, dos que primeiro a aceitaram, dos que mais profundamente os entendem... E começa a sua «trasladação» para mito. Uma maré se lhes opunha, outra os consagra. Os exegetas escrupulosos não teriam razão em lamentá-lo. Nada impedirá os exegetas de estabelecer ou restabelecer os verdadeiros sentidos. E ninguém teria o direito, se tivesse a possibilidade, de privar a generalidade dos homens de uma aquisição cultural, que se processa com mais ou menos rigor, mas nunca tem o rigor de que são capazes os especialistas.

Não me parece argumento

em favor da escolha de Bomtempo, e contra a de Verdi, que o Requiem daquele tenha sido dedicado a Camões, e executado pela primeira vez em Portugal «por ocasião das exéquias, em honra de Freire de Andrade, e outros mártires da liberdade». Pessoa terá apressado a aceitação do verso livre entre nós, mas não foi um mártir da Liberdade. Nem talvez deixasse de prestar a críticas fazer ouvir, a propósito de Pessoa o que foi composto para exaltação de Camões. Nem o túmulo do poeta da *Mensagem* ficará ao lado do d'Os Lusíadas. São ambos muito grandes.

Mas não se confundem. De certo ponto de vista, um é mito antigo e nacional. Implica com a consciência nacional. Para o outro, começou há pouco o trabalho do tempo e da opinião, que forja os mitos. Eu acho legítimo, e é costume, sondarem os governos o estado de adiantamento deste trabalho e ajudarem-no. Ficam mal, quando não o fazem. O ponto não está em preferir Bomtempo a Verdi. Mas em saber se o espírito de Verdi é o que mais se adequa, passe o paradoxo, à personalidade de Pessoa.

A mesma equação teria, porém, de se fazer a propósito do Requiem de Bomtempo, muito «de época». Pela sua inegável beleza e pelo grande êxito que alcançou, o de Verdi separou-se mais das circunstâncias da sua composição. Nós comemoramos agora Pessoa ou Bomtempo? Adequada seria, se fosse conseguida, uma composição realizada especialmente para o efeito. E o Ministério da Cultura não esqueceu que é relativamente reduzido, por enquanto, o número de composições sobre poemas de Pessoa, ou inspirados no poeta. No quadro do Ano Europeu da Música promoveu um concurso internacional para as conseguir.

À falta desse Requiem especial, porque não o de Palestrina, o de Vitória, o de Berlioz, o de Saint-Saëns, o de Fauré, em vez do de Verdi, tão teatral? Teatral... Pessoa foi «drama em gente». Talvez houvesse quem pugnasse por cada um daqueles. E pelo de Mozart, claro... Mas o de Mozart tem sido executado em Portugal nos últimos anos, e o de Verdi não.

Comparando verso livre e música atonal, seria de preferir Schönberg, contemporâneo de Pessoa, e cujo período atonal

engloba os tempos do Orfeu. Até nós podemos defender que Pessoa tenha sido o maior poeta da primeira metade do séc. XX, à escala do mundo. E, à mesma, terá sido Schönberg o compositor mais importante e inovador. Mas não me deixou nenhum Requiem. Por outro lado, a escolha de Verdi visa uma audiência mais larga. Afinal a cerimónia que se prepara não tem que comunicar-nos em música qualquer mensagem de Pessoa, mas que assinalar uma homenagem pública — de um largo público nacional e internacional — a um poeta, cuja dimensão transcendeu as fronteiras da nação e da língua. E poderia apostar-se que o Requiem de Verdi é, de todos, o que tem conquistado um mais largo público, como é o que prefere o público português.

A propósito da escolha, falar como faz o «Diário de Lisboa», de «colonialismo da música italiana» e dos «malefícios» dessa colonização em Portugal no séc. XIX, parece-nos despropositado e anacrónico, mesmo que o Bomtempo reaja no seu Requiem, como doutamente nos ensina o jornal, contra essa influência dominante...

E passa as marcas do bom

Pontos De Vista Há 600 anos

Eugénio Alves



Contam notícias e reportagens que, anteontem, 14 de Agosto, 650 militares dos regimentos de Infantaria de Abrantes e de Tomar «recriaram» o combate travado há seis séculos «entre portugueses e castelhanos», no campo de S. Jorge, freguesia de Aljubarrota. Que depois do combate orquestras e bailarinos encenaram «viagem» pelas etapas da nossa expansão. Que as «cinzas» do condestável passaram a noite de 13 para 14 no mosteiro da Batalha e assistiram à «evocação», ao lado do Presidente, do Primeiro-Ministro, do vice-Primeiro, dos ministros das Finanças, da Administração Interna, do cardeal-patriarca e doutras figuras militares, religiosas e civis. Símbolos, evocações, eleições à vista...

Aljubarrota foi importante, certamente. Ajudou a consolidar uma Nação, sem dúvida. Abriu caminho à Expansão, claro. Mas não passou, sejamos modestos e rigorosos, de um episódio mais da primeira «grande guerra europeia», a Guerra dos Cem Anos. Ingleses e franceses percorreram, durante largos anos, os campos da Flandres, de Gales, da Gália e da Ibéria, com pequenas e grandes alianças, visando a supremacia do continente ascendente. Em Malpertuis, junto de Poitiers, trinta anos antes de Aljubarrota, Eduardo III, «o príncipe negro», ensaiou vitoriosos «covas de lobo» (pequenos fossos que travaram as primeiras investidas da cavalaria francesa) e a mortal pontaria dos arceiros ingleses. Covas e arceiros que em Aljubarrota, do lado português, resolveram em definitivo a sorte da batalha e a coragem (verdadeira) do nosso Condestável.

Um cronista da época, Froissart, deu esses pormenores minuciosos, ouvidos, na Flandres, da boca de um cavaleiro português que esteve na batalha. E contou ainda, por exemplo, que muitas centenas dos cavaleiros do exército franco-castelhano eram portugueses e foram chacinados implacavelmente, tal como os franceses. Fernão Lopes, um cronista arguto e sério, prescindiu de tais factos? Porquê ignorá-los, ainda e agora?

Adiante. Há seiscentos anos, Iupanqui crescia junto do majestoso império inca. Acamapichico, senhor azteca, preferia a natureza, a poesia, a agardente de milho e aceitava que as flores e as canções fossem «riqueza e alegria». Os Ming iniciavam um longo e lendário império e Tamerlão, nobre mongol, da escola turca, dominava os persas, forrando paredes e torres com cadáveres.

Na Ibéria, os caminhos de «integração» europeia deram, em 1385, o primeiro passo. Ficámos «amigos» dos ingleses. Demos passos para as caravelas e para certas riquezas. E certas amizades e alianças pagam-se bem. Quanto ouro e prata «marcharam» de Lisboa, directamente, para Londres, para a primeira grande industrialização? Ficámos com vinhos, sol e algumas colónias, que já foram. E cá vamos, cantando fictícias batalhas e ingratas alianças.

Os fenícios deixaram neste litoral raízes profundas. Continuamos campeões do improviso, da facilidade... e herdeiros de 800 anos de «pesada» História!

senso insinuar o mesmo jornal que o Ministro da Cultura «quer agora reeditar a vitória do mesmo colonialismo». Ou que todo o projecto em apreço releva «de outra música», e de um intuito de propaganda, que também me é assacado.

De resto, ainda se conhece pouco de Bomtempo. Até o autor destas linhas determinou por despacho que se procedesse ao inventário descritivo das suas obras publicadas e inéditas (completas estas ou incompletas). O seu próprio anti-italianismo, merece umas ressalvas. Português, decerto! mas era filho de italiano. Deveu muito a outro italiano (Clementi). Glosou trechos italianíssimos de grandes músicos italianos.

Demorar-me-ei pouco na insinuação ou acusação de «propaganda». Vá que se apresentasse o projecto como discutível operação de «grande prestígio». Mas de «propaganda»? Que actos meus, no Governo ou fora dele, poderão ser taxados de propaganda? E propaganda de quê? De Pessoa? Dos Jerónimos? De Verdi? Do «colonialismo musical italiano»?

Finalmente uma palavra sobre os custos da operação.

Escreve o articulista anónimo que «se fala de uma verba de 35 mil contos» para o efeito. Ou seja, horror dos horrores!, sobretudo para pagar os tais «nomes sonantes» da ópera italiana: o Carreras, o Domingo, a Freni (o Carreras como suplente do Domingo, ou o Domingo como suplente do Carreras?).

Estas coisas que se insinuam sob capa do «diz-se», do «refere-se», do «consta que» não me parecem relevar do melhor jornalismo. E de uma coisa tenho a certeza, à beira de deixar o cargo. Ninguém me poderá acusar de ter gasto muito ao orçamento. Compare-se o que coube à Cultura comigo e com os que me precederam, logo se verá. O que eu tive para o Requiem, que foi nada, e para o resto, longe de atrair pelo cachet os tais «nomes sonantes» da ópera italiana, não chegava, *mutatis mutandis*, para mandar cantar um cego.

Nota da Redacção: Refere-se o senhor ministro da Cultura, ao longo da sua resposta, ao «Diário de Lisboa» como responsável pelo texto em causa. Na verdade, como foi oportunamente corrigido, tratava-se de um texto do nosso colaborador Mário Vieira de Carvalho que por lapso técnico não estava identificado.

Governador desmente "cansaço" de Portugal em administrar Macau

O governador de Macau, Almeida Costa, desmentiu ter, em algum momento, afirmado que Portugal está cansado de administrar Macau. A afirmação, reproduzida por uma agência noticiosa estrangeira, constaria da entrevista ao governador a publicar pela revista de Hong Kong, «Far East Economy Journal».

Interrogado por um jornalista da RDP-1, Almeida e Costa confirmou essa entrevista, mas refutou que tenha feito tão polémica declaração.

Apenas disse, esclareceu, «que a solução de Macau deveria ser encontrada através das negociações entre os dois Estados, Portugal e a República Popular da China».

«Era, pois, prematuro, mau grado as muitas declarações, observações e afirmações que, na área chinesa, se têm feito, afirmar o que irá acontecer antes de essas negociações se fizerem», acrescentou o governador.

«Não disse nunca, nem está na minha ideia, nem poderia estar, que Portugal está cansado de administrar Macau», salientou Almeida e Costa. Disse, isso sim, que, quanto ao tempo, ao número e aos anos de período de transição, deviam ser matéria a decidir de comum acordo entre os dois Estados.



GENERAL

MANUEL ANTÓNIO VASSALLO E SILVA

Missa do 7.º Dia

Maria da Luz Pereira Monteiro Vassallo e Silva Sors Lagrifa, marido, filhos e netos, Fernando Manuel Pereira Monteiro Vassallo e Silva, mulher, filhos e netos, Maria Fernanda Pereira Monteiro Vassallo e Silva da Cunha Bernardino, marido, filhos e netos e mais família participam o seu falecimento e que será celebrada Missa, Sábado, na Igreja de S. Sebastião da Pedreira, pelas 12.30 horas.

AGÊNCIA BAPTISTA «FILHO»
Tel, 63 61 26

Socialistas preparam-se no Algarve

Filipe Madeira promete campanha à "nórdica"

O PS vai fazer uma campanha à nórdica no Algarve, afirmou à agência NP o líder socialista Luís Filipe Madeira. O actual cabeça de lista do PS no círculo de Faro disse que a campanha eleitoral do seu partido será baseada em acções que provoquem ajuntamentos de 30 a 40 pessoas a quem, depois, são explicados os objectivos do PS.

Mas a par desta influência nórdica, os socialistas contam também realizar um grande comício mais tradicional com a presença do secretário-geral do PS e Primeiro-Ministro, Mário Soares e, ainda, fazer desfilar pelo distrito uma grande caravana com o candidato PS a Primeiro-Ministro, Almeida Santos.

No Algarve, os socialistas têm como objectivos o reforço do partido, o desenvolvimento económico e social tendo em vista a integração na CEE e a criação institucional da região

administrativa.

Nas declarações que fez à NP, Madeira repetiu o que já tinha afirmado sobre o reforço da componente social-democrata do PSD local com a integração de António Capucho e de Mendes Bota, mas salientou também que José Vitorino, saneado por Cavaco Silva, foi sempre «um sistemático defensor dos interesses pontuais do Algarve».

Rejeitando a tese do PSD de «um primeiro-ministro algarvio para o Governo», Luís Filipe Madeira, que é advogado em

Faro, disse que Cavaco Silva, embora algarvio de origem «está desde há muito profissional e emocionalmente ligado a Lisboa, como resulta do facto de nunca ter sido candidato pelo círculo».

«Contra Cavaco Silva — acrescentou Madeira — pesa ainda o facto de, numa atitude estalinista, ter afastado José Vitorino, substituindo-o por um candidato estranho à região e sem o apoio expresso dos militantes do PSD no Algarve».

Qualificando o PRD como «um grande vazio político» à espera de um «chefe que há-de vir, se vier», Luís Filipe Madeira mostrou-se confiante em que «no que respeita ao eleito PS não haverá mudança de voto que, aliás, se traduziria sem vantagens para ninguém, no fortalecimento das posições eleitorais relativas do PSD e da APU».

APU revela apoios nas áreas cultural e sindical

Os escritores Cardoso Pires, Maria Velho da Costa e Carmelo e Silva, a actriz Eunice Muñoz, os cantores Maria Guinot e Carlos do Carmo os músicos Isabel Pimentel, Aníbal Lima, Nuno Represas e Carlos Paredes, são alguns dos apoiantes da Aliança Povo Unido, segundo revela hoje uma nota do Gabinete de Imprensa da coligação, em Lisboa.

Entre os nomes divulgados como apoiantes da APU, há a registar ainda os de numerosos intelectuais, artistas, quadros técnicos e dirigentes sindicais (António Teodoro, Ulisses Garrido, Cândida Calvário).

Évora

António Gervásio, cabeça de lista da APU por Évora, afirmou ontem nesta cidade, no acto de apresentação dos candidatos, haver condições para a coligação PCP/MDP/Verdes derrotar a direita nas próximas eleições.

Membro da comissão política do PCP, António Gervásio disse ainda ser o maior objectivo em Évora da APU, aumentar o seu número de deputados que, neste momento são três (em cinco possíveis).

Além de António Gervásio, fazem ainda parte da lista da APU como candidatos efectivos, Custódio Gingão (operá-

rio agrícola), António Vidigal Amaro (médico), José Figueira (empregado de escritório) e Catarina Ferreira (funcionária pública).

Como suplentes aparecem Celino Silva (empregado de seguros), Maria Luísa Marcão (funcionária pública), Maria Luísa Salsinha (operária agrícola), Guilherme Vicente (bancário) e Jorge Araújo (professor universitário).

Salários em atraso

A APU defendeu ontem a criação de um fundo, sustentado por contribuições da empresa, que assegure o pagamento dos salários em atraso. No documento divulgado, a APU, preconiza também, a penalização dos proprietários e administradores de empresas que não paguem salários, nomeadamente com a proibição de levantamentos de dividendos, e a sua responsabilização criminal no caso de fraude ou cabotagem da empresa.

«O PCP e a APU — termina o documento — desde já se propõem renovar na próxima Assembleia da República as propostas que garantam a resolução do problema dos salários em atraso, que também é motivo de descrédito internacional para o Estado português.»

Conselho da Comunicação Social decidiu

Não há debate entre Almeida Santos e Cavaco

O Conselho de Comunicação Social proibiu a realização de uma frente entre Almeida Santos e Cavaco Silva sobre política económica.

Uma directiva aprovada por aquele órgão, reunido na quarta-feira passada refere que a RTP «poderá transmitir um debate sobre o mesmo assunto em que seja admitida a participação de dirigentes dos partidos que constituem grupo parlamentar» e de «partidos como expressão sócio eleitoral comprovadamente detectada», como representantes da oposição.

Segundo o CCS, a realização do debate nesta fase de

pré-campanha eleitoral «pode pôr em causa a independência de um órgão de informação do sector público face ao Governo».

Para o Conselho, um debate que exclua os partidos da oposição «leva a supor que com ele não ficará suficientemente assegurado o pluralismo ideológico, nem a possibilidade de expressão e confronto das diversas correntes de opinião».

Queixa de Jardim

O presidente do Governo Regional da Madeira participou criminalmente contra o «Diário de Notícias», de Lis-

boa e contra Elena Muriel. A razão desta ofensiva de Alberto João Jardim reside em declarações proferidas numa entrevista em que se diz que Jardim teria impedido a realização de filmagens na Madeira, de «Eternidade». Esta afirmação, segundo o Governo da Madeira, não corresponde à verdade e é caluniosa e injuriosa.

O Governo Regional afirma que a publicação de tal acusação é «flagrantemente dolosa» e que o que foi recusada foi a concessão de um subsídio à produção cinematográfica com «os sessenta mil contos solicitados».

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS E DO PLANO
COMANDO GERAL DA GUARDA FISCAL
CONSELHO ADMINISTRATIVO

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA O FORNECIMENTO DE «VIATURAS PARA O TRANSPORTE DE PESSOAL»

Processo N.º 448/85.

1. Faz-se público que está aberto concurso público para o fornecimento à Guarda Fiscal de «VIATURAS PARA O TRANSPORTE DE PESSOAL».
2. Serão recebidas propostas até às 17.30 h, do dia 23 de Setembro de 1985, procedendo-se à abertura às 10.00 h, do dia imediato, 24 de Setembro de 1985.
3. O Caderno de Encargos está patente no Conselho Administrativo do Comando-Geral da Guarda Fiscal à Rua da Cruz de Santa Apolónia, 2-1100 LISBOA, durante as horas normais de expediente, podendo ser fornecido ao preço de 30\$00 cada exemplar.
4. A caução provisória a prestar será de 200 000\$00.

EXCURSÕES
DE
LUXO

AVIC
VIAGENS • TURISMO

HOTEIS DE 1
TODAS
AS SEMANAS

MINHO E TRÁS-OS-MONTES - BEIRAS

PARTIDAS A 25/8 • 8 E 22/9
6 DIAS — PENSÃO COMPLETA 28700\$

FÉRIAS DE LUXO NO MINHO

PARTIDAS A 21/8 • 4 E 18/9 • 2/10
COM ARRAIAL NA QUINTA DO SANTOINHO, PASSEIO NO RIO DOURO E PASSEIO MISTÉRIO NO PARQUE DA PENEDA-GERES
5 DIAS — PENSÃO COMPLETA 23700\$

ALTO MINHO - GERES - CANIÇADA

PARTIDAS ÀS 8.ªS FEIRAS E SÁBADOS
3 DIAS — COM ARRAIAL, PASSEIO NO DOURO E PASSEIO EM MINI-BUS NO PARQUE DA PENEDA-GERES — ALOJAMENTO EM BRAGA E VIANA
PENSÃO COMPLETA 13900\$

NORDESTE TRANSMONTANO E BEIRAS

PARTIDAS A 5 E 19/9 • 3 E 31/10
4 DIAS — PENSÃO COMPLETA 16900\$

FIM-DE-SEMANA NO ALGARVE

COMPLETA VISITA — PENSÃO COMPLETA 8500\$

TOMAR - FÁTIMA - GRUTAS 1100\$

VILA VIÇOSA E ÉVORA 1300\$

PENICHE - ÓBIDOS - NAZARÉ 1100\$

PROGRAMAS ESPECIAIS PARA A EUROPA E MARROCOS

Reservas e informações na

AVIC
VIAGENS • TURISMO

LISBOA

AV. 5 DE OUTUBRO, 53
TELEFS. 521116 7 - 572970
1000 LISBOA

ESTAMOS ABERTOS
A HORA DO ALMOÇO

FUP só concorre em sete círculos

A FUP apresenta candidatos em apenas sete círculos eleitorais para não fornecer mais nomes à Polícia. Um comunicado deste partido, que tem sido associado pelas autoridades policiais às FP-25, diz que «não participará em todos os círculos eleitorais pois considera intolerável fornecer mais nomes para o ficheiro da nova PIDE».

Já tem, assevera a FUP, «demasiadas camaradas presos, sob a ridícula acusação de 'flagrante delito' só por pertencerem a uma organização política legal».

Recorde-se que este partido apresenta 160 candidatos nos círculos eleitorais de Lisboa, Porto, Setúbal, Braga, Leiria, Beja e Évora, sendo que em três deles os cabeças de lista estão presos à ordem do processo das FP-25 — Mouta Liz, César Escumalha e Joaquim Gomes.

Para os candidatos

PRD vai ter manual

O Manual do Candidato vai ser entregue a todos os candidatos do PRD às eleições de Outubro, num seminário que se realiza em Lisboa a 7 de Setembro.

Nele participarão os elementos da Comissão Directiva do PRD e ainda os da Comissão Técnica Eleitoral que é presidida pelo capitão Marques Júnior.

Esta comissão aprovou já o «slogan» eleitoral do partido — «Nós Cumprimos a Esperança» — que será inscrito no único cartaz divulgado nesta fase, apenas com o símbolo do partido. A juventude terá também um cartaz próprio e no decorrer da campanha eleitoral poderão aparecer mais um ou dois, segundo disse Marques Júnior. Este antigo capitão de Abril garantiu que na distribuição da propaganda eleitoral do partido não serão utilizados, pára-quedistas, sendo a campanha do PRD «não personalizada e discreta».

Almeida Santos promete secretaria da desburocratização

O ministro de Estado Almeida Santos defendeu a criação de uma Secretaria de Estado da desburocratização, para simplificar e desburocratizar o aparelho administrativo do Estado, objectivo em que também se insere a eliminação do papel selado.

Almeida Santos, que é o candidato do PS a primeiro-ministro, anunciou também a promessa de acabar com alguns impostos «cujas receitas não chegam para pagar as despesas que a sua cobrança acarreta».

Ambas as afirmações foram proferidas numa entrevista que o dirigente socialista deu à agência ANOP. Nela afirmou que a introdução do Imposto de Valor Acrescentado (IVA) e o desenvolvimento do imposto único sobre o rendimento poderão contribuir para a reforma do sistema fiscal português que data de 1963.

Noutro passo da mesma entrevista, Almeida Santos admitiu a extinção de alguns organismos hoje com consagração constitucional, nomeadamente o Conselho Nacional do Plano que poderia ser substituído com vantagem por um Conselho Económico Social com a composição tripartida.

Admitiu ainda a criação de «algo parecido com um hospital de empresas, onde os empresários em dificuldades ou as respectivas comissões de trabalhadores se possam dirigir para apresentar os seus problemas. Tratar-se-ia de um instrumento de grande mobilidade e eficácia para analisar rapidamente a viabilidade ou não de cada empresa e para propor soluções a tempo».

«A visão macroeconómica da economia desconheceu, em grande medida, a realidade viva — fonte de riqueza e de emprego — que é a empresa», disse o dirigente socialista, que acrescentou que «o tempo em que o médico único era a banca pública aproxima-se do fim».

«Temos de agir antes que adoeça o próprio médico», disse ainda Almeida Santos para depois acrescentar que «a última coisa que empregadores e em-

pregados desejam é uma postura liberal indiferente aos casos concretos da nossa economia».

Sobre o tema da regionalização, o ministro de Estado advertiu para os perigos de ela constituir como que um «tecto à natural extensão das competências e dos meios ao dispor dos municípios» já que poderão «gerar aparelhos burocráticos duplicadores estrutura do poder central».

«O poder local e regional, disse Almeida Santos, «é condição de descentralização mas deve evitar-se tudo quanto se aproxime de longe ou de perto do risco de federalização do país».

Esperançado em que o PS venha a obter maioria dos votos nas próximas eleições, o ministro disse: «Estamos ansiosos por poder governar segundo o nosso próprio programa e segundo as nossas próprias preocupações de justiça social. Temos respostas para os problemas que afligem o país. Deixem-nos dá-las sem que nos ponham paus nas rodas».

Falando do seu mais directo rival, Cavaco Silva, disse Al-

meida Santos: «Adopta o autoritarismo da pior direita, servido por um discurso que pretende ser de esquerda. Não recua perante a demagogia como não recuou na sua prática em 1980. A retoma do papão de um Governo PS/PCP está tão fora da realidade que chega a surpreender pelo inesperado. Julgamos definitivamente enterrado o tempo em que ser adversário equivalia a ser pró-comunista».

Ronda pelas praias

No próximo fim-de-semana o candidato do PS a primeiro-ministro inicia a sua ronda pelas praias com espectáculos organizados pelo Partido Socialista. No sábado estará em Mira e domingo em Espinho.

A ronda das praias, com espectáculos socialistas, iniciou-se segunda-feira na Ericeira, esteve terça em Peniche, quarta-feira na Nazaré, quinta-feira em Vieira de Leiria e hoje estará na Figueira da Foz, todos eles com a presença do secretário da Juventude Socialista, José Apolinário.



IV TORNEIO INTERNACIONAL DE LISBOA 16, 17 e 18 de Agosto de 1985



6.ª-feira (E. Alv.) — 21.00 horas — SPORTING — SHAMROCK (Camp. da Irlanda)
Sábado (E. Luz) — 21.00 horas — BENFICA — SHAMROCK
Domingo (E. Luz) — 21.00 horas — BENFICA — SPORTING

Tabela de preços

	1.º e 2.º dias	3.º dia
Central	750\$00	1000\$00
B. Lateral	500\$00	750\$00
Superior	350\$00	500\$00
Sócios	200\$00	300\$00

Ingresso de Associados

- Os associados do S.L.B. e do S.C.P., mediante a apresentação do bilhete de sócio e respectivo cartão, terão ingresso para o seu lugar habitual, nos jogos que se realizam nos seus Estádios.
- Os associados do S.C.P. mediante a apresentação de bilhete especial e respectivo cartão, terão ingresso para o lugar de Superior Central (3.º Anel) — Rampas 2 e 3, no jogo BENFICA-SPORTING.

Bilhetes à Venda 1.º e 3.º dias

A partir de 13 de Agosto, no Estádio José Alvalade:
— Das 10.00 às 20.00 horas

2.º e 3.º dias

A partir de 13 de Agosto, na Secretaria do Sport Lisboa e Benfica (Rua Jardim do Regedor, 9 — 1.º) e nas Bilheteiras do Pavilhão n.º 2 no Estádio da Luz:
— Das 9.30 às 12.00 e das 14.00 às 18.00 horas

Devido à sua ausência no programa "Canal Livre"

Lopes Cardoso e Basílio Horta condenados pela Reforma Agrária

O Secretariado das UCP's e Cooperativas Agrícolas da Zona da Reforma Agrária condena, em comunicado, a ausência no Programa «Canal Livre», da RTP-2, no passado dia 12, dos ex-ministros da Agricultura, Lopes Cardoso e Basílio Horta, e do adjunto do governador civil de Beja, Armando Silva. O programa, coordenado pelo jornalista Alípio Dias, acabou por não ir para o ar, dado que dos convidados apenas compareceu em estúdio o representante do STADE, Mário da Silva.

«Quem não deve não teme — lê-se no comunicado do Secretariado — mas não é isso que acontece com os referidos ex-ministros da Agricultura,

ambos ligados a forças políticas que tudo têm feito para destruir a Reforma Agrária e são uns dos grandes responsáveis pela destruição da nossa agricultura. O eng. Lopes Cardoso deu início à destruição da Reforma Agrária ao mandar entregar dezenas de herdades, gados e outros bens a grandes agrários do Alentejo, como por exemplo a Herdade da Ladeira, com cerca de 800 hectares, aos agrários Vacas de Carvalho, de Montemor-o-Novo. Quanto ao dr. Basílio Horta desde a primeira hora se mostrou como autêntico inimigo da Reforma Agrária e dos trabalhadores.»

O Secretariado refere depois

que a presença do seu representante na RTP teria tornado possível o alertar da opinião pública para «as centenas de ilegalidades cometidas nas UCP's e cooperativas, os roubos e saques, a repressão utilizada contra os trabalhadores».

Afirma ainda o Secretariado que, em virtude da política seguida pelos Governos contra a Reforma Agrária desde 1976, 220 UCP's foram destruídas, 52 mil postos de trabalho foram liquidados, 500 herdades foram abandonadas e subaproveitadas, pelo que a denúncia pública destes factos e do autêntico regaço dos dinheiros públicos não interessava aos dois ex-ministros da Agricultura».

Homenagem ao embaixador da Nicarágua

O embaixador da Nicarágua em Lisboa, Fanor Herrera, e esposa, Maritza, que em breve vão regressar ao seu país, foram ontem homenageados por um grupo de amigos do casal e defensores da revolução sandinista.

Como se salientou nos breves improvisos, proferidos pelo marçal Costa Gomes e pelo dr. Silas Cerqueira, a diversidade de opções políticas e crenças religiosas dos portugueses presentes na homenagem demons-

tra que a solidariedade militante para com a revolução sandinista e os direitos à livre escolha do modelo de sociedade que pretendem edificar e sentida por muitos portugueses, apesar das divergências de opinião.

A personalidade dos homenageados mereceu também sinceros louvores, sendo salientado que Portugal foi também para Fanor e Maritza uma tricheira de luta pela soberania, independência e libertação do povo da Nicarágua, trincheira

onde eles souberam ocupar com a maior dignidade o seu lugar.

A encerrar a festas de homenagem, Fanor Herrera proferiu um breve discurso no qual manifestou a certeza de que a luta do seu povo prosseguirá sem desânimos e se saldará pela vitória. Fanor Herrera agradeceu depois a solidariedade do povo português para com a revolução sandinista e lembrou as múltiplas manifestações dessa solidariedade que na sua qualidade de embaixador testemunhou entre nós.

São familiares de funcionários da EDP

Cem mil portugueses não pagam electricidade

Entre 1975 e 1980 o consumo de electricidade das famílias portuguesas aumentou 2,5 vezes mais rápido do que os seus rendimentos, indica um estudo a que a NP teve acesso, e que revela que, pelo menos 100 mil portugueses, não pagam electricidade.

«A análise retrospectiva à situação energética portuguesa» é da autoria de Henri Baguenier, professor do Instituto Superior Técnico e abrange o período 1973/1983. No estudo refere-se que 100 mil portugueses gozam do privilégio de não pagar electricidade (os cerca de 25 mil trabalhadores da EDP e respectivos agregados familiares).

«Até a um passado muito recente, a política dos preços da energia ao consumo (quer dizer, os preços realmente pagos pelo consumidor) não era resultado de uma lógica económica qualquer, mas sim a herança de um sistema elaborado numa altura em que a matéria-prima energética era tão barata que em muitos países os produtos energéticos se tinham tornado num instrumento de política fiscal», es-

creve o docente do IST.

Em Portugal, a «aproximação» inevitável entre preços, ocorrida em toda a Europa, não se chegou a verificar de modo completo, tendo sobrevivido aos dois choques petrolíferos, refere o estudo.

Desta forma, por exemplo, razões puramente fiscais favoreciam o consumo de gasóleo (que o sistema de refinação produz em quantidades insuficientes) e penaliza ao máximo o consumo de gasolina (que o sistema produz em excesso, num mercado internacional deprimido).

«À electricidade é um óptimo exemplo das consequências desastrosas da política de preços errada» — diz o técnico sobre a situação em Portugal. «Assim, somente a partir de 1983 o preço pago pelo «consumidor familiar» reflecte uma «verdade económica», de resto posta em perigo pela subsistência do «escadalo» dos preços do Porto, pelas inúmeras situações de privilégio (os 25 mil trabalhadores da EDP representam, com as respectivas famílias, 100 mil consumidores, que praticamente não pagam electricidade), pela imensidão de factu-

ras por pagar, etc...

«Entre 1975 e 1980 o «preço político da electricidade» levou os consumidores a equiparem-se de material eléctrico mesmo para usos onde a utilização de electricidade não é racional», sublinha o documento a que a NP teve acesso e que será em breve entregue ao ministro da Indústria. «Assim, e enquanto que as utilizações correspondentes a necessidades em electricidade específica das famílias e do terciário não representam, em 1980, mais de 320 mil toneladas equivalentes de petróleo (TEP), o consumo estimado

neste sector foi de 497 mil TEP.

«Não é portanto de admirar que entre 1975 e 1980 o consumo de electricidade das famílias portuguesas tenha tido um aumento 2,5 vezes mais rápido do que os seus rendimentos, devido a essas famílias terem sido duplamente incitadas a consumir electricidade».

«Por um lado, a electricidade era-lhes vendida, em 1980, a um preço que em valor real era inferior ao preço de 1971 e por outro, nada foi feito para informar os consumidores sobre alternativas à electricidade para todos os usos térmicos

O ciclone que veio da América

«Claudete» atinge os Açores mas não causa grandes estragos

O ciclone tropical «Claudete» passou ao fim da manhã no canal marítimo entre as Flores e o Faial a mais de 100 km/h, muito embora inicialmente a sua actividade estivesse prevista para mais de 140 quilómetros por hora. Um informador do INMG admitiu ao «Diário de Lisboa» que a sua violência não causasse problemas de maior às populações açorianas.

O «Claudete» veio da costa americana e, depois de passar nas Flores e no Corvo, ontem à tarde, continuou a sua viagem para as ilhas dos grupos Central e Oriental do arquipélago, que atingiu esta manhã. Súbita e felizmente, ainda segundo o mesmo funcionário do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica esta manhã contactado pelo «DL», o ciclone perdeu violência ao fim da tarde de ontem, pelo que a sua própria actividade lateral não constituía já esta manhã especial preocupação. No entanto, ontem à tarde as previsões não eram nada auspiciosas.

O ciclone começou a afectar o tempo nas Flores e no Corvo, as ilhas mais reduzidas do arquipélago açoriano, ao princípio da tarde de ontem, com ventos superiores a oitenta quilómetros/hora. A SATA, empresa que efectua as ligações aéreas interilhas, cancelou logo os seus voos para as Flores.

Por volta da meia noite o ciclone passou a Sudoeste das Flores, com ventos fortes, mas não da ordem inicialmente prevista (100 km) nem a violência que o INMG chegou a admitir em relação às suas rajadas: de 130 km/h.

Apesar desse quadro, «não haverá estragos importantes no arquipélago», admitiu-nos o mesmo informador do INMG ao prever o desenvolvimento e consequências do «Claudete» esta manhã.

No entanto, as condições de navegação chegaram a piorar ontem à tarde naquela área (grupo ocidental do arquipélago): o mar tornou-se mais tempestuoso e encapelado, com vagas na ordem dos seis metros de altura e por vezes mais.

O «Claudete», já com actividade lateral reduzida e, portanto, sem a violência inicialmente prevista, atingiu esta manhã as ilhas do grupo central (S. Jorge, Pico, Faial, Graciosa e Terceira) e, ainda hoje, poderá sentir-se nas ilhas de S. Miguel e Santa Maria.

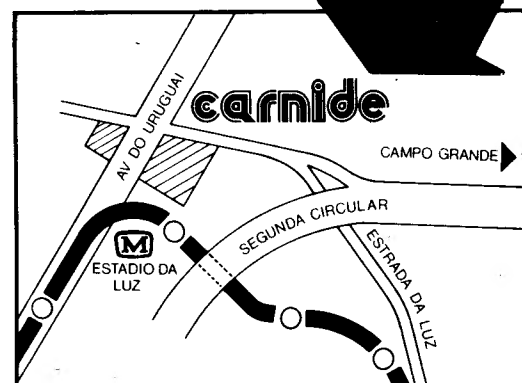
O «Claudete», como atrás dissemos, procede da costa americana, razão por que à medida que o ciclone se aproximava do arquipélago, a comunidade açoriana radicada nos Estados Unidos da América se procurava inteirar da situação dos seus familiares e amigos,

VENHA MORAR AQUI

EPUL
põe a concurso em
carnide
33 fogos de
2, 3, 4 e 5 assoalhadas
de 3608 a 6103 contos

3%
de desconto
com a sua inscrição até 30 de Agosto

NO ANDAR MODELO
7144470
VENHA FALAR CONNOSCO!



EMPRESA PÚBLICA DE URBANIZAÇÃO DE LISBOA
Alameda das Linhas de Torres, 198 - 1700 Lisboa
Tel. 79 30 94



**ESPECIAL
FÉRIAS/85**

HOTEL DO PARQUE — VIANA DO CASTELO

Sabemos que você precisa mesmo de umas férias tranquilas. 7 dias 9450.00 p/pessoa em quarto duplo no mês de Outubro, 12 250.00 em Agosto e 10 850.00 em Setembro, é a possibilidade que o Hotel do Parque, pensando em si, lhe oferece no sossegado ambiente das suas 4 estrelas, 2 piscinas climatizadas no coração do Alto Minho, além de agradáveis surpresas. (Pequeno sup. para ocupação quarto individual).

Peça-nos p.f. programa detalhado 'Especial Férias-85' por escrito C.P. 4900, através do telefone 24151/5, telex 3211 ou no seu habitual agente de viagens.

Portuguesa radicada na Bélgica diz-se agredida pela PSP

"Vim recordar o meu país: mas que violência, meu Deus"

Manuel Geraldo

Uma cidadã portuguesa, Maria do Carmo Sousa Freire, de 40 anos, radicada na Bélgica, está neste momento impedida de voltar à sua casa naquele país, após o Tribunal de Polícia de Lisboa lhe haver retido o passaporte, na sequência de uma queixa apresentada por dois elementos da 3.ª esquadra da PSP (subchefe Manuel Augusto Pereira de Sousa e guarda Manuel Monge Mesquita), sob a acusação de «tentativa de agressão e desobediência à autoridade».

PORTO NOVO

RESTAURANTE - CERVEJARIA

ESPECIALIDADE EM MARISCOS

Rua dos Remolares, 2 e 4 - Tel. 36 36 93 - LISBOA

Pão	1.650
Vinho	1.650
Cerveja	1.650
Marisco	1.650
Refrigerantes	1.650
Sopas	1.650
Peixe	1.650
Ovos	1.650
Carnes	1.650
Queijo	1.650
Doce	1.650
Fruta	1.650
Café	1.650



Maria do Carmo (as escoriações são visíveis) e uma fotocópia da conta, voluntária ou acidentalmente viciada, que esteve na origem do incidente

Maria do Carmo esteve na Redacção do «DL» e contou a sua versão dos acontecimentos: cerca das 22 horas, do passado sábado estava a jantar com o seu companheiro, de nacionalidade belga, e o filho de ambos, de quatro anos, no restaurante-cervejaria «Porto Novo», na Rua dos Remolares, frente à estação ferroviária do Cais do Sodré. Refeição terminada, pediram a conta, que, tal como a fotocópia reproduzida documenta, apresentava um acréscimo de mil escudos em relação à soma real. Maria do Carmo reagiu exigindo a rectificação da conta, mas, ao que nos disse, a resposta foi o apelo por parte do gerente do estabelecimento, aos dois elementos já citados da PSP que aparecem no libelo como acusadores. Um deles (o subchefe Manuel Augusto na versão de Maria), retirando o boné da cabeça não aceitou a argumentação verbal de Maria do Carmo, preferindo «atacar à cabeçada» o companheiro da nossa interlocutora, que, naturalmente, assumira a sua defesa.

Depois foi o cerimonial, já tristemente banalizado em circunstâncias idênticas, com o casal, e o filho, a serem conduzidos à esquadra da zona, com Maria do Carmo, ao que afirma, a

ser violentada, durante o percurso, pelos dois polícias, apresentando como prova as esqui-moses ainda visíveis cinco dias depois, no rosto e nos braços, as quais levaram ao seu internamento no Hospital de S. José, com o seguinte diagnóstico médico comprovado pelo documento que nos apresentou: traumatismo craniano e facial.

Ainda na esquadra aconteceram as declarações dos intervenientes na ocorrência e após a saída de Maria do Carmo do hospital, a exigência da sua presença no Tribunal de Polícia, onde, face ao prazo exíguo que lhe foi dado, não pode comparecer acompanhada de advogado e de testemunhas abonatórias e de defesa. Pelo que acabou de ser confrontada com o libelo, no qual de hipotética queixosa surge como ré, com base na exclusiva declaração dos dois elementos da PSP.

Conselho da Europa
e Direitos do Homem

Ao ser colocado perante o auto de notícia, e certamente motivado pelo relatório médico do

Hospital de S. José, o juiz de turno, no tribunal localizado ao alto do Parque Eduardo VII, decidiu adiar o julgamento sumário (que é norma em processos similares), permitindo assim que Maria do Carmo constituísse a sua defesa, mas retirando-lhe o passaporte até à realização do pleito, e impedindo, desta forma, o seu regresso, planeado para a semana em curso, ao país onde reside e trabalha.

«Vim cheia de alegria, até Portugal, para recordar e mostrar ao meu companheiro, e ao nosso filho, o país onde nasci. E afinal, aconteceu uma coisa destas. Que violência, e que desilusão, meu Deus!», desabafou para a nossa reportagem Maria do Carmo.

O «DL» apurou, entretanto, que o advogado de defesa de Maria do Carmo, dr. Carlos Pessoa, tem estado a tentar activar o processo, de forma a que o inquérito mandado instaurar pelo juiz avance e a sua constituinte seja julgada o mais breve possível. Só que as férias judiciais de Verão (com muitos magistrados e funcionários ausentes), acrescidas, ao que nos disse, da delicadeza do processo, face ao envolvimento de agentes da autoridade, têm dificultado a sua tarefa.

Em nossa opinião, pensamos que o dr. Carlos Pessoa tem razão no seu juízo, mas apenas em parte, pois conhecendo como conhecemos por dever de ofício, os bastidores dos Tribunais de Polícia, pensamos que não é apenas a falta de magistrados e funcionários e o envolvimento de agentes da PSP (eles estão envolvidos em todos os processos ali julgados) que estão a retardar o pleito num tribunal que chega a penitenciar dez e mais réus em cada dia. A razão principal em nosso entender, reside no facto de estar em causa a análise de um processo, envolvendo um cidadão estrangeiro (que já requereu o apoio da Embaixada da Bélgica em Lisboa) e a sua companheira. Porque isto de entrar para a CEE não subentende apenas a análise de «dossiers» económicos e quejandos. Diz também respeito à aplicação da Europa (e do Tribunal Internacional dos Direitos do Homem) está particularmente motivada. E em que as provas até agora dadas, não tem sido nada abonatórias para a nossa imagem.

Daí que muitos magistrados já tivessem começado a pensar, em termos de para lá dos Pirinéus, quando são solicitados a ditar sentenças, sobretudo quando confrontados com réus estrangeiros ou a eles aparentados. Ao menos que, neste aspecto, a CEE nos valha. Para bem da justiça em geral, e, neste caso, de Maria do Carmo em particular. Assim seja!...

"Surfista" decapitada por hélice de barco

Uma praticante de «Windsurf», Maria José Fonseca Ribeiro Azenha Martinho, de 26 anos, casada, trabalhadora-estudante, foi decapitada pela hélice de um barco de recreio, quando recolhia a prancha, no lago da Cela, em Quaias, Figueira da Foz. O barco, propriedade de um emigrante em França, era conduzido por um garoto de 13 anos. A malograda desportista residia em Tocha, Cantanhede.

Festeiro sem "crédito" enforcou-se em Penafiel

Ao que tudo indica por não ter conseguido reunir os 130 contos necessários para pagar as despesas das Festas de S. Caetano, em Raiva, de cuja comissão organizadora fazia parte, Martinho Pereira da Rosa, de 27 anos, enforcou-se numa esplanada, em Penafiel. Horas antes, Martinho Rocha comprometera-se a saldar o prometido a um rancho folclórico que participara nas festividades.

Pastor incendiário detido em Sintra

Fogo na serra de Mochique já carbonizou um agricultor

Um agricultor de 65 anos, António Inácio, morreu carbonizado na casa que habitava sozinho em Moscão-Alferce, destruída por um violento incêndio que, desde as 15 horas de ontem, está a devastar a serra de Monchique, em Fomalha Al-

ferce, nas proximidades de Silves. Combatido por sete corporações de bombeiros, o sinistro, ao que afirmou um porta-voz dos Voluntários de Monchique terá sido provocado, em princípio,

pela imprevidência do agricultor sinistrado ao efectuar uma queimada. As chamas, batidas pelo vento forte, já tinham consumido, até ao fim desta manhã, cerca de mil hectares de mata e eucaliptos.

A Polícia Judiciária deteve, entretanto, um pastor de 21 anos, com as alcunhas de «Gazcidla» e «Maneta», acusado de ter ateado perto de vinte fogos entre 1979 e 1984 na serra de Sintra. O incendiário era pago pelo patrão, que pretendia

obter com os fogos melhores pastagens para o gado nas zonas devastadas. O processo refere ainda o envolvimento de mais cinco jovens, incluindo uma rapariga, n-o detidos devido à sua condição de menores.

Em declarações à ANOP, um responsável do Serviço Nacional de Bombeiros referiu que, desde o início de Julho, as chamas já consumiram no continente, 49,931 hectares de floresta e mato, tendo sido o Alentejo a província mais afectada.

Mário
Castrim



ESTIMADOS espectadores,

encontramo-nos numa rua de Lisboa para assistir a um acontecimento insólito: a conferência de Imprensa dada pelos mineiros portugueses.

— Podemos saber o que fazem os senhores aqui?

— Estamos aqui por causa do regulamento das minas.

— Mas, então, esse regulamento já não existe?

— Claro que existe e há mais de um ano.

— Suponho, então, que os senhores estão protestando contra o regulamento.

— Engana-se. Não protestamos contra o regulamento.

— Por que razão não haviam de protestar contra o regulamento?

— E por que razão haviam de protestar contra o regulamento?

— Passámos anos a lutar pelo regulamento, meu caro senhor!

— Então, se não é para protestar contra o regulamento, é para protestar contra o quê?

— Em primeiro lugar, viemos aqui para falar com o manda-chuva da Inspeção.

— Qual o resultado?

— Nenhum. O chefe da Inspeção estava tão cansado, tão cansado que, quando soube que vínhamos aqui ao Ministério, entrou de férias. Deve estar a pensar no que há-de ele, e os outros colegas dele, prometer à gente, agora, em tempo de eleições à porta. Sim, porque só agora é que se lembram que o povo existe...

— Os senhores, os mineiros, não são os que têm mais razão de queixa.

— Essa é boa! Nas minas portuguesas há, em média, dois acidentes por dia. Alguns são mortais, como o que se deu, há dias, no Pejão. Há mineiros que morrem, percebe? E tudo por causa do regulamento.

— Mau. Mas não protestam contra o regulamento?

— Não, senhor.

— O regulamento é mau?

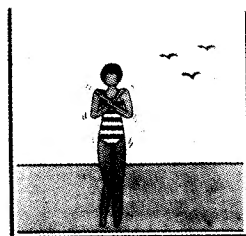
— Não, senhor.

— Há quanto tempo têm o regulamento?

— Temos regulamento há um ano.

— Mas, então, alminhas, já é a mania de protestar! Se têm um regulamento e se o regulamento é bom, o que é que os senhores querem?

— Queremos que se cumpra o regulamento...



SE
sentir frio
saia da água
o mais depressa
possível

"Era como nas fotografias da bomba atômica"

Explosão na fábrica de amoníaco da Quimigal fez oito feridos e elevados prejuízos

A explosão ontem verificada na fábrica de amoníaco da Quimigal, no Barreiro, provocou oito feridos, cinco operários da empresa e três residentes nas proximidades daquela unidade industrial, e elevados prejuízos materiais nas instalações, em casas e estabelecimentos comerciais da área. A violência da explosão levou um dos operários que assistiu ao incidente, horas depois do ocorrido, a confessar aos jornalistas: «era como nas fotografias da bomba atômica.»

«Primeiro ouvi um grande assobio e de imediato o enorme estrondo acompanhado de chamas», disse à agência NP uma das testemunhas oculares residente perto da fábrica. Eram 6 e 49 e, num raio de dez quilómetros, o despertar, em dia de feriado, era diferente: mais cedo, barulhento e inquietante.

Na origem do sinistro, segundo divulgou em comunicado a Quimigal, está uma falha mecânica de equipamentos. «Registou-se uma fuga de gases contendo hidrogénio seguida de explosão num reactor de conversão da unidade 300 da fábrica de amoníaco do complexo», refere o texto. A força da explosão levou a que o reactor, pesando cerca de 20 toneladas, tenha sido literal-

mente atirado a 150 metros de distância, caindo no armazém da fábrica e destruindo dois pilares de cimento armado. «Caiu num silo de cimento, mas se tivesse atingido o depósito do combustível, ou o amoníaco, não sei o que seria feito do Lavradio...», dizia, emocionado, um dos operários que presenciou a explosão.

Destruição num raio de 1000 metros

As reacções dos operários que na altura estavam na fábrica, eram naturalmente outras na população residente na área. Num raio de 1000 metros, os sinais da explosão ficaram bem patentes: janelas partidas, persianas irreconhecíveis, telhas levantadas num



Aspecto dos estragos causados nos prédios que circundam a fábrica de azotados da Quimigal consequências da inexistência de uma zona tampão

prédio situado a 150 metros do local do sinistro e, para todos, um grande susto e o temor de que um dia ocorra uma tragédia de maiores dimensões.

Resíduos queimados projectados até à Baixa da Banheira e as sirenes dos Bombeiros, despertaram a consciência para os perigos que ali se vivem. Um dos moradores, em declarações à Agência Notícias de Portugal, era pe-remptório: «a fábrica põe em perigo toda a população.»

No interior das instalações, os operários feridos eram transportados para o Hospital do Barreiro: José de Jesus Carrilho, Jorge Pereira Gonçalves, Carlos Alfredo Gomes Santos, Alcino Duarte Pacheco e Manuel José da Luz Antunes eram tratados a ferimentos originados por estilhaços de vidros. Outros três feridos, residentes nas imediações da fábrica, também recorreram ao serviço de urgência daquele hospital para igual tratamento.

Entretanto um grupo constituído pelo vice-presidente do Conselho de Gerência da Quimigal, Amaral Mântua, por um dos gestores da empresa, Leal da Silva, e por técnicos iniciava as primeiras investigações tendo concluído da existência de prejuízos no valor de 200 mil contos, o que determinará a paralisação da instalação de amoníaco, durante os próximos seis meses, tempo durante o qual 120 trabalhadores serão mobilizados para pôr a fábrica a funcionar. No entanto, de acordo com Harrington Sena, do Departamento das Relações Públicas da Quimigal, «não haverá quebra no fornecimento de adubos azotados à agricultura», e a empresa recorrerá, se necessário, à importação de amoníaco para a produção dos mesmos.

Não há zona tampão

Para Encarnação Coelho, responsável da segurança da

empresa, os danos verificados em habitações e estabelecimentos da zona, que serão cobertos pela Quimigal, resultam da inexistência de uma zona tampão, entre estas e as instalações fabris. «Na realidade a fábrica já existia quando foram construídos aqueles bairros», adiantou. «Considero que deve existir uma zona tampão, mas não acredito que haja uma área no nosso País, à excepção de Sines, em que tal área exista».

Na base deste problema, um crescimento urbanístico que põe em convívio forçado grandes instalações industriais laborando com produtos tóxicos e zonas residenciais. Esta situação determina a necessidade de existência, a nível concelhio, de um plano de emergência, para evacuação de pessoas, coordenado pelo órgão regional de Protecção Civil.

No interior da fábrica, como sublinha Encarnação Coelho, existe um plano de emergência, testado o ano

passado durante uma simulação bem como um vasto serviço de urgência que engloba um corpo de bombeiros privados, dotado de material específico para combate a incêndios. Um total de 240 homens estão afectos aos serviços de segurança, 105 dos quais em turnos 24 horas por dia. «Temos carros de pó, químico, autotanques equipados com canhões de alta e baixa pressão — o que possibilita o lançamento de água e espuma — uma rede de combate a incêndios em anel, detecção automática de fogo, geradores, quatro ambulâncias, etc».

Para além deste material, existe uma colaboração permanente com os Bombeiros do Barreiro e com o Departamento do Ministério do Trabalho encarregue da higiene e segurança no trabalho. «Todo o pessoal da fábrica tem uma reciclagem, através de um curso de meios primários de combate a incêndios», sublinha aquele responsável da segurança.



Populares e familiares de trabalhadores junto aos portões da fábrica: podia ter sido bem pior

Assassinou a mulher de quem estava separado

Um indivíduo, de identidade não revelada pela GNR, foi detido sob a acusação de ter alvejado mortalmente, a tiros de caçadeira, a mulher, de quem vivia separado. A vítima, Maria Amália Pires, de 32 anos, encadernadora, foi alvejada, ontem à tarde, à queima-roupa, quando saía da sua casa, em Lopus, Cacém, no concelho de Sintra. O casal tinha um filho de treze anos.

Com a sua integração no Ministério da Agricultura

Guardas de caça pretendem equiparar-se aos guardas florestais

Os guardas florestais de caça pretendem promover acções que obriguem o Governo a satisfazer um caderno reivindicativo com

dois anos de existência, segundo anunciou ontem a Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública (FNSFP).

Neste sentido, os guardas florestais de caça vão promover reuniões.

Em comunicado a FNSFP

sublinha que «a época de caça vai abrir, mais uma vez, sem que os cerca de 400 guardas florestais de caça tenham visto os seus problemas resolvidos».

Dois guardas fiscais entre 14 traficantes de droga

Dois guardas fiscais figuram entre os catorze indivíduos detidos, todos portugueses, por envolvimento numa rede de tráfico de droga que durante largos meses operou à escala nacional e internacional com heroína e cocaína provenientes da Índia e América do Sul, com destinos preferenciais para a Grã-Bretanha e Alemanha Federal.

Segundo a secção da Polícia Judiciária, especializada no combate à droga, o êxito desta investigação deveu-se à colaboração de polícias de outros países sempre que a internacionalização do tráfico se situasse no âmbito da sua competência.

Para além das capturas a Judiciária apreendeu grandes quantidades de heroína e cocaína, cujo valor no mercado retalhista ultrapassaria os 50 mil contos.

Os detidos que utilizavam a posição estratégica das suas profissões para intervenção nas actividades ilícitas são para além dos guardas fiscais, destacados no Aeroporto de Lisboa, um repórter fotográfico, o proprietário de uma firma exploradora de máquinas de poker, e vários outros com antecedentes

Sob a acusação de espionagem

a favor da África do Sul

Português julgado em Luanda poderá ser condenado à morte

Um cidadão português está desde a passada segunda-feira a ser julgado em Luanda com mais quatro réus (angolanos), sob a acusação de espionagem e traição à pátria, crimes passíveis da pena de morte. Trata-se do técnico de contas Amílcar Freire, de 65 anos, natural de Abrantes, que a acusação dá como «espião sul-africano», e chefe da rede que os outros co-réus integrariam.

De acordo com o processo, o réu, residente em Angola desde 1947 e, à data dos factos em Benguela, foi recrutado em 1981 pelos serviços secretos sul-africanos, a «Boss/Nis», na pessoa de Charles Austin, a quem conheceu em Lisboa, numa viagem de férias. Posteriormente teria passado a fornecer a Charles Austin informações sobre as FAPLA's, as tropas cubanas e soviéticas, a SWAPO, actividade económica

e movimento marítimo, primeiro a troco de 250 dólares por relatório, e depois mediante um vencimento mensal de 500 dólares (84 contos).

Amílcar Freire, que viria a ser detido em Setembro de 1984, é ainda acusado de ter seguido cursos de técnica de espionagem utilização de tintas simpáticas, criptografia e telecomunicações), quer na Embaixada da África do Sul em Lisboa, quer em Joanesburgo, aonde se terá deslocado em segredo.

Refere a ANGOP que Amílcar Freire e os restantes arguidos «confessaram espontaneamente os crimes» em tribunal, tendo o português reconhecido que foi um dos fundadores, em 1984, da «Quarta Força», organização dos colonos portugueses. O técnico de contas é ainda acusado de ter elaborado para a «Boss/Nis» um plano para eliminação de Sam Nujoma, o dirigente da SWAPO,

bem assim como informações sobre o movimento no porto de Luanda que possibilitaram o atentado que ali atingiu, em Julho de 1984, três navios de Cuba, Angola e RDA.

Quanto aos restantes réus são Francisco Alberto Albarrau Barata, de 61 anos, despachante oficial, do Lobito, Agatão Danga Kamati, de 24, da mesma cidade, colocado no Centro de Recrutamento de uma região militar, Eduardo Mário António, de 24, técnico da construção civil, do Lubango, e Francisco Martinho, de 23, chefe de Serviço do Departamento de Educação Ideológica do MPLA, na Huíla, e também do Lubango.

Sobre todos estes réus pendem acusações idênticas às formuladas contra Amílcar Freire no que se refere às FAPLA's, forças cubanas e soviéticas, SWAPO e situação político-militar.

Pescador e marítimo afogados no Sado

O pescador Rui Manuel Chagas dos Santos faleceu ontem no hospital de Setúbal para onde fora transportado depois de ter caído ao mar junto à lota daquela cidade. Segundo informou a capitania do porto.

Rui Manuel, conhecido pela alcunha de «O Fuinhas», foi socorrido por companheiros que se encontravam nas imediações, sendo-lhe feita respiração boca-a-boca, tendo o acidente ocorrido quando procedia a uma manobra no bote da traineira «Emília». O extinto, de 42 anos, casado e pai de dois filhos, morava no Bairro do Viso, Casal das Figueiras. A capitania informou ainda que o marítimo Saul Ferreira Dias, de 58 anos, casado, natural de Leixões, que estava a trabalhar em Setúbal nas obras da «Dragapor», apareceu a boiar na passada terça-feira. Saul Dias terá caído acidentalmente ao Sado junto da estacada um daquele porto.

Dois operários electrocutados em Évora

Dois operários de construção civil morreram na passada terça-feira electrocutados em Évora, quando a grua que um deles manobrava tocou um cabo de alta tensão. O acidente, que vitimou José Manuel Vieira Abreu, de 25 anos, manobrador da máquina, e Manuel Domingos Godinho, de 20, servente de pedreiro, ocorreu ao fim da tarde nas obras de construção do Bairro da Malaqueira, propriedade da Cooperativa Boa Vontade. Segundo testemunhas oculares, o servente Manuel Godinho morreu quando tentava socorrer o manobrador da grua.

Pedreiro suicida-se

Um pedreiro desempregado de Setúbal, Luís Fernando dos Santos Petronilho, suicidou-se anteontem na sua residência, ingerindo uma dose de «605-forte», insecticida utilizado para fins agrícolas. A Polícia Judiciária daquela cidade revelou que «Luís Petronilho deixou a seu lado papéis escritos, referindo que o seu acto se deveu aos desgostos em que havia mergulhado após a separação da sua mulher».

COMBOIO
DIRECTO

VIAGEM
VANTAGEM

LISBOA – GUARDA
APENAS 5.20 HORAS.
DESDE 885\$00.

Os comboios directos oferecem-lhe condições de viagem extremamente vantajosas, em custo e em tempo de percurso. E, agora, com o Horário de Verão 85, a CP põe à sua disposição mais 2 comboios directos por dia na Linha da Beira Alta.

Aproveite o comboio directo. Viagens mais rápidas. Preços mais acessíveis.



Comboio, a opção dinâmica.



Melão, doce melão, tem amanhã a V Feira em Vila Franca

Melão, doce melão: amanhã e domingo tem a sua V Feira em Vila Franca de Xira por iniciativa da Câmara Municipal local. Revelar, preservar e engrandecer o fruto, por excelência da lezíria ribatejana e dos campos de Almeirim, é o seu objectivo. A iniciativa data de 1981, quando a Associação das Tertúlias Vila-Franquenses, puseram de pé a Feira, inaugurada pelo Presidente da República.

O certame ganhou corpo, continuou a andar e, amanhã e domingo, é o quinto. A despeito dos problemas suscitados pelo seu não tabelamento, este ano, ele estará em força na sua Feira, no Jardim Municipal de Vila Franca de Xira, representado por diversos produtores. Haverá prémios para os melhores em cada grupo: branco, amarelo e tendral. Sem que a evocação pretenda influenciar o júri, lembre-se que Joaquim Pratas do Céu, Maria João Fernandes e Joaquim Lopes Moreira foram os vencedores do concurso de 1984, em cada um dos grupos acima referidos. Pedrosa Mar-

tins, Joaquim Paulino e Joaquim Dias Teodoro haviam sido os triunfadores da III Feira do Melão. Há dois anos, portanto.

O melão está para os avieiros como o toiro para o campino, costuma dizer-se no Ribatejo. Alves Redol escreveu-o e, falando dos avieiros acenou: «Espalhavam-se pelos meloais a carregar fruta, passando-a de mão para mão até aos saveiros. Verão nos campos é Inverno no rio, e há que procurar pão de qualquer maneira pois as safras do sável já não davam como dantes para o ano todo».

Hoje, já não é bem assim: o

itinerário do melão, desde a produção à venda, está mais sofisticado. Mas ainda se lembra Redol e «Avieiros» neste excerto: «Velas armadas, os barcos largavam rio abaixo para a venda de melões e melancias em Vila Franca que ficava no Tejo, ao trato das redes, era deixar a desgraça à ré-dea solta. O peixe a sentara-se, morto pelos arrastões grandes que pescavam à entrada da barra e as enguias não davam para o fio e para as licenças».

A V Feira do Melão, em Vila Franca de Xira é amanhã inaugurada e terá música, de manhã, folclore à tarde (Grupo Folclórico «Avieiros», Escaropim, Salvaterra de Magos) e uma corrida de toiros na «Palha Blanco», à noite. No domingo abrirá manhã bem cedo com uma corrida de baiteiras (barcos que transportam o melão), descarga do dito à tarde e mais folclore, encerrando com a distribuição dos diplomas do Concurso de Qualidade do Melão.

Dívida das autarquias já vai em 21 milhões

CGD concedeu 231 milhões de contos à habitação e construção

A Caixa Geral de Depósitos registou um lucro de 8,2 milhões de contos no ano passado, mais de 126 mil contos que em 1983, refere o relatório e contas daquela instituição de crédito, divulgado esta semana.

O documento salienta que, no exercício de 1984, a CGD concedeu crédito no montante de 557,9 milhões de contos tendo-se verificado um aumento de 115,9 milhões relativamente a 1983 o que, em termos relativos, traduz uma taxa de expansão de 26,2 por cento.

Em 1983, o aumento absoluto de empréstimos efectuados pela CGD ascendeu a 79,1 milhões de contos, comparativamente a 1982.

O financiamento total à agricultura e pescas elevou-se, no final de 1984, a 30,9 milhões de contos, o que representa um acréscimo de 1,8 milhões de contos, mais 6,1 por cento em relação a 1983.

O relatório sublinha que a modéstia deste aumento se explica pela acentuada tendência para o autofinanciamento, designadamente por parte das unidades cooperativas, bem como pela continuada redução das aplicações da CGD nas Caixas de Crédito Agrícola Mútuo.

O crédito destinado às indústrias extractivas e transformadoras foi de 107,4 milhões de contos, mais 16,6 milhões, ou 18,3 por cento, que no penúltimo ano.

O sector das metalomecânicas, de material eléctrico e dos transportes recebeu 38,7 milhões de contos em empréstimos, seguindo-se o sector das químicas e borracha com 18,6 milhões de contos.

A estes dois sectores ficou a dever-se, conforme refere o relatório e contas da CGD, o aumento do crédito industrial concedido em 1984, uma percentagem que atingiu os 67 por cento.

O crédito destinado à construção civil e aos particulares para compra de habitação cifrou-se em 231,8 milhões de contos, o que representa 21,9 por cento mais relativamente a 1983.

O valor dos empréstimos à exportação ascendeu a 33 milhões de contos, e aquele que

foi canalizado para a electricidade e serviços atingiu 188,9 milhões de contos, enquanto que a dívida das autarquias à CGD ascendeu a 21,3 milhões de contos.

Em 1984, o total dos depósitos da Caixa Geral foi de 721,8 milhões de contos, 34 por cento mais que em 1983.

Os depósitos à ordem, bem como os depósitos a prazo e de poupança foram respectivamente de 103,6 milhões de contos e 535,5 milhões, ou seja, 26,7 e 37,4 por cento superiores a 1983.

No ano passado, o quadro de pessoal aumentou 1,4 por cento, sendo o número actual de empregados de cerca de 9401, ao passo que em 1983 era de 9274.

Portugueses continuam a emigrar para França

Os serviços oficiais franceses registaram de 1974 a 1984 a entrada no país de 156.508 imigrantes portugueses clandestinos, disseram à ANOP fontes da Secretaria de Estado da Emigração.

No mesmo período, emigraram legalmente de Portugal para todo o Mundo 200.472 cidadãos, segundo aquele departamento governamental.

«Apesar das limitações de entrada a emigrantes impostas pelas autoridades francesas, desde 1974, a emigração clandestina continuou, e é de referir que estes clandestinos são aqueles que são registados, pois muitos outros haverá em França, cujo número se desconhece», salientaram as mesmas fontes.

De acordo com informações apenas a França tem um ficheiro oficial de emigração clandestina, cujos registos começaram a ser elaborados a partir de 1960.

Assim, desde aquela data até 1984 entraram clandestinamente em França 648.387 portugueses.

Este número representa mais de metade do conjunto de portugueses (1.097.795) que emigraram legalmente no mesmo período para as diferentes partes do Globo.

Os dados intercensos de 1950 e 1981 apresentam um aumento populacional de 1.411.529 pessoas, enquanto a Secretaria de Estado da Emigração contabilizou um total de 1.996.384 portugueses que emigraram, legal ou no mesmo período.

Para a semana há mais

Bilhetes do Tesouro esgotaram em poucas horas

Cinco milhões de contos de Bilhetes do Tesouro emitidos na quarta-feira pelo Banco de Portugal «esgotaram em poucas horas» e a sua procura foi «várias vezes superior a esse montante», disse uma fonte do Banco Central.

A mesma fonte acrescentou que esta situação se registou mesmo com a compra dos títulos por «apenas um pequeno número de bancos», uma vez que os outros não aceitaram a taxa de juro oferecida pelo Banco de Portugal no «leilão» em que são vendidos os títulos.

Para vender os Bilhetes do Tesouro, o Banco de Portugal oferece-os às instituições financeiras e espera que estas façam «o primeiro lance» para a taxa de juro que pretendem.

Depois, o Banco Central — que à partida estabeleceu para si próprio uma taxa máxima

acima da qual não pagará — «regateia» os valores até aceitar ou não as propostas.

A fonte do Banco de Portugal disse que desta vez «as taxas foram baixas», dada a grande procura que os títulos tiveram nas instituições bancárias, designadamente por parte de empresas com «excessos pontuais de liquidez».

Dado que os Bilhetes do Tesouro são facilmente transaccionáveis e podem ser objecto de «recompra» (uma empresa pode adquiri-los com o compromisso do banco lhos voltar a comprar dias depois) as empresas podem, assim, investir dinheiro que tenham em tesouraria e de que não necessitem por um determinado período.

A segunda emissão vai ser na próxima semana: mais dez milhões de contos de Bilhetes

do Tesouro cujo prazo de validade será de 181 dias (ao contrário dos emitidos agora com uma validade de 91 dias).

Nesta emissão deve-se registar, ainda, uma procura privilegiada por parte das empresas.

«O Banco de Portugal espera no entanto que, daqui a poucas semanas o mercado regularize e possam então ser os aforradores particulares a ter acesso aos bilhetes do tesouro», disse a fonte.

Os Bilhetes do Tesouro a emitir até ao final do ano, de acordo com uma autorização parlamentar obtida pelo Governo, ascenderão a 150 milhões de contos e permitirão aos investidores obter taxas de juro da ordem dos 23 a 24 por cento, superiores portanto ao rendimento líquido dos depósitos a prazo (actualmente nos 21 por cento).

Fogos de Sintra esclarecidos pela Judiciária

A Brigada de Fogos Postos da Judiciária esclareceu as causas de alguns incêndios ocorridos no último ano na área de Sintra, em especial na zona de Almargem do Bispo e identificou seis jovens como autores materiais desses incêndios, alguns agindo sob promessa de roupas ou dinheiro, outros por gratidão de favores recebidos e ainda o caso de uma jovem pretender vingar a própria honra ultrajada desde tenra idade.

Os fogos devastaram várias

florestas e em regra o fim em vista era a obtenção de melhores pastagens após a vinda das chuvas.

Um dos detidos, segundo a Judiciária revelou, tem 21 anos, é conhecido pelo «Maneta» ou «Gascidra», que na sua qualidade de pastor de gado terá actuado à ordem do patrão, utilizando um engenhoso método de deflagração retardada que lhe permitia estar distante quando o incêndio irrompia, afastando-se assim de qualquer suspeita.

Será responsável pelas devas-

tações de matas de eucaliptos, pinheiros e sobreiros na Serra da Guarita, junto ao Parque de Campismo de Olmornos; na Quinta da Feiteira, Várzea da Dona Maria em Belas e no Casal do Brejo em Almargem do Bispo.

Os restantes jovens, um rapaz e quatro raparigas agiram quando ainda eram menores de 16 anos, pelo que se subtraem ao foro penal comum. Terão actuado a troco de promessas feitas por proprietários locais.

África Económica

— novo boletim de informação

O Centro de Estudos Economia e Sociedade acaba de lançar um novo boletim de informações, denominado «África Económica» e que pretende «fornecer um panorama sintético de informações relevantes sobre o desenrolar da actividade económica e social em África, nomeadamente nos novos países de expressão oficial portuguesa».

Trata-se de um boletim trimestral, dirigido por António Romão e destinado, exclusivamente, a assinantes. O número zero, meramente experimental, cobre o período Abril/Junho. O primeiro número será publicado no mês de Outubro, contendo os factos económicos ocorridos no trimestre Julho/Setembro.

A iniciativa do lançamento deste boletim informativo partiu do Centro de Estudos Economia e Sociedade (CESO), criado em 1982 e que tem desenvolvido numerosos projectos de cooperação técnica em África alguns financiados por organismos internacionais como o PNUD, a CEE, o Banco Mundial e a SIDA (Suécia). A actividade do Centro cobre, particularmente, a formação de quadros em planificação, a assistência técnica à organização de sistemas nacionais de planificação e à elaboração de planos de desenvolvimento.

O número zero da «África Económica» inclui, entre outras matérias, informação detalhada sobre a cimeira dos Cinco em S. Tomé, a Convenção de Lomé (Lomé-III), o Fundo Europeu de Desenvolvimento e a reunião do SADCC para além de dados e informações factuais sobre Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e S. Tomé e Príncipe.

Mundial-Confiança aumenta o seu capital social

A Mundial Confiança foi autorizada a aumentar o seu capital social de duzentos mil para um milhão e quinhentos mil contos — informou a seguradora.

Este aumento de capital foi integralmente realizado através da incorporação de reservas, no valor de 1,3 milhões de contos.

A Mundial Confiança apresenta desde 1976 resultados positivos, tendo o lucro do exercício de 1984 sido superior a 507 mil contos.

Tratado de Roma (CEE) divulgado em português

O Tratado de Roma, que instituiu a Comunidade Económica Europeia foi agora publicado em língua portuguesa, na sua versão definitiva.

A iniciativa da divulgação, coincidente com a subscrição dos seus termos por Portugal (assinatura a 12 de Junho passado) é do boletim «Europa Informação», que para o efeito o publicou em separata, já disponível ao grande público.

COTAÇÕES		CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS	
COTAÇÕES DE NOTAS		(Por unidade) COMPRA VENDA	
ÁFRICA DO SUL (rand)	58\$85	59\$95	
ALEMANHA FED (marco)	58\$75	59\$85	
ÁUSTRIA (xelim)	8\$30	8\$50	
BÉLGICA (franco)	2\$744	2\$944	
BRASIL (cruzeiro)	\$010	\$020	
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	121\$40	123\$40	
(notas de 5 a 1000)	121\$90	123\$90	
DINAMARCA (coroa)	16\$25	16\$65	
ESPAÑA (peseta)	\$949	1\$069	
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	162\$50	164\$50	
(notas de 5 a 1000)	163\$00	165\$00	
FINLÂNDIA (marka)	27\$65	28\$25	
FRANÇA (franco)	19\$25	19\$95	
HOLANDA (florim)	52\$35	53\$35	
IRLÂNDIA (libra)	184\$25	188\$25	
ITÁLIA (lira)	\$080	\$090	
JAPÃO (iene)	\$666	\$701	
NORUEGA (coroa)	19\$95	20\$45	
REINO UNIDO (libra)	228\$45	232\$45	
SUÉCIA (coroa)	19\$80	20\$40	
SUÍÇA (franco)	71\$50	72\$60	
VENEZUELA (bolívar)	9\$35	10\$35	
Observações:			
1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo			
2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.			

Giocondo Dias

O Brasil clandestino, o Brasil exilado, o Brasil amnistiado, o Brasil esperançoso, o Brasil rumo ao futuro — está à minha frente, na pessoa de Giocondo Dias, secretário-geral do Partido Comunista Brasileiro. Dois profundos olhos azuis, onde a infância parece por vezes assomar ainda, um corpo agora franzino, uma paixão política («entende?») que não se afasta dele um minuto. Giocondo Dias passou por Lisboa vinte e quatro horas, em escala, vindo de Havana, a caminho do Brasil e assim o pudemos entrevistar.

Filho de uma italiana, neto de portugueses, Giocondo Dias nasceu em 1913 na cidade de S. Salvador da Baía. Aos sete anos ficou sem pai e «trabalhou de tudo» para sobreviver. Aos 13, estava de boy numa empresa e aí teve um encontro que lhe marcaria o destino. Um poeta, dactilógrafo da empresa, de seu nome Alberto Campos, comunista. Como uma visão um tanto romântica do socialismo.

— Dizia-me ele: quando o socialismo estiver implantado na América Latina, a capital será La Paz. É aí que se situa o centro geográfico da América Latina. Faremos como na Rússia, que deslocou a capital da antiga São Petesburgo para o centro: Moscovo, lembra Giocondo.

Romântico ou não, foi esse poeta desconhecido, dactiló-

grafo de profissão, que deu a conhecer o marxismo-leninismo a Giocondo Dias. «O Capital só o li em 1939, e numa edição mexicana», diz-nos Giocondo Dias, conversando sobre os atrasos dos portugueses e, por arrastamento, do mundo que os portugueses criaram, referindo, entre outras coisas: «O PCB nasceu em 1922. Só depois disso nasceu a primeira universidade brasileira».

Giocondo Dias passou a vida entre clandestinidade, exílio, fuga a prisões, amnistias, regressos, e conhece agora outro período da sua existência legal.

A história dele entronca-se de forma directa na história do Brasil e alguém se encarregou de a fazer imortal — Jorge Amado. O Nené da «Seara

Vermelha» («Nené, porquê? Invenção do escritor?». «Não. Era assim que a minha mãe me chamava. Ele não gostava do nome de Giocondo») é este homem franzino. Mas não só na «Seara Vermelha». Jorge Amado evoca-o noutros romances «A Tenda dos Milagres», «Subterrâneos da Liberdade», «Baía de Todos os Santos». Nem outra coisa seria de esperar. A vida do romancista e do político seguiram rumos de luta semelhantes, e Jorge Amado, que se fez cronista de certa época de luta do povo brasileiro necessariamente evocaria um homem que tão bem encarnou essa luta.

A propósito quisemos apurar como vão essas relações de Jorge Amado com o PCB! «Dissidente» tropical?

Giocondo ri-se:

— Somos muito amigos. Mas que se deve pedir a um escritor? Que seja bom militante e mau escritor? Um escritor tem que ser primeiro um bom escritor e só depois um militante, se for bom militante, melhor um pintor tem de ser um bom pintor. Um arquitecto, o mesmo. Entende?

Por nós, entendemos. Lembremos o construtor de Brasília, Niemeyer.

— Se perguntarem: Quem foi o arquitecto? respondemos: Um arquitecto do Partido Comunista Brasileiro. E já nisto há motivo de alegria — comenta Giocondo.

Mas íamos na vida dele, Giocondo.

Dos 13 aos 20, continuou a trabalhar de tudo. Desempregado, alista-se às tantas no Exército. Depois disso, em 1934, aos 21 anos, entra para o Partido Comunista Brasileiro. Em 1935 funda-se a Aliança Nacional Libertadora, três meses de legalidade, logo proibida. Mas, proibida ou não, a ANL tinha muita força nos quartéis. Assim se compreende o movimento de 1935, no qual Giocondo teve uma participação activa, muito activa, reclamando pão, terra, liberdade.

Derrotados os revolucionários, a Aliança passou da clandestinidade para a rigorosa clandestinidade. E Giocondo foi ferido, preso, fugiu, foi condenado a 14 anos de prisão, entrou em rigorosa clandestinidade. Até 1945, ano da sua primeira amnistia.

Aí o Partido Comunista Brasileiro, fundado como já se disse em 1922, entrou na legalidade, por um ano e nove meses. Giocondo foi deputado estadual pelo seu Partido na Baía.

Depois, cassação do Partido, cassação dos mandatos e... de novo a clandestinidade.



Nem o PCB nem eu podemos ser «euro» qualquer coisa. Somos americanos, entende?



«Houve uma mudança política no Brasil, mas a classe que detém o poder continua a ser a mesma»



Uma Assembleia Constituinte da qual saía uma Constituição que não seja entrave ao progresso real do Brasil

Secretário-geral do Part



A dívida externa é um dos factores de expolição imperialista

No Brasil houve mas a classe

Em 1957, nova amnistia, conferida pelo presidente Kubitschek. Desse ano até 1964, o tempo dos generais, Giocondo viveu em semilegalidade, ele e o PCB.

Exílio

Os generais vieram e capturaram os cadernos de notas de Luís Carlos Prestes, onde o nome de Giocondo surgia com muita insistência. Mas Giocondo não se deixou prender e aí o temos de novo na rigorosa clandestinidade e condenado a sete anos de cadeia.

No dia 14 de Abril de 1976 saiu do Brasil para um exílio («exílio mais clandestinidade, porque aqui, por exemplo, em Portugal, vivi sob outra identidade») que o levaria a França, Itália, URSS, Portugal. No dia 2 de Outubro de 1979 regressou ao Brasil. Amnistiado nesse mesmo ano, foi eleito secretário-geral do PCB, quando Prestes saiu.

Mais uma vez na vida, Giocondo Dias está agora em total

legalidade.

— Que é pior? O exílio ou a clandestinidade? — perguntámos.

— O exílio — responde-nos ele, sem hesitar. A clandestinidade é uma opção por uma via de prosseguimento da luta. Ser clandestino é viver de maneira que a polícia não possa prender-nos. É jogar às escondidas com a Polícia.

— E a sua clandestinidade resumiu-se a alguma zona do Brasil?

— Fui clandestino por todo o Brasil.

— Vive-se mal na clandestinidade?

— Não tenho razão de queixa. Sempre contei com a solidariedade dos companheiros.

— Mas o exílio...

— No exílio você quer voltar e não pode. A terra do exílio torna-se um objectivo inatingível. Ninguém morre na véspera. Na véspera só o peru, como se diz na minha terra — comenta ele para quem entender.

— E a vida de família? Ca-

Partido Comunista Brasileiro, ao "DL"



ialista

Houve uma mudança política e no poder é ainda a mesma

sou? Tem filhos? Netos?
— Casei. Quando regresssei do exílio, morreu a minha primeira mulher, ao fim de 42 anos de casados. Voltei a casar. Nunca desisto...

Cinco filhos, cinco netos. O mais novo tem três anos e o seu retrato anda na carteira do avô.

— Teve alguma ligação com Marighella?

— Sim, pertencíamos ao mesmo organismo de direcção do Partido, quando ele saiu e entrou na guerrilha urbana. Era uma boa criatura.

Nesta frase, não se veja nada de crítico, a palavra **criatura** aqui não soa como às vezes soa quando a dizemos em português de Portugal. Quando Giocondo fez essa frase-síntese, pareceu-nos a nós ouvir um comentário generalizado sobre o destino trágico de tantas «boas criaturas» que a injustiça das «más criaturas» imolou ao longo destes anos do Brasil nosso contemporâneo.

— Profissão? Só comunista clandestino, exilado?

Não. Um Giocondo irrecor-

nhecível, gordo, de rosto largo e bigode, surge sobre a mesa do restaurante. O Giocondo que em 1961 recebeu um cartão da Associação de Imprensa e do Sindicato dos Jornalistas do Brasil. Giocondo continua aliás a escrever em jornais, no do PCB, «Voz da Unidade», e na «Folha de São Paulo».

Mudança

E agora se nos permitem, falemos da política da hora presente.

Giocondo chegara da conferência de Havana, «Diálogo Continental», que por iniciativa de Fidel Castro, reuniu na capital cubana 1200 delegados de todos os países latino-americanos para discutir o problema instantâneo da dívida externa.

— Um alto momento do encontro foi a carta do cardeal Evaristo Arns, arcebispo de São Paulo — diz Giocondo. Na sua mensagem, o cardeal aprova a ideia da conferência e considera que a dívida tem um carácter

expoliativo. Foi um brado de unidade aos povos latino-americanos e das Caraíbas para a sua luta comum contra esse aspecto da exploração imperialista».

E prossegue:

— O encontro promovido, por iniciativa dos camaradas cubanos, teve o grande mérito de tornar o problema da dívida uma questão popular. Porque essa questão tem sido até agora tratada exclusivamente como se dissesse apenas respeito aos burocratas e aos banqueiros. Com este encontro de Havana, a questão foi posta nos seus termos justos. Aí ficou bem ressaltado que o problema da dívida recai directamente nos ombros dos povos, e estes podem agora saber o que é a dívida, o que é que ela significa exactamente. A nosso ver, o encontro foi uma denúncia muito séria da dívida como um dos factores principais da exploração do povo e do agravamento da dependência dos países devedores. A reunião colocou na ordem do dia a necessidade imperiosa da unidade

entre os povos da América Latina e dos Caraíbas e da sua integração económica. Só um país como Cuba podia promover um encontro destes, no qual participaram todas as camadas e classes dos países latino-americanos, bem como representantes de todos os partidos políticos.

— Essa mensagem do Cardeal remete-nos para a questão da acção da Igreja Católica na América Latina. Que pensa disso?

— Há de facto, um sector da Igreja Católica (talvez a mais progressista na América Latina) que procura estar em consonância com as legítimas reivindicações do povo oprimido — responde.

— E como encara a situação no Brasil? Houve ou não houve mudança?

— Não houve, claro, uma mudança de classe no poder. A classe que detém o poder é a mesma. Mas isso não significa que não tenha havido uma mudança política. Passou a existir um governo de carácter liberal,

e, do ponto de vista da democracia burguesa, avançámos um pouco. Mas deixa ainda muito a desejar. No Brasil, como nos outros países latino-americanos endividados, a dívida externa é um dos factores de espoliação e dependência. Mas não é o único. Quanto maior for o desenvolvimento capitalista do Brasil, mais dependente ficará o país. Por outro lado, o facto de a direita ter sido derrotada eleitoralmente, não nos pode fazer esquecer que subsistem intactos certos sectores do aparelho repressivo do regime anterior. A direita está agora interessada em fazer adoptar uma Constituição conservadora, que salvaguarde os seus interesses. O povo brasileiro precisa de uma Constituição que reflita os interesses populares e nacionais, de uma Constituição, em suma, que não constitua entrave à luta pelo progresso e pela independência. Hoje a luta imediata é pela participação cada dia maior das massas no processo político, pela eleição de uma Assembleia Nacional Constituinte onde as forças democráticas e populares tenham uma boa representação.

— E quais são os objectivos do PCB?

— No plano **imediato**, a ampliação e consolidação do espaço democrático conquistado, e a convocação de uma Assembleia Constituinte para daqui a três anos, que seja democrática e soberanamente eleita.

No plano **mediato**, é a constituição de um governo democrático e nacional — um governo democrático de massas que abra caminho ao progresso social e o possibilite. Como **objectivo a alcançar**, os comunistas brasileiros propõem-se, como todos os comunistas, o fim da exploração do homem pelo homem.

— Acha que já se deram alguns passos no sentido de alterações da vida do povo brasileiro?

— Como já afirmei, não podemos dizer que nada mudou. A situação melhorou do ponto de vista político. Mas não se realizaram as mudanças que o povo brasileiro há tanto espera. Nem do ponto de vista económico nem do ponto de vista social. Aí muito menos. Os problemas do Brasil são muito sérios.

— E em política externa?

— O Brasil é um país dependente, do ponto de vista económico, pelas suas importações e pelas suas exportações. Mas, no plano de política externa, os seus interesses colidem com os interesses, por exemplo, dos EUA. Isso é particularmente notório no plano africano. O Brasil tem relações privilegiadas com os países de língua portuguesa em África. E toma uma atitude mais firme frente à política racial da África do Sul.

— Acha que o Brasil vai aderir a um eventual Pacto do Atlântico Sul?

— Esse pacto eventual iria contra os interesses políticos e económicos do Brasil — respondeu.

— E acha previsível o reatamento das relações do Brasil com Cuba?

— A não existência de relações entre o Brasil e Cuba é uma coisa estapafúrdia, que causa estranheza na opinião pública mundial e principalmente na opinião pública brasileira. Sectores empresariais do Brasil, como recentemente ficou provado com declarações de representantes desses sectores, nomeadamente de São Paulo, defendem o reatamento das relações. Os maiores beneficiários desse reatamento seriam justamente os sectores empresariais brasileiros.

«Eurocomunista?»

Uma pergunta: em tempos, afirmou-se que Giocondo Dias e o PCB tinham enveredado pelo «eurocomunismo»? Verdade?

— Eurocomunista o PCB, eurocomunista eu? Não. Em primeiro lugar porque nem o PCB nem eu podíamos ser «euro» qualquer coisa, uma vez que somos americanos. Em segundo lugar, porque mesmo na Europa o «eurocomunismo» foi um momento passageiro do movimento comunista. Não teve qualquer seguimento. O PCB é naturalmente solidário com o movimento comunista internacional, com o movimento operário. É um partido profundamente internacionalista, e, por isso, um partido genuinamente nacional que luta por um caminho brasileiro para a revolução brasileira. Temos as melhores relações com os partidos comunistas irmãos.

A uma pergunta nossa, diz-nos que o PCB mantém excelentes relações com o PCP.

Depois falámos da URSS.

— Em relação à URSS e aos países socialistas, não temos olhos exclusivamente virados para os defeitos que possam existir nos países socialistas. Para o criticismo sistemático chegam os órgãos de comunicação social e a propaganda do Ocidente. Não alinhámos nas teses das duas superpotências. Entre a URSS e os EUA estamos do lado da URSS. Na luta pela paz, entendemos que a URSS é uma garantia de paz no mundo. Estamos certos de que se a III Guerra Mundial não rebentou ainda, isso se deve à existência do campo socialista, principalmente à existência da URSS.

E Giocondo acrescenta:

— Isto não significa que sejamos acriticos. Ser crítico é ser revolucionário, é ser marxista, é ser leninista.

À despedida lembrámo-nos de uma frase que Giocondo nos disse: «Cada pessoa é uma ilha e um universo.» Então, até breve, ilha Giocondo, até breve, universo Giocondo.

Occidente desapontado com discurso de Botha

“Agora só temos esperança na comunidade internacional” — diz Tutu

Desapontamento — é a reacção generalizada ao discurso, ontem proferido, pelo presidente sul-africano, Pieter Botha, perante o congresso provincial do seu partido, no Natal. Esperava-se, sobretudo nos EUA, que Botha anunciasse um programa de reformas susceptíveis de pôr termo ao sistema de «apartheid», e a imprensa norte-americana, bem como correspondentes estrangeiros acreditados em Pretória, tinham já especulado acerca das medidas concretas de reforma que iriam ser anunciadas, ontem, por Botha.

O tom do discurso de Botha é dado por estas palavras esclarecedoras: «Não estou preparado para conduzir os sul-africanos brancos, e outros grupos minoritários (mestiços e indianos) ao caminho da abdicção e do suicídio (...) Se a África do Sul branca e a nossa influência forem destruídas, este país mergulhará em tumultos, contendas, caos e pobreza». Botha negou-se a conceder a libertação incondicional, do dirigente negro, Mandela, e, como se isto não bastasse, foi decretado o recolher obrigatório na cidade ultrasensível do Soweto. As únicas menções a reformas foram estas: «O meu Governo e eu estamos preparados para levar por diante o nosso programa de reformas», mas isto foi, imediatamente, seguido dum tom ameaçador: «Aqueles que preferem a revolução às reformas, não terão êxito; se necessário, utilizaremos medidas fortes».

O presidente Reagan, de férias no seu rancho de Santa Bárbara, mandou dizer pelo seu conselheiro McFarlane, que as «novas ideias expressas por Botha dão esperanças de que o final do sistema de segregação racial na África do Sul seja acelerado».

Trata-se de uma reacção oficial, sem qualquer relevância, porque, na opinião generalizada de todos os comentaristas norte-americanos e ocidentais, o discurso de Pieter Botha foi a última gota de água para fazer transbordar o cálice de paciência do Congresso. Logo que o

Congresso reúna, é quase garantido que o plano conjunto de sanções económicas (brandas, muito brandas) aprovado pelas duas câmaras, não sofrerá mais delongas. Reagan, mesmo que o não queira, mesmo vetando as sanções, acabará por ser obrigado a aplicá-las, uma vez que o seu eventual veto será vencido no Congresso por uma maioria qualificada.

Essa é, aliás, a opinião dos senadores norte-americanos, ouvidos pelas agências. O senador Edward Kennedy referiu que o discurso de Botha acabou com toda a esperança real de que o Governo sul-africano esteja pronto a mudar o seu sistema racista».

Um membro da Câmara dos Representantes, do Partido Republicano, comentou o discurso dizendo que Reagan não terá, agora, outra alternativa que não seja aprovar as sanções.

Na Austrália, o Governo anunciou que retardaria o regresso do seu embaixador a Pretória, dado o discurso totalmente desapontador de Pieter Botha. Hoje, o Governo de Canberra vai estudar sanções que haviam sido «congeladas» na expectativa do discurso do presidente sul-africano. O Canadá decidiu, entretanto, mandar chamar o seu embaixador em Pretória, ameaçando tomar outras medidas, caso a situação se mantenha na África do Sul. A agência oficial soviética, TASS, comentou que o discurso de Botha revela que a África do Sul prosseguirá o sistema de apartheid e não fará concessões

à maioria negra. A agência chinesa, Nova China, fez um comentário idêntico.

Em Londres, o Governo mostrou-se desapontado e os trabalhistas afirmaram que, depois do discurso de Botha, a sr.^a Thatcher tem de dar ouvidos «à razão» e aplicar sanções económicas.

Por sua vez, o secretário-geral das Nações Unidas, Javier Perez de Cuellar, declarou-se «profundamente consternado» com a notícia do assalto e destruição da residência de Winnie Mandela, mulher de Nelson Mandela.

Numa declaração divulgada em Nova Iorque, Perez de Cuellar condena o ataque, «nos termos mais enérgicos possíveis» e reitera ao Governo de Pretória o apelo para que «liberte Nelson Mandela e outros prisioneiros políticos».

O Governo de Pieter Botha é, ainda, instado, pelo secretário-geral da ONU, a «iniciar um diálogo com os representantes da comunidade maioritária com vista a pôr termo à actual tensão no país».

Lá dentro

«Tencionamos dismantlar pacificamente o apartheid. A nossa última esperança é a intervenção da comunidade internacional», declarou o bispo Desmond Tutu, prémio Nobel da Paz. Defensor, apesar de tudo, de uma solução pacífica para os problemas sul-africanos, Desmond Tutu mostra-se agora convencido de que o seu país está à beira de uma catástrofe. Para Tutu, o discurso de Botha tornara os negros desesperados e, segundo disse, quando as pessoas estão desesperadas utilizam meios desesperados para atingir os seus fins.

Reacção significativa foi o do chefe zulu, Buthelezi, figura ultramoderada, que mantém contactos com o poder branco e na qual apostam os reformistas pró-ocidentais. Procurando mascarar ao máximo a sua desilusão, o chefe zulu disse:

«Botha não tomou as acções arrojadas que a situação exige. Vejo um homem a lutar com a sua consciência que ainda não tem coragem para tomar o passo seguinte».

O chefe zulu tem defendido a libertação incondicional de Mandela como medida prévia para negociações frutuosas entre a comunidade branca e a negra.

No outro extremo do espectro, o Congresso Nacional Africano considera que o discurso de Botha não ofereceu qualquer resposta aos problemas da África do Sul e constitui um insulto para as esperanças da Administração Reagan. O ANC disse ainda que a luta vai continuar e que não haverá conversações com os brancos enquanto os presos políticos, e nomeadamente, Mandela não forem libertados incondicionalmente.

Mais violência

Durante o dia de ontem, contaram-se, pelo menos, cinco novas vítimas mortais da violência na África do Sul. Ao mesmo tempo, as autoridades decretavam o recolher obrigatório entre as 22 e as 4 horas no Soweto e em várias outras cidades negras da província do Cabo. As prisões entretanto prosseguem: ontem foram mais 277.

Antes do discurso de Botha, a mulher de Nelson Mandela, Willie Mandela, que tinha ido visitar o marido à prisão, afirmou que o presidente sul-africano se verá defrontado com a maior vaga de violência jamais vista se o seu discurso desagradar à maioria negra.

Willie Mandela, cuja casa foi destruída à bomba por aquilo que se supõe ser um comando de «esquadrões da morte» da polícia, prevê que o desapontamento dos negros poderá despoletar uma violência inimaginável.

O estado de guerra civil não declarada reinante na África do Sul anuncia-se agora em perspectiva de grande e violento recrudescimento.

24 HORAS

Designado o sucessor de Nyerere

O vice-presidente Ali Hassan Mwinyi foi ontem designado candidato único oficial à Presidência da República da Tanzânia para as eleições de Outubro.

Mwinyi, de 60 anos, obteve a maioria dos votos dos delegados ao Congresso extraordinário do Partido da Revolução, convocado para nomear o sucessor de Julius Nyerere.

Pouco depois da designação, Mwinyi declarou que o seu governo baseará a sua actuação em seis princípios-chave: a unidade nacional, o socialismo, a independência, o não-alinhamento, a democracia e a liberdade africana.

O presidente Julius Nyerere, considerado um dos políticos mais influentes da África, mantém-se há 25 anos no poder, desde que a Tanzânia se tornou independente da Grã-Bretanha, em 1961.

Apesar de abandonar a presidência, Nyerere manter-se-á à frente do Partido da Revolução até 1987.

San Sebastian: pânico nas festas

Um rapaz de 6 anos morreu e muitas pessoas ficaram feridas num acidente com fogo artificial durante as festas de San Sebastian, ao fim da noite de quarta-feira.

O mau funcionamento da espoleta de um foguete lançado na festa da Playa de La Concha provocou a queda de uma verdadeira bomba de fogo.

Mais de cem mil pessoas assistiram ao lançamento do fogo-de-artifício e umas oito a dez mil estavam na zona onde caiu o foguete.

Iraque ataca ilha de Kharg

FONTES navais independentes confirmaram hoje um ataque do Iraque à ilha iraniana de Kharg, afirmando que o principal terminal petrolífero iraniano ficou bastante danificado.

As mesmas fontes não conseguiram, porém, confirmar a exacta extensão dos estragos, dando a entender que o terminal não ficou completamente destruído.

A agência noticiosa iraquiana INA, citando o comando geral das Forças Armadas, afirmou que aviões iraquianos tinham atacado a ilha, deixando o terminal em «ruínas».

“Maria Goretti negra”

O Papa João Paulo II beatificou ontem no Palácio do Povo de Kinshasa a religiosa africana soror Negapeta Anuarite, considerada a «Maria Goretti negra».

O Papa perdoou, em seu nome e no da Igreja, o crime cometido pelo ex-coronel zairese Pierre Oponge Olombe, que, em 1964, assaltou o convento das religiosas da Sagrada Família, sequestrou várias religiosas e assassinou, depois de maltratá-la, a irmã Anuarite.

Atentado contra base dos EUA

Uma bomba colocada por desconhecidos explodiu ontem num depósito de armamentos das forças norte-americanas em Moenchgladbach, anunciou a Polícia alemã-federal.

Segundo os primeiros dados, a bomba causou grandes danos materiais e destruiu parte do depósito de armas sem, aparentemente, ter feito vítimas.

Gorbachev contesta argumentos dos EUA contra moratória nuclear

O programa de ensaios nucleares da União Soviética foi interrompido devido à moratória unilateral adoptada pelo Kremlin, de 6 de Agosto até 1986, reafirmou o dirigente soviético Mikhail Gorbachev.

O líder soviético contestou, através da agência oficial TASS e dos jornais diários do país «pretectos» e «simples desculpas» dadas pelos Estados Unidos para não seguir a resolução soviética «e prosseguir o rumo

ilusório de uma impossível hegemonia».

A União Soviética decidiu no passado mês de Julho que, a partir de 6 de Agosto — data do quadragésimo aniversário da destruição de Hiroshima pela bomba atômica — interrompia os ensaios nucleares até Janeiro de 1986 e condicionava a continuidade desta moratória unilateral à resposta dos Estados Unidos.

Como réplica aos comentários da administração norte-

-americana, Gorbachev afirmou que «a URSS é favorável à realização de uma moratória recíproca mas contra o facto de que a interrupção se substitua pela continuação dos testes nucleares, em presença de observadores da outra parte».

«Actualmente existem meios de controlo recíproco até para explosões mínimas e quem disser o contrário sabe que é mentira», afirmou Gorbachev.

O dirigente soviético assegu-

rou que a URSS decidiu esta moratória «depois de um profundo estudo da situação, deixando incompleto o seu plano de experiências nucleares».

EUA: paridade não basta

A Casa Branca reconheceu ontem que a União Soviética «possivelmente» não concluiu todas as provas nucleares de que necessitava para os novos mísseis «SS-24» e «SS-25».

A administração Reagan

vinha sustentando que a União Soviética tinha acelerado as provas para não ter que fazer nenhuma durante o período da moratória, classificada como um «truque propagandístico».

Larry Speakes disse que, apesar dos soviéticos terem terminado o seu programa de provas dos mísseis «SS-17», «SS-18» e «SS-19», e acelerado os testes dos mísseis «SS-24» e «SS-25», «possivelmente» não acabaram esta última série.

De qualquer modo, subli-

nhou, «não necessitam fazer mais durante o período da moratória».

Os Estados Unidos «necessitam algo mais que paridade» em mísseis nucleares e por isso continuam o seu programa de provas, acrescentou.

Entretanto, uma sondagem realizada entre 25 e 29 de Julho passado nos Estados Unidos refere que a maioria dos norte-americanos está contra o projecto SDI — «Guerra das Estrelas».



Ginásio Clube Português — a obra cresce

Realizou-se em 9 do corrente nos Paços do Concelho, a cerimónia de assinatura da escritura de venda ao Ginásio Clube Português, pela Câmara Municipal de Lisboa, de uma parcela de terreno, sita na Rua das Amoreiras, em Lisboa, anexa à actual sede daquela centenária colectividade. Outorgaram pela Câmara Municipal de Lisboa, o seu presidente, Nuno Abecasis e pelo GCP o presidente da

direcção António Tibúrcio e o tesoureiro, Pereira Coutinho. Esta importante cedência tornou imediatamente viável o início das obras de ampliação da actual sede do Ginásio a qual, com pouco mais do que uma dúzia de anos já é pequena para albergar todos os associados na prática das suas actividades físicas preferidas.

A adjudicação dos trabalhos de construção irá processar-se muito em breve.

Secretismo na arbitragem

Há algum tempo que deixou de existir secretismo quanto à nomeação dos árbitros para os encontros nos campeonatos nacionais de futebol. Tratou-se de uma decisão acertada como todos certamente reconhecerão, já que a honestidade dos juizes futebolísticos se situa à margem de qualquer suspeição. Só que no Conselho de Arbitragem outras decisões não são anunciadas através das vias normais de informação. Por exemplo: desde ontem que decorre no ISEF o curso de actualização e aperfeiçoamento dos árbitros da 1.ª e 2.ª categoria nacional e aos órgãos de Comunicação Social nada foi comunicado. Será que para os dirigentes (ou funcionários) do Conselho de Arbitragem se cultiva a discriminação. O reparo fica dado e directo ao presidente Pinto de Sousa...

Esta noite, em Alvalade

O Sporting defronta o Shamrock para o "Torneio Internacional"

Conforme temos vindo a anunciar, começa esta noite no Estádio Alvalade a disputar-se a 4.ª edição do Torneio Internacional de Lisboa, tradicionalmente organizado conjuntamente com o Sporting e o Benfica com o patrocínio da autarquia da capital. Como parceiro dos dois clubes lisboetas veio até Portugal o campeão irlandês (Shamrock) que esta noite actuará frente à turma de Manuel José, a qual depois do teste feito no Restelo frente ao Benfica irá mostrar aos seus adeptos alguma coisa do que poderá paten-tear ao longo da temporada que se iniciará no sábado, dia 24 exactamente no palco verde branco de Alvalade. Manuel José apenas tem como problemas as ausências de Jaime Pacheco, Eldon e Saucedo (este a contas com um ataque de angina e os demais a prosseguir a recuperação das lesões bem conhecidas de todas) já que Litos e Venâncio estão tados como aptos podendo alinhar hoje ou domingo frente ao Benfica, na Luz.

Com a realização deste torneio os adeptos dos dois clubes

lisboetas vão, naturalmente, «matar o vício» com três excelentes espectáculos futebolísticos tendo em atenção o valor dos três conjuntos em confronto. O programa é o seguinte: **HOJE:** Sporting-Shamrock (Alvalade), **AMANHÃ:** Benfica-Shamrock e **DOMINGO:** Benfica-Sporting. Todos os encontros se iniciarão pelas 21 horas e serão dirigidos, respectivamente por António Marçal (recém-promovido), Carlos Esteves e Vítor Correia.

«Barça» vence Boavista

Depois do FC Porto ter participado no Troféu Teresa Herrera, coube ao Boavista estar presente em La Línea para, juntamente com o Barcelona, Cádiz e Atlético Mineiro, discutir a posse da taça em disputa. A equipa do Bessa coube de frontar a poderosa turma do Barcelona e naturalmente perdeu. Três-um foi o resultado, devendo salientar-se o excelente comportamento dos comandados de João Alves que, no dizer de alguns críticos, presentes não mereciam ter sido

derrotados. Como actuou o equipa do Bessa: Alfredo; Queiro, Frederico, Adão e Caetano; Qunito (Tonanha), Agatão e Walker; Filipovic (José Rafael), Casaca e Ribeiro (Colho). Ao intervalo: 2-1, sendo o golo da confirmação obtido a cinco minutos do termo do encontro. Esta noite o Boavista defronta o Cádiz para decisão dos 3.º e 4.º lugares.

Outros jogos

Atlético, 2-Belenenses, 1; Guimarães, 2-Rio Ave, 0; Salgueiros, 2-Penafiel, 1; Leixões, 0-FC Porto, 4; Montijo, 0-Benfica (equipa «B»), 1 — saliente-se a estreia de Paskin neste encontro que foi dirigido por Fernando Caiado; Vizela, 2-Marítimo, 1; Tirsense, 5-Águeda, 0; Olhanense, 2-Portimonense, 0; Fafe, 2-Chaves, 1; Naval 1.º de Maio, 0-União de Coimbra, 2 e Corunha, 2-Leixões, 0.

Trafaria: captação

A partir do próximo dia 19 (data em que se inicia a preparação da equipa sénior) começam

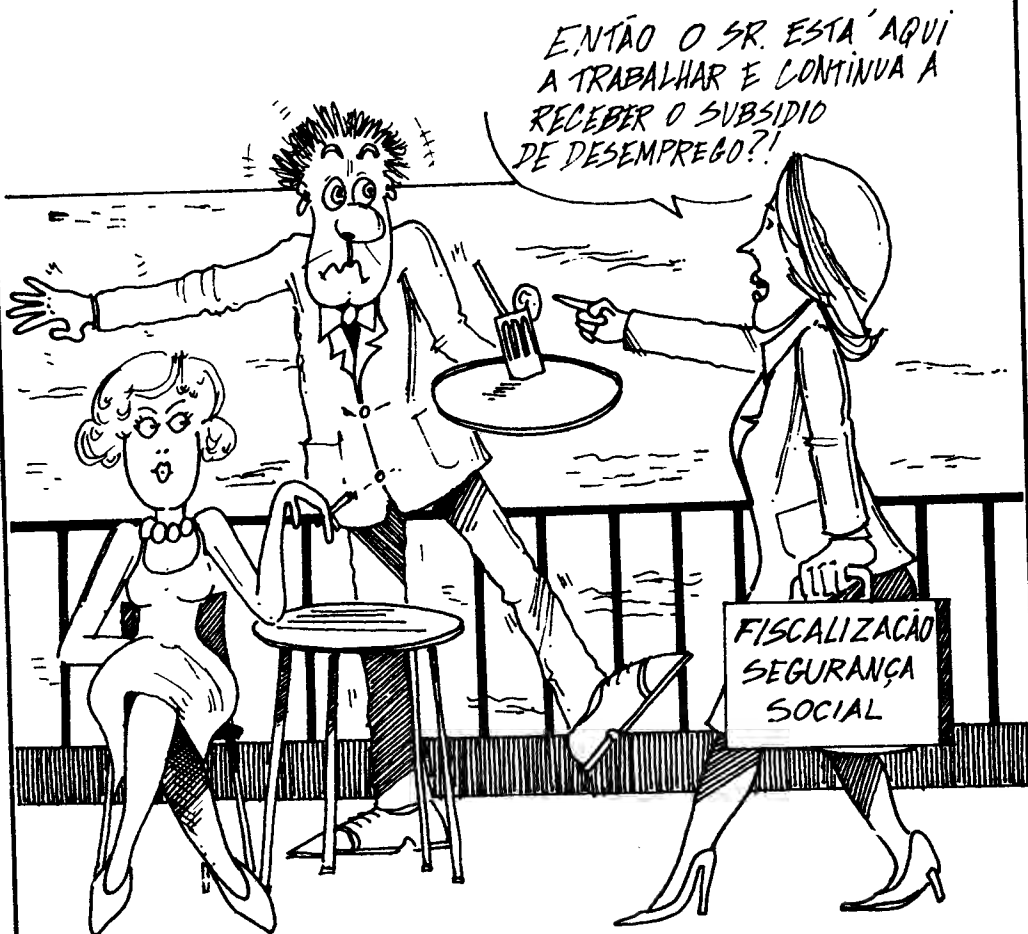
os treinos de captação para jovens futebolistas que queiram demonstrar as suas aptidões perante o treinador José Godinho. O convite está feito.



Ontem, no Montijo, o Benfica fez o primeiro teste ao sul-africano Paskin. Decisão? Um caso a rever.

SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA SOCIAL

ACÇÕES DE FISCALIZAÇÃO EM TODO O PAÍS
PARA DETECÇÃO DE SITUAÇÕES IRREGULARES



NUNCA FAÇA ISTO!

Esta situação poderá causar-lhe graves problemas!



**COMBOIO
DIRECTO**

**VIAGEM
VANTAGEM**

**LISBOA – BEJA
APENAS 3.10 HORAS.
DESDE 455\$00.**

Os comboios directos oferecem-lhe condições de viagem extremamente vantajosas, em custo e em tempo de percurso. Como no caso Lisboa – Beja, por exemplo.

Aproveite o comboio directo. Viagens mais rápidas. Preços mais acessíveis.



Comboio, a opção dinâmica.

Hora do último golpe

Neves de Sousa

enviado especial do «DL»

— Façam o vosso jogo. Nada mais. A roleta vai girar. Nada é mais monótono que a monotonia, diria o sagaz senhor de La Palisse, se tivesse assistido, ontem, à etapa matinal, que teve, como solitárias notas, a vitoriosa fuga do vimaranense Manuel Abreu e a eliminação de dois resistentes da corajosa Costa de Lavos, um dos quais (o bom do Américo Vieira) abalou para casa sem completar o sonho dourado mas com uma carga recheada de presuntos, queijos e bacalhau, prémios quase infalíveis sempre que surgia o «lanterna vermelha» de cada tirada ou ofertados já com destino ao sorriso prazenteiro desse cidadão que não teve pejo em confessar que foi o ciclismo que fez travar um quase «KO» alcoólico.

À tarde, o pelotão foi uma flecha. Média de grande espectáculo: 44,52km/h e (fixem bem quantos ainda não acreditam no desporto da pedalada como veículo espantoso de publicidade de firmas e marcas) autênticas dezenas de milhares de pessoas num percurso varrido pelo sol, tocado pelo mar e cercado pela alegria apaixonada de uma cercadura humana que queria ver, de perto, os «heróis» de hoje, já depois de dupla pausa refres-

cante que se seguiu à escalada da montanha até à Senhora da Graça, vão tentar esclarecer situações na duríssima ligação Póvoa de Varzim — Valença, penúltima possibilidade de, antes da jornada até Matosinhos e depois no tão fascinante como apoteótico «clou» da festa que é sempre a luta contra-relógio nos vinte e três quilómetros que envolvem um dos ramos de maior importância na vida industrial portuguesa, ficar tudo, calma-

mente, rendendo hossanas a um triunfador que vai ficar para a história.

Mas, atenção: tudo pode, ainda, acontecer. E, de Venceslau a Manuel Cunha, dez homens (teoricamente, matematicamente) estão em condições de ostentar coros e segurarem o ceptro. Uma «Volta» que parecia ter como superfavorito Acácio da Silva, ficou, com a abdicação do nosso homem para o Campeonato do Mundo, bailando entre Venceslau e Marco. Mas não só porque há, ainda, inconformados que não baixam bandeira nem se rendem e estão dispostos a atirar para a mesa do jogo, no último golpe de roleta, todas as fichas que sobram nos seus bolsos.

Um passo atrás. Qualquer cidadão, minimamente, respeitador da lei e da verdade, não poderá encontrar uma só partícula de certeza na etapa ciclista que, de Mondim de Basto ao topo do alto da Senhora da Graça, encaminhou os sobreviventes (cada dia mais escassos) na grande aventura.

Excursões organizadas para o empurrão descarado e vergonhoso aos artistas da sua simpatia e, a par o antagónico safanão mal intencionado a atletas de outro símbolo pejaram a encosta, defraudando, totalmente, qualquer espelho desportivo de uma competição que se desejava sã e, moralmente, impecável.

Como sempre, ficam para a história alguns vencedores, na esmagadora maioria escolhidos pela multidão que, a certa altura (o mais negativamente possível), carregou ao colo os seus meninos de ouro, não se importando de até, estorvarem a progressão de outros ciclistas que, muitas vezes, atravessam uma «Volta», incognitamente, no pelotão, sem deles restar uma fatia de nome até aos vindouros mas que podem, de cabeça erguida, regressar a casa: porque sem terem padrinhos, jamais morrerão mouros na consideração e no respeito de quantos os viram, sozinhos e apneas pelo esforço próprio, vencerem aquilo que a muito capitão da areia só foi ultrapassado porque passou nas palmas das mãos dos súbditos mais inconscientes.

Será, extramamente, difícil manter, futuramente, uma etapa destas em Volta a Portugal, estando (portanto) condenada ao mesmo pontapé para o cesto que já obrigou a ligação Covilhã — Penhas da Saúde, exactamente porque era o prolongamento das mentirosas chegadas ao cume de Montejuento, onde a aparente boa intenção dos sujeitos que iam ver os amigos se confundia com a condenável atitude de carregarem os momentâneos «ídolos» como se eles estivessem ali condenados às galés e a plateia pudesse funcionar, em instância derradeira, em função de salvadora de corpos e almas. Uma caminhada ciclista que é, sempre, decisiva para a ordenação de todas as classificações, que envolve o juízo da força e da categoria atlética de muitos profissionais e o aquilatar de condições e rumo futuro para outros tantos possíveis cultivadores de uma modalidade desportiva que envolve risco e luta mas é, também, altamente aliante e, magnificamente, retribuída em outras latitudes, não pode aceitar que aconteçam escândalos como os que presenciámos na Senhora da Graça, por desgraça de todos quantos foram testemunhas, de cabeça para o solo, de quanto ia subindo pela montanha e seria, numa qualquer domingueira corrida europeia, motivo, mais que suficiente, para ficar anulada toda e qualquer classificação.

E sem pagamento das viagens dos excursionistas: porque, no tempo de Salazar, quem queria ir conhecer Lisboa, recebia as senhas de almoço na FNAT mas tinha, pelo menos, que responder à conferência antes da «manifestação espontânea».

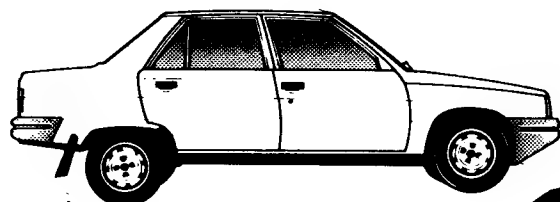
Que preço, senhores

Sabe-se o que daí resultou. O bom povo da nossa terra é assim: adora e esbofeteia. Por vezes (e reporto-me novamente ao ciclismo) julga que está escrevendo moral ajudando (marginal e condenavelmente) um velocipedista da sua simpatia, tudo fazendo (em contrapartida) para conseguir arrojado ao solo quem pode fazer concorrência ao seu protegido ou, pelo menos, obstando a que o «inimigo» não possa desenvolver as aptidões. Pura falsidade: e de tal modo que recusando-me a entender qualquer outra razão autêntica para além da normal superioridade de Venceslau e Marco Chagas sobre toda a concorrência, prefiro correr um pano negro sobre o que se passou naquela

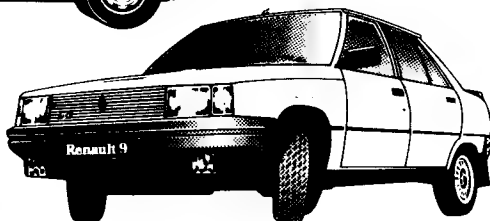
mais à mão. Que, em certa altura do percurso, um letreiro enorme proclamava «Força Santiago, São Félix presente»: e o rapazito que está fadado para ser «rei da montanha» começou a chorar como Madalena arrependida. Que se recordava Joaquim Pinto, o moço do Gulpilhares que, enorme promessa do ciclismo já aureolada com um título nacional, morreu estranhamente durante uma prova no Zimbábwe.

Porém, foi a aldrabona vitamina muleta que presidiu, vespertinamente, para tudo culminar com um elemento da GNR estampando a moto perante um automóvel (dois montes de lata para a sucata) e, pior que isso, o técnico sportinguista, Emídio Pinto, num círculo de circunstâncias, entrando em vias de facto com reciprocidade a uma torrente de impropérios despedidos ao comandante de Marco Chagas, o campeão que, quando viu a roda traseira da sua máquina emagrecer com um

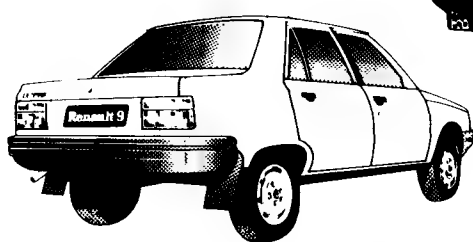
RENAULT 9 AUTO-AFIRMAÇÃO



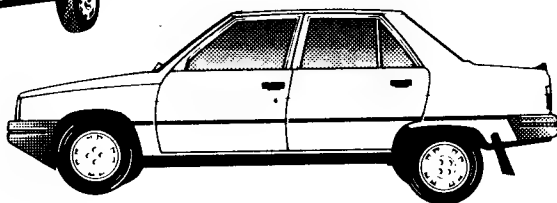
Renault 9 GTC



Renault 9 TSE



Renault 9 GTC super



Renault 9 GTL

Crédito RENAULT
As melhores condições de compra.

Uma gama completa de quatro versões com os aperfeiçoamentos tecnológicos mais recentes.

Tracção à frente e suspensão com as quatro rodas independentes para maior precisão e segurança na condução. Elevadas performances com grande economia. Bancos monotraço para uma posição de conforto ideal.

aumentando o espaço nos lugares traseiros.

Elevado nível de equipamento.

Posição acessível aos comandos. Boa visibilidade dos instrumentos indicadores luminosos.

Suspensão reforçada e confortável que atenua a irregularidade dos pisos. Ampla espaço para bagagens.

RENAULT

A nossa equipa de reportagem
VIAJA COM

Mobil

triste e já esquecida tarde na Senhora da Graça e esperar que, agora até Matosinhos, esteja sempre nascendo o sol que sempre precede as tempestades que deixam na boca o sabor a fel.

Pelo respeito que me merecem os do meu jornal, direi aos companheiros de leitura que, antes do total aviltamento que dominou a escalada, Constâncio Reis (um pasteleiro) faria bolo-rei durante largos quilómetros, embolsando cobres largos. Que o francês Raul Pascal (22 anos) esteve meia hora ao telefone com a namorada algarvia, explicando que vai voltar uns dias a casa (se o Olhanense cumprir o pagamento de sessenta contos despendidos com a viagem) mas retornará breve para se estabelecer por cá com trabalhos de tapeçaria. Que o inglês Cary Theakston poderia hoje discutindo postos cimeiros se um arguto fiscal o não tem penalizado com vinte e seis minutos em certa etapa onde, para infelicidade do súbdito de sua majestade sereníssima, apenas os olhos do julgador poisaram num dos muitos que estavam colados ao carro

«furo», logo sentiu acorrer o companheirismo de Carlos Santos, a ceder-lhe a sua bicicleta e a adiar uma possível «debacle» do autêntico «astro» de Alvalade.

Depois disto tudo, do muito que vimos mas nos escusamos a deixar aqui estampado para mau comentário dos vindouros, perdoe-se que faça a agulha para outros ares e (por exemplo) continue registando o que vão dizendo as vedetas. Adelino Teixeira anda em brasa:

— O Manuel Cunha está em baixo de forma e eu pensava, talvez ingenuamente, que podia, aqui, mostrar o que valho e posso render. Mas o Marco e o «Lau» saram muito fortes do pelotão e, como eu não quis os empurrões que meiaduzia de pessoas pretendiam dar, enganando a verdade e mentindo perante mim próprio, assisto à festa que eles fazem. Sabem uma coisa? O Sporting e a Ajactó não têm dinheiro para pagar a quantos estiveram aqui como se fossem seus empregados...

«Lau»: emoção

Vire-se a página. Ontem, de manhã, nem novas nem mandados. Apenas dois figueirenses para o ripanço à lareira, o vimaranense Abreu ao lado de um Venceslau que derramava sobre o pagode o champanhe que ninguém, ainda, se lembrou de contemplar, em pequena taça, aos «comunicadores». Tudo o mais na podre paz que sucede a pe-

O enviado especial

do «Diário de Lisboa»

viaja num automóvel RENAULT 9



Adelino Teixeira revela a Neves de Sousa o propósito de ir mais além do a 6.ª posição à partida da Póvoa

queno abalo sísmico ou a cautelosa e obrigatória precaução que deve tomá-lo quando o clínico reetifica caldos de galinha para doses consistentes de medicamentos de nome difícil. E, este tombar de pano sobre a «Volta», ameaça borrasca.

Pela tardinha, um ver-se-te-avias. Galopada, uns foguetes, depois a avalanche. À chegada, dizia-me Venceslau:

— Antes quero perder a camisola amarela para Valença que na ida para Matosinhos ou no contra-relógio final.

«Doping? Nem sombras...

Manuel Abreu já tinha assinado (Mondim de Basto - Viana do Castelo) o brilhante que prometera em casa. António Domingos (responsável pelo ciclismo do Vitória de Guimarães) comentava:

— O quarto ou quinto lugar por equipas é um bom posto para o Manuel Zeferino e tudo o que podemos desejar neste ano. Para o próximo, a «Volta» será melhor programada, porque, desta vez, falhou-nos Acácio Silva: o major Valentim Loureiro meteu-se ao caminho e foi o que se viu.

Manuel Abreu: 22 anos, operário têxtil que o patrão não dispensou para a corrida empolgante e, agora, se ninguém por lá souber do seu êxito vianense, ficará no desemprego; Luís Domingos, contanto que o Lousa promete uma festa de homenagem caso a equipa discuta taco a taco com o Sporting mas a formação do Ajacto a contrariar a própria palavra do seu chefe-de-fila e a desmentir o «bluff» de Venceslau quando (quase de mão sobre a Bíblia) garantia que a sua turma não tinha (sequer) hipóteses de o apoiar na defesa do «jersey» de ouro. Serafim Ferreira (o companheiro de labutas que dirige «O Jogo» e tem cerca de vinte voltas a Portugal, sete «Tours» e um «Giro» já no bucho, a também psamar com o resultado dos exames antidoping; que, sistematicamente, resultam negativos:

— Parece que, mesmo a marijuana, o LSD e a cocaína só acusam se forem tomados cinco vezes ao dia...

Amor: a quanto obrigas

Bernardo de Sousa anda descontente: tentou fugir em diversas ocasiões e nada resultou. «Nem sequer os jornais falam de mim» — confessa-me o mocetão, triste como andorinha perdida.

— Só um recado, para a minha namorada, que é Maria José e fez 28 anos esta semana:

ainda vou ter tempo para te dedicar uma proeza.

O defensor das cores de Guimarães (24 anos) estuda à noite em Penafiel. Namora a Zezinha há nove meses, tem, também grande estima pela próxima cunhada (Maria Albertina). Conclui, já de olhos poitados — era giro eu ganhar em Valença, pois não era?

Valerá a pena?

Alexandre Ruas regressou ao Sporting dez anos depois, «na época passada, houve muita gente que não gostou» — diz. Ovarense e o Futebol Clube do Porto andam sondado ciclistas para um regresso ao alto gabarito. Afonso Henriques está com o moral pela linha de água: «Desde 1976 que estou no Bombarralense (apenas em 1983 andei com a «Mako Jeans»: foi o ano em que o Marco Chagas ganhou a «Volta») e nunca me tinha sucedido ter a equipa tão mal classificada». António Alves (nascido há 28 anos em Vila Nova de Gaia) que já foi empregado gráfico na Ambar e ficou no desemprego depois da fábrica arder (1976) acabou por enveredar pela carreira de ciclista.

Profissional. Começou as andanças velocipedicas correndo pelo Fafe, tinha dezasseis primaveras.

— Até pagava para lá andar.

Mas, com o andar do tempo, defendi outras camisolas: FC Porto, Coimbra, Ovarense. Até tive proposta há dois anos e depois de ter sido o melhor no «Prémio da Montanha» da Volta à França do futuro, para me mudar para a equipa do Bernard Hinault...

Manuel Zeferino fala da organização («impecável») da turma espanhola da «Zor», quer prolongar o compromisso mútuo. Com 24 anos, casado e pai de um menino, o vencedor da «Volta-81» conta:

— Já tive um convite para ficar por cá, mas ganho mais em Espanha durante seis meses que em Portugal num ano e meio.

O Lousa gasta esta época 14 mil contos com o seu ciclismo, paga ordenados numa escala que varia entre os 50 e os 100 contos, mas deve o desafio financeiro a dois homens que o técnico Fernando Mendes

pede para serem citados no «DL»: Manuel Marques Dias (da «Akai») e Mário Alves (da «Trintranjus»). O então benfiquista que conquistou a «Volta» de há onze anos, fala-me do café que tem agora à frente a sua mulher, de como é altamente periclitante a vida de um ciclista autenticamente profissional nesta terra em que nascemos e termina:

— Se eu não tivesse conseguido montar aquele negociozito, agora andava descalço...

Nosso registo

Estamos na Comissão de Turismo da Póvoa de Varzim. O presidente da Câmara (o padre dr. Manuel Vaz da Silva, que foi presidente do Varzim durante cinco anos, que desempenhou as funções de vice-presidente da Associação de Futebol do Porto e está como responsável maior da edilidade local há seis anos) já aqui esteve. Armando Rocha Marques (chefe do serviço de Turismo) está optimamente acompanhado: José Sá, Eduardo Carvalho, Jacinto Sá, Alexandrino do Poço, Maria Dias Teixeira. Todos se esmeram para que a recordação poeira permaneça na retina dos visitantes.

José Augusto Mendes e Francisco Antunes fazem das fraquezas uma enorme força: continuam ali para as curvas, dando notável exemplo de profissionalismo a todos os seus colegas dos CTT, dedos dirigindo as palavras até à redacção de muitos jornais.

Na rua, rodeado por amigos, Venceslau vai a caminho da mesa:

— Tenho tido uma grande colaboração da minha equipa que, francamente, não esperava fosse tão grande. Todos me atacam e só a minha rapaziada me defende. Não é justo que um colega seu, de outra antena radiofónica, tenha dito que o Marco Chagas não era empurrado para a Senhora da Graça e que só eu tinha tido uma ou outra ajuda...

Depois, mais tranquilo: — Deixemos isso: seja o que for, eu aceito como natural. Que mais posso hoje desejar?

Claro, «Lau», claro. A vida é isto mesmo. Você, durante pelo menos uma quinzena em cada virar de calendário, sai da penumbra para mostrar que, ao contrário do que estava perificado no tempo antigo, um homem não encosta à «boxe» quando viaja na casa dos trinta e cinco.

Mas (caramba!) poder vencer segunda «Volta a Portugal» no risco dos quarenta, será obra. Coisa para a gente, aconteça o que suceder, amanhã à noite beberemos um copo do verde da sua região. No fim de contas, que belo exemplo o «Lau» está dando à mocidade de um país que, provavelmente, não terá dinheiro para mais nada que não sejam um bonito telegrama eleitoral na meta de Matosinhos.

TACÓGRAFO KINZLE A MEMÓRIA IMPARCIAL

É um aparelho que regista tudo o que acontece com uma viatura durante o seu trajecto, nomeadamente velocidades tempo de paragens, km percorridos, consumo de combustível, etc.

Fornecidos pela Soc. de Lubrificantes Ingleses.

Classificações

10.ª Etapa MAC. CAVAL-M. BASTO (150 km) INDIVIDUAL

	HMS
1.º Marco Chagas (Sporting)	43830
2.º Venceslau Fernandes (Ajacto) ..	43832
3.º Manuel Vilar (Ajacto)	43841

65.º Raul Pescal (Oihanense)

POR EQUIPAS

	HMS
1.º Ajacto/Morphy Richards	135612
2.º Sporting/Raposeira	135651
3.º Lousa/Trintranjus/Akai/Altis ..	140004

11.ª Etapa: M. BASTO-V. CASTELO (115 km) INDIVIDUAL

	HMS
1.º Manuel Abreu (VS Clube)	32026
2.º António Fernandes (Bombar.) ..	32153
3.º José Santiago (Sl. Norte)	mt
4.º Fernando Carvalho (Bombar.) ..	mt
5.º Américo Silva (Bombar.)	mt

POR EQUIPAS

	HMS
1.º Guimarães/Maria José Abreu ..	100416
2.º Bombarralense/Case	100545
3.º Sporting/Raposeira	mt

12.ª Etapa V. CASTELO-P. VARZIM (65 km)

	HMS
1.º Carlos Santos (Sporting)	12736
2.º Alexandre Rua (Sporting)	mt
3.º Eugénio Passos (Tavira)	mt
4.º Carlos Marta (Lousa)	mt
5.º Fernando Carvalho (Bombar.) ..	mt

GERAL INDIVIDUAL

	HMS
1.º Venceslau Fernandes (Ajacto) ..	441713
2.º Marco Chagas (Sporting)	a42
3.º Eduardo Correia (Sporting)	a112
4.º Manuel Zeferino (VS Clube)	a208
5.º Fernando Fernandes (Bombar.) ..	a239
6.º Adelino Teixeira (Lousa)	a240
7.º António Pinto (Sporting)	a250

8.º José Passos (Ajacto)	a305
9.º José Santiago (Sl. Norte)	a307
10.º Manuel Cunha (Lousa)	a330
11.º Fernando Carvalho (Bombar.) ..	a538
12.º Manuel Vilar (Ajacto)	a607
13.º Manuel Gomes (Boavista)	a611
14.º Luís Domingos (Lousa)	a645
15.º Alexandre Rua (Sporting)	a717
16.º José Pereira (Lousa)	a739
17.º José Marques (Tavira)	a827
18.º Jorge Corvo (Tavira)	a835
19.º Belmiro Silva (Bombar.)	a902
20.º Jacinto Paulinho (Lousa)	a930

POR EQUIPAS

	HMS
1.º Sporting/Raposeira	1325435
2.º Ajacto/Morphy Richards	a658
3.º Lousa/Trintranjus/Akai/Altis ..	a1644
4.º Bombarralense/Case	a2415
5.º Guimarães/Maria José Abreu ..	a2415

PONTOS

	P
1.º Carlos Santos (Sporting)	56
2.º António Fernandes (Bombar.)	41
3.º Alexandre Rua (Sporting)	15

PRÉMIO DA MONTANHA

	P
1.º José Santiago (Sl. Norte)	62
2.º Venceslau Fernandes (Ajacto) ..	37
3.º Armando Terebentino (Bombar.) ..	30

METAS VOLANTES

	P
1.º Carlos Santos (Sporting)	14
2.º Luís Cruz (Sl. Centro)	11
3.º António Pinto (Tavira)	9

COMBINADO

	P
1.º Venceslau Fernandes (Ajacto) ..	7
2.º Marco Chagas (Sporting)	13
3.º José Santiago (Sl. Norte)	16

Média Geral da Volta: 35,810 km/h.

PRÉMIO JUVENTUDE «JN»

1.º José Santiago (Sl. Norte)	
2.º Jorge Corvo (Tavira)	
3.º Manuel Abreu (Guimarães)	

ser dono do tempo
é privilégio do ar condicionado
pode ser o seu privilégio



FRAC

SOMOS O AR CONDICIONADO

Fábrica Nacional de Ar Condicionado

Tel. 218 33 67 70 - Telex 18276 ARFNAC P

CLIMANORTE - PORTO - Tel. 69 31 45 - 69 41 09

CLIMACENTRO - LISBOA - Tel. 714 08 39 - 714 08 28

CLIMASUL - PORTIMÃO - Tel. 24 373 - 26 048 - Telex 57355 CLIMAS P

A lenda continua viva

Elvis Presley morreu há oito anos

Elvis Presley, «o rei do rock», morreu faz hoje oito anos. Morreu, mas a lenda continua viva. Se fosse vivo, Elvis Presley teria 50 anos. Depois de Bill Haley e até ao aparecimento dos Beatles, Elvis foi o rei. Brilhantina no cabelo, som original na garganta, movimentos sexy pelo corpo fizeram de Elvis um dos expoentes da música popular.

Vendeu discos aos milhões, ocupou os primeiros lugares dos topos de ambos os lados do Atlântico, fez filmes às dezenas, tem o nome várias vezes no 'Guinness' e, como convém aos heróis, teve uma morte trágica.

O seu corpo morto, foi encontrado em 16 de Agosto de 1977 pela sua amiga Ginger Alden, menos de dois meses depois do seu último espectáculo em Indianapolis.

Elvis viveu como um rei, mas morreu na desgraça, na intriga. E mesmo depois de morto não ficou sossegado. A volta dele aconteceram as coisas incríveis, desde profanações à sepultura a

batalhas legais para a posse dos milhões que deixou.

Priscilla, a ex-mulher, abriu a casa de Elvis ao público em 1982 e publicou um livro.

O êxito de Elvis começou em 1957 com 'All shook up', mas na parte final da década de 60 já vivia como um recluso.

O abuso da droga, barbitúricos e tranquilizadores apressou o desfecho. Engordou a olhos vistos e pelo menos uma vez teve um colapso em palco.

Os seus primeiros discos datam de 1954 e em meados de 1955 as grandes companhias discográficas disputavam a peso de ouro um contrato. O grande conselheiro de Elvis e mais

tarde seu famoso empresário foi 'Colonel' Tom Parker que tinha ouvido falar do cantor no influente programa de Rádio Louisiana Hayride.

A 28 de Janeiro de 1956 participou pela primeira vez num programa de televisão e a América assistiu-se com a imagem transmitida pelos ecrãs. Lançou então Pat Boone, um cantor romântico.

Elvis entrou depois no cinema e 'Love me Tender' recuperou em três dias o milhão de dólares que tinha custado. Nos princípios de 1957 era já o ídolo das multidões e alvo preferido dos conservadores que lhe criticavam os movimentos sexuais em palco.

A 6 de Janeiro do mesmo ano, por causa das coisas, a televisão norte-americana só o mostrou da cintura para cima num espectáculo de Ed Sullivan.

A 24 de Março de 1958 entrou para a tropa, cumprindo o serviço militar numa base norte-

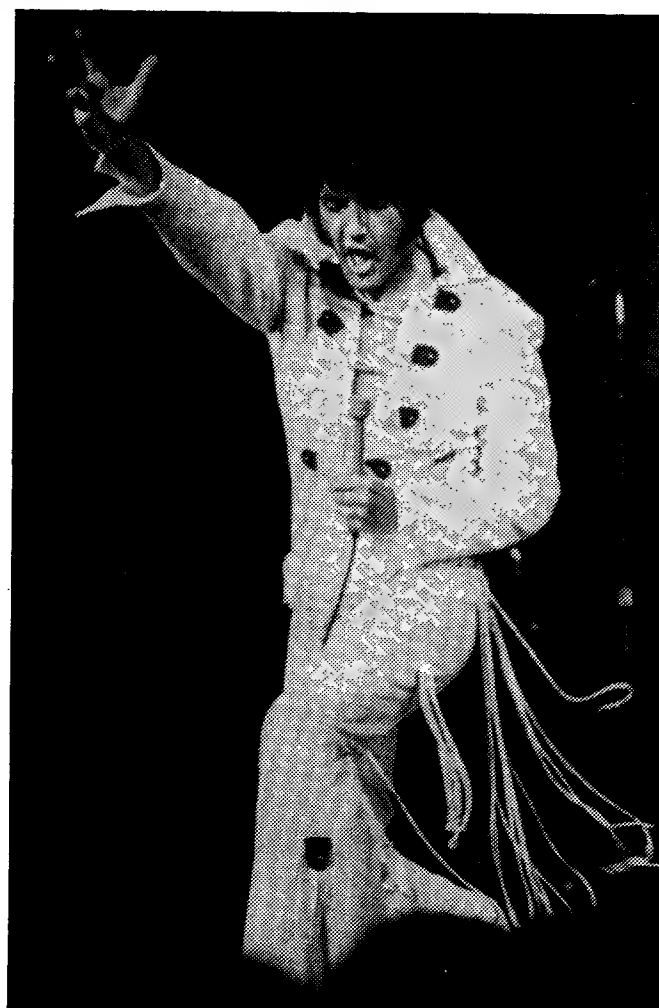
-americana na República Federal da Alemanha. Quando regressou aos «States», arranhou um grupo de amigos que ficou conhecido pelo nome de «Memphis Mafia». Foram eles que introduziram Elvis na droga.

A 25 de Março de 1967 abandonou por oito anos os concertos ao vivo e dedicou-se a filmes de segunda categoria. Casou a 1 de Maio de 1967 com Priscilla Beaulieu, com quem já vivia na Graceland (a mansão das 23 divisões) desde 61.

Em 1969 voltou aos palcos e a sua estrela começou a brilhar, enquanto na vida privada tudo ia mal. Divorciou-se em 1973 e o seu último êxito foi, ironicamente, 'Burning Love'.

À excepção de três espectáculos no Canadá, em 1957, e de um em Paris, em 1959, nunca actuou fora dos Estados Unidos.

Durante a sua carreira, ganhou 94 discos de ouro em singles, 3 em EP's e 40 em LP's.



ALTERAÇÃO DE HORÁRIO

EXPRESSO LISBOA — ELVAS — CAIA

A		B		C		D		E		LOCALIDADES		C		D		B		F		G	
04.45	07.15	08.45	16.15	16.11	P	CAIA	12.01	11.50	22.09												
04.58	07.28	08.58	16.28	16.28	P	ELVAS	11.49	11.37	21.01												
05.05	07.35	09.05	16.35	16.35		VILA BOIM	11.37	11.37	20.49	21.57											
05.15	07.45		16.45	16.45		TERRUGEM	11.30	11.30	20.42	21.50											
05.29	08.00		17.00	17.00		BORBA (Cruz.)	11.20	11.20	20.32	21.40											
05.51	08.22		17.22	17.22		ESTREMOZ	11.06	11.06	20.18	21.26											
06.09	08.40		17.40	17.40		VIMIEIRO	10.44	10.44	19.56	21.04											
		09.19				ARRAIOLOS	10.26	10.26	19.38	20.46											
		09.26	16.25			BORBA			18.06												
		09.32	16.31			VILA VIÇOSA		11.38	17.59												
		09.48	16.47			BENCATEL		11.33	17.53												
		10.06	17.05			REDONDO		11.17	17.37												
		10.24	17.23			S. MIGUEL MACHETE		10.59	17.19												
		10.30	17.30			ÉVORA	P	10.40	17.00												
06.29	08.30	09.00	18.00	18.00	20.00		C	10.35	16.50	18.30											
06.30	08.31	09.01	18.01	18.05	20.30		P	10.05	10.05	10.05	16.20	18.00	19.17	20.25	20.57						
		09.22	11.04	18.05	20.31		C	10.01	10.01	10.00	16.16	16.15	17.59	19.16	20.21	20.26					
	07.57	10.27	12.30	19.31	21.57		C	09.41	09.41	15.56	14.50	14.45	17.39	18.56	20.01	19.01					
07.35	10.07		19.11	19.11			P	08.55	08.55	15.10	16.53	18.10	19.15								
07.36	10.09		19.15	19.15			C	08.38	08.38	15.03	16.48	18.03	19.03								
08.24	08.27	10.57	13.00	20.01	22.27		P	07.50	07.50	08.00	14.15	14.15	16.00	17.15	18.15	18.30					

A) - As 2.ª ou 3.ª Feiras, se aquelas coincidirem com Feriado
B) - Excepto aos Sábados, Domingos, Feriados e 3.ª Feira de Carnaval
C) - Aos Domingos
D) - Excepto aos Domingos

E) - Aos Domingos ou 2.ª Feiras, se estas coincidirem com Feriado
F) - Excepto às 6.ª Feiras, se aquelas coincidirem com Feriado
G) - As 6.ª ou 5.ª Feiras, se aquelas coincidirem com Feriado.

RN

RODOVIARIA NACIONAL

UMA GRANDE EMPRESA DE SERVIÇOS

Por um milhão de dólares

Criador da "Playboy" vendeu as memórias

O criador da revista «Playboy», Hugh Hefner, vendeu as suas memórias por um milhão de dólares à editora «Bantam Books».

O livro será redigido pelo escritor Leo Janos, especialista deste tipo de trabalhos, autor de outras biografias célebres nos Estados Unidos.

«Já se escreveu muito a meu respeito. Agora gostaria de ser eu a fazê-lo», diz Hefner, de 59 anos.

Num comunicado difundido pela «Bantam Books», o criador da «Playboy» explica que, há

vários anos, e por diversos motivos, acalentava a ideia de «pôr em livro a sua vida».

«A minha recente apoplexia e a perspectiva de fazer 60 anos no próximo ano tornam o momento apropriado, além de que escrever o livro pode ser uma experiência reveladora e terapêutica», diz ainda.

Kathy Robbins, agente de Hefner, assinalou, entretanto, que o montante pago a este pela publicação das suas memórias foi o mais elevado já pago a uma personalidade «fora da política».

Segundo Deneuve

Liv Ulman lê demais

Durante as pausas das filmagens, Liv Ullman «não faz mais do que devorar livros» e Catherine Deneuve é «tão fria como as personagens que interpreta».

A queixa é da italiana Giuliana de Sio, que, com Liv e Catherine, contracenou no filme de Mário Monicelli «Esperemos que seja uma Menina».

Giuliana de Sio começou a

tornar-se conhecida como protagonista da «Primeira Obra» de Francesco Nuti, «Casablanca, Casablanca».

Finda a rodagem da longa-metragem de Monicelli, contracenará com Michele Placido (o inspector da série «O Polvo» recentemente exibida na RTP) em «O Pecado», sob a direcção de Pasquale Festa Campanile.

Francesco Nuti filma "Culpa do Paraíso"

Francesco Nuti, a nova «Estrela» do cinema italiano, filma em Campoluc, no vale de Aosta, a poucos quilómetros da fronteira suíça, a película «Toda a Culpa é do Paraíso», com Or-

nella Nuti no principal papel.

Actor e realizador, Nuti concluiu ainda não há muito a sua obra de estreia na realização, «Casablanca, Casablanca», acolhida com agrado.

CRÓNICA DE TOUROS

Soliloquio

Houve touros em Cascais

Praça de Touros de Cascais. Sábado, 27 de Julho de 1985. Corrida TV. Touros do Conde de Murça para Manuel Vidrié, Paulo Caetano, João e António Palha Ribeiro Telles e forçados amadores de Lisboa.

Houve touros em Cascais. Da edição 85 da corrida anual da Televisão (que apesar de sabida a transmissão directa, logo a possibilidade de ver o festejo sem sair de casa, ainda levou muita gente à praça), o importante foi o mérito essencial da presença do touro: desse animal adulto, corpulento mas proporcionado a musculatura poderosa e ágil, a lâmina imponente e fina, no olhar desperto o mistério do seu instinto agressivo, a atitude marcada pela arrogante

cabeça, solene e expressiva, onde ao menor sinal estremece a ameaça mortal das hastas. Houve touros em Cascais. É claro que o público, o mais atento, teve ocasião de ver como a beleza dos exemplares que iam saindo, e que a Televisão, ao reclamar a corrida, mostrara repetidas vezes na pachorrência do campo, aparecia maculada pelo acréscimo das embolações, desse sinal inequívoco da brandura dos costumes nacionais. Mas, ao menos, eram touros. E

sendo touros, mesmo embolados, reinava outro respeito na arena — para além do que fora dela antecipadamente existira, o respeito pelo público. Razão, pois, para deitar foguetes. Houve também, e aí já foi outro cantar, um festival de mansidão; que nem teve ao menos, como sucede tantas vezes quando os touros não gastam no cavalo as energias, a compensação do acréscimo da espectacularidade das pegas, pois os Murças não deram aos amadores de Lisboa a guerra esperada, sem quartel.

Brava mesmo foi só a cara de José Pedro Faro no segundo; e para mérito maior do grupo ficou afinal a determinação com que diante dos touros se puseram, culpados não foram os moços de que a seus braços tão cedo se tenham submetido. E culpas não teve Vidrié por lhe sair um manso assim perdido, apenas pôde o centauro castelhano mostrar-se toureiro: sem na contrariedade abrir um sorriso, marcou apontamento da sua classe extra, e deixou para Paulo Caetano (com quem cumpria um correcto dueto), o triunfo maior da noite. Tinha alguma investida o manso negro mulato corrido em quinto lugar, e aproveitou-a o cavaleiro de Almada, usou o sentido da lide

que tem vindo a apurar, com ajuda não apenas da quadra, mas também do funcionar da massa cinzenta, requisito importante para qualquer actividade humana que não se limite à força bruta. Igualmente não diz a força bruta com o estilo, cada um tem o seu, dos irmãos Telles: mas estava João desinspirado para alegrar a mansidão do segundo, deixou arrastar-se pesada uma lide sem glória; e andou António desconsolado vendo apagar-se o terceiro, até que alcançou o rasgo do curto final, esplêndido, anunciador das résteas de alegria que iam acontecer no que fechou praça, quando a duo tourearam João e António, com a ensaiada compenetração de mãos que se entendem, e um do outro as intenções adivinham. Assim se pudessem adivinhar as intenções dos touros, e à praça teríamos ido sabendo que as intenções dos Murças eram apenas mostrar, e preservar, a beleza de sua anatomia. Mas não sejamos mal agradecidos: pois com ela, com a presença de touros que eram, nos quebraram o hábito do engano dos novilhões, quando não dos bezerros desmamados — e assim nos poupavam, ao menos uma vez, à frustração de pregar no deserto.

Escultura ao ar livre patente em Caminha

Uma exposição de escultura ao ar livre de escultores do norte, cujas melhores «maquetes» irão dar origem ao futuro museu de escultura ao ar livre, está patente ao público desde sábado, em Caminha.

Integrado no plano de desenvolvimento regional, cultural e turístico de Caminha, o certame inclui obras de Gustavo Bastos, Arlindo Rocha, Zulmiro de Carvalho, Jaime Azinheira, Laureano Guedes, Humberto Mesquita e Irene Vilar.

A mostra tem como objectivo imediato sensibilizar a população local e as entidades oficiais para a criação de um museu de escultura ao ar livre, na Marginal de Caminha, humanizando e dignificando aquele espaço — disse à ANOP José Rodrigues, ligado à organização.

Paralelamente ao certame funcionará um atelier de escultura especialmente dirigido aos jovens, orientado pelo escultor Jaime Azinheira, que é o comissário da exposição.

Como apoio a este atelier e com o intuito de sensibilizar os jovens, haverá projecção de filmes e o crítico e professor das Belas Artes do Porto Matos Chaves fará uma intervenção durante o funcionamento da exposição.

Organizada pela Câmara Municipal em colaboração com a Cooperativa Árvore, Ministérios do Equipamento Social e da Cultura (delegação do Porto), a mostra está exposta na Marginal de Caminha em edifícios históricos recuperados recentemente.

Coros em Viseu já em Setembro

O IV encontro de Coros do Norte de Portugal decorre em Viseu, no próximo dia 28 de Setembro, integrado no programa oficial da Feira de São Mateus.

O encontro, organizado pelo Orfeão de Viseu, colectividade que comemora 56 anos de exis-

tência, insere-se na XIII Jornada Cultural e decorre na catedral viseense.

O Orfeão de Viseu, que investiu recentemente cerca de 400 contos no restauro da sede, mantém um grupo coral e um grupo cénico, além de estar a criar um rancho folclórico.



Electricidade de Portugal
EDP/empresa Pública

Direcção Operacional Distribuição Sul

CENTRO DISTRIBUIÇÃO ALMADA

AVISO AOS CONSUMIDORES

Avisam-se os consumidores de energia eléctrica em baixa tensão que, devido a trabalhos a efectuar nas instalações desta empresa, se procederá à interrupção do fornecimento de energia eléctrica, nos locais e períodos abaixo mencionados, no próximo dia 18/8/85 (domingo).

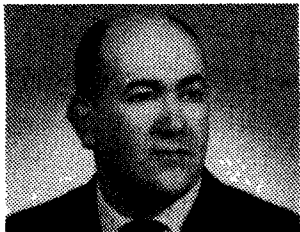
CONCELHO DE ALMADA: Trafaria (Cabra Assada) das 7.30 às 14.00 h.
Trafaria (Trafaria, Sociedade, Bica, Enxurrada) das 7.30 às 8.00 h e das 13.30 às 14.00 h.
Feijó (Póvoa) das 10.00 h às 14.00 h.

CONCELHO DO SEIXAL: Corroios (Qt. dos Lobatos) das 6.45 às 10.00 h
Cabouco (equipamento) das 5.30 às 12.00 h.

Por motivo de segurança, durante o período de interrupção de fornecimento de energia, as instalações deverão ser consideradas permanentemente em tensão.

Direcção Operacional Distribuição Sul
Centro Distribuição Almada
O Repensável
José Resende Nascimento

ALMADA, 14 de Agosto de 1985



**ANTÓNIO DA SILVA AGULHEIRO JÚNIOR
FALECEU**

Elvira dos Santos Proença Agulheiro, António José Proença Agulheiro e demais família, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de seu muito querido

marido, pai e parente, e que o funeral se realiza hoje às 15.30 horas, saindo da casa mortuária do Hospital de Santa Marta, para o cemitério de Benfica.

AGÊNCIA MAGNO — Tel. 53 41 67

AQUELES MINUTOS PODIAM SER OS ÚLTIMOS...
...TUDO DEPENDIA DELA...

corrida TRIAL RUN contra a morte

ANNIE WHITTLE

escrito e dirigido por MEALANIE READ

produção de DON REYNOLDS

CINE FILMES / CF M/16 ANOS



EM EXIBIÇÃO

Angústia Desespero Solidão

54 45 45



uma voz amiga e estará contigo



2.ª SEMANA



M/18 ANOS

um marco milenário
da arte cinematográfica!

ALAIN DELON
MONICA VITTI



O ECLIPSE

(L'ECLIPSE)

a obra máxima de

MICHELANGELO ANTONIONI

FILMES OCIDENTE

Corneille em Évora

Carlos Porto

HORÁCIO, de Corneille. S/ind. de tradutor.
Encenação: Mário Barradas. **Cenografia:** Acácio de Carvalho. **Figurinos:** Manuela Bronze. **Interpretação:** Pedro Hestnes Ferreira, Mário Barradas, José Alegria, Álvaro Corte-Real, Victor Zambujo, Ana Meira, Rosário Gonzaga, Teresa Gonçalves, José Caldeira, Alexandre Passos. **Figuração:** Figueira Cid, Gil S. Nave, Isabel Bilou, João S. Palma, José Geraldo, José Russo e Pedro Palma. **Centro Cultural de Évora.**
Estreia: Teatro Garcia de Resende, 27.7.1985.

Podemos apontar duas razões principais para esta montagem do texto de um dos maiores clássicos do teatro francês (com Molière e Racine). Parecem essas razões claras no pensamento do principal responsável do espectáculo, Mário Barradas: «O meu gosto por Corneille foi sempre muito grande... mostrar sistematicamente os textos, se possível os melhores, dos melhores autores de todos os tempos, constitui a nossa hipótese de contribuir, nos limites do nosso pequeno sítio, para procurarmos atravessar, daqui a 20 anos, o atraso do Teatro «que se faz em Portugal», escreve o encenador no programa. Antes de continuarmos, tenha-se em conta esta segunda preocupação do encenador eborense em contraste com as preocupações manifestadas, ou não, pelos responsáveis pelo Teatro Nacional.

A razão apontada pode ser dividida em duas: o gosto pessoal do encenador, o convencimento de ser «Horácio» de Corneille um dos melhores textos de um dos melhores autores de todos os tempos, devendo-se-lhe acrescentar uma outra, esta mais sugerida do que explicitada por transcrições incluídas no programa de um texto de Brecht e de outro do encenador francês Hubert Gignoux: a figura de Horácio surge como arquétipo do nazismo e por tanto o seu estudo em palco implicaria um processo político da história subjacente na peça de Corneille.

Razões, uma e outra (seja do gosto pessoal ou do gosto histórico, seja da convicção político-ideológica) naturalmente estimáveis, embora discutíveis. De resto o teatro existe também para isso, para pôr em confronto gostos e ideias de quem o faz, fazendo-o, e de quem o faz vendo-o (aplaudindo-o ou repudiando-o). Seria bastante saudável se cada um dos espectáculos potencialmente polémicos levassem aos debates de que o nosso teatro anda tão carente. Dou a mão à palmatória: não é aqui que a polémica vai nascer já que nada tenho contra as razões do artista, embora pudessem ser outras as minhas escolhas, como as de quaisquer outros espectadores, o que é normal.

Se trouxe aqui estas considerações foi apenas porque o ponto de partida de Mário Barradas tem tudo a ver com o ponto de chegada do espectáculo, o que nem sempre acontece embora seja essencial para o conseguimento de um espectáculo coerente e fundamentado.

É, como tinha de ser, na própria figura de Horácio que a linha ideológica da encenação, atrás referida, surge. Não que a personagem seja sinalizada sob o ponto de vista político mas do seu comportamento, da sua maneira de ser, do seu relacionamento com os outros (e os espectadores são também os outros), nasce uma incomodidade

que caracteriza bem a componente ditatorial, criminoso, da personagem de Corneille. Daí que um trabalho que surge com alguma dificuldades, sobretudo no que se refere ao excesso de retórica com que o intérprete cria a personagem, acaba por se impor: José Alegria não tem apenas o físico do papel, ele consegue tornar verosímil, evidente, o discurso violento, tortuoso do Horácio.

Lembremos rapidamente o esquema dramático da peça de Corneille para entendermos a importância da personagem principal. Alba e Romeu estão em guerra. Quando se vai travar a batalha decisiva, o ditador de Alba propõe que esta seja travada apenas entre três Horácios, de Roma, e três Curiácios, de Alba. Embora os dois exércitos protestem contra essa forma de guerra, os deuses concordam com ela, e o combate trava-se. Ao ver os irmãos mortos, Horácio foge; no entanto, mais tarde, regressa e mata à traição os seus inimigos. Camila, sua irmã, e amante de um Curiácio morto, não perdoa ao irmão o seu acto, e apostrefa-o. Horácio não aceita essa atitude e mata-a. É julgado, mas o pai apoia o seu gesto porque, na sua opinião, ao matar a irmã, Horácio não fizera mais do que defender a pátria. Por isso é absolvido.

O dramaturgo alemão oriental Heiner Müller escreveu uma variante deste tema em que propõe uma solução diferente, acabando Horácio por ser condenado à morte embora o seu feito de ter salvo a pátria não deixe de ser exaltado. Esta peça, em tradução de Anabela Mendes, foi representada pelo grupo universitário Teatro da Nova.

Para Hubert Gignoux, ou condenamos Horácio desde o princípio ou aprovamo-lo até ao fim. Mas se se adoptar por esta última hipótese é preciso chamar pelo nome a moral em que

se fundamenta, o que para nós quer dizer que devemos reconhecê-la onde a vimos manifestar-se: no nazismo e nas doenças de coração e de espírito que o nazismo transmitiu por vezes mesmo a alguns dos que o venceram». Para Mário Barradas, a escolha parece ter sido clara: o espectáculo propõe ao público as razões por que a conduta de Horácio não é aceitável. E fá-lo, em especial, através da direcção do intérprete como também de alguns elementos da marcação como acontece no final, quando Horácio surge num plano superior, bem iluminado, como figura dominante que exige ser.

A tendência para o tom declamatório revelada por José Alegria é partilhada por outros intérpretes, nomeadamente por Álvaro Corte-Real e Vítor Zambujo, este demasiado nervoso na estreia. Mário Barradas, pelo contrário no papel de pai de Horácio, coloca a tónica do seu trabalho como actor numa maneira de dizer e numa gestualidade despidas de retórica, dotadas de uma maior espontaneidade, o que confere à sua personagem uma marca de quotidiano bastante interessante. Com ele, Rosário Gonzaga, no papel de Camila, um bom trabalho de uma actriz muito segura que me parece ser uma das certezas do nosso teatro jovem, Ana Meira, mulher de Horácio, bonita figura em cena, utilizando um jogo subtil, em contraste com o de José Alegria, só prejudicado pelo facto de ter a voz em más condições, e ainda Teresa Gonçalves, com uma voz bem colocada, constituem o conjunto de intérpretes que dão ao texto uma comunicabilidade eficaz.

No entanto, é possível que o rendimento vocal dos intérpretes tenha sido prejudicado por uma tradução rimada que nem sempre conseguiu resolver os problemas postos por um texto difícil: por vezes a obra surge-nos banalizada, debilitada, por uma rima forçada ou pouco produtiva. Por outro lado o cenário de Acácio de Carvalho, resolvendo satisfatoriamente os problemas de distribuição do espaço, pareceu-me um tanto confuso nos seus elementos plásticos, ressaltando-se os elementos reflectores que ajudam o desdobramento psicologicamente correcto das personagens. Sublinhe-se a harmonia dos figurinos de Manuela Bronze, que constituem globalmente um bom trabalho, audacioso na criação de formas, por vezes discutíveis, e no ritmo das cores.

Pode dizer-se que «Horácio» não é um espectáculo fácil como não foi fácil conseguir realizá-lo com o nível que o marca. Pode dizer-se que em termos de totalidade o trabalho do Centro Cultural de Évora conseguiu ultrapassar as dificuldades que um texto como este implica. Mais uma prova de que o teatro português tem razão para manifestar a coragem de experimentar os grandes textos do teatro mundial.



«La Corunã», tema da foto de Augusto Alves da Silva, presente na exposição «DN Jovem».

Exposições

- As cem melhores ilustrações (fotografias e desenhos) publicados no «DN Jovem» ao longo de dois anos podem ser vistas, até domingo, no Posto de Turismo de Faro. É o I Salão de Artes Visuais «DN Jovem», que reúne trabalhos de 50 colaboradores do suplemento que o «Diário de Notícias» publica às terças-feiras. Na capital algarvia, a mostra pode ser visitada das 9 às 20 horas.
- Na Sociedade Recreativa 1.º de Dezembro, em Vila Verde de Ficalho, está exposta uma mostra de artes plásticas intitulada «6 Propostas de Arte», que conta com trabalhos dos artistas Alberto Valente, Joaquim Tavares, José Belém, José Correia, Luís Ribeiro e José Carrasco.
- «Percursos, sonhos e imagens... em Verão 85» é a designação da exposição de pintura que Marina inaugura esta noite, pelas 21.30 horas, no bar-restaurant «O Camarim», à Panha de França. A mostra está aberta ao público até 30 do corrente mês, a partir das 18 horas.
- Nas instalações da galeria Altamira, em Almansil (Algarve), inaugura-se ao fim da tarde, pelas 19.30 horas, uma Mostra de Artesanato da Madeira e uma exposição de pintura de Renato Cruz. Apoiadas pelo Instituto de Bordado, Tapeçaria e Artesanato da Madeira, as exposições estão abertas ao público até 14 de Setembro, das 9 às 13 e das 15 às 19 horas.
- Durante o período de Verão podem ser visitadas no Museu de Arqueologia e Etnografia da Assembleia Distrital de Setúbal duas exposições de arqueologia: «A Idade do Cobre no Sul e Centro de Portugal» e «Garvão — um Depósito Votivo da Idade do Ferro». Nestas mostras são dadas a conhecer as mais recentes descobertas, e procede-se a uma actualização dos conhecimentos para dois períodos de charneira da nossa Pré e Proto-história: a Idade do Cobre e a Idade do Ferro.
- Até ao final do mês, das 13 às 19 horas, o pintor Barata Moura expõe 43 quadros na Sociedade de Língua Portuguesa. Paisagem e retrato são os temas apresentados, destacando-se a série de Vila Nova da Foz Côa, um conjunto que, a par de apontamentos históricos ou, simplesmente típicos, desenvolve as colinas carregadas de amendoeiras em flor, um dos mais lindos motivos da paisagem transmontana.

Cinema

- O Centro Cultural de Almada, com o apoio da Câmara Municipal, leva a efeito durante o mês de Agosto um programa de animações nos jardins públicos e nas praças. Entre várias iniciativas conta-se a projecção de filmes. Assim, esta noite, pelas 21.30 horas, tem lugar a exibição do filme «Roma Cidade Aberta», do realizador italiano Rossellini, na Costa da Caparica, por detrás do Banheiro Tarquinio.

Música

- No Convento dos Capuchos, às 21.30 horas, Jordi Savall interpreta, na viola de gamba, obras de Bach e seus antecessores.
- O «XI Festival de Música da Costa do Estoril» prossegue esta noite com um concerto pelo Quarteto Kodaly, Tibor Varga (violino), Ludwig Streicher (contrabaixo), Sequeira Costa (piano) e Vladimir Stoyanov (clarinete). O recital, que tem lugar no Teatro Municipal de S. Luís, a partir das 21.30 horas, é preenchido com a interpretação de obras de Brahms e Schubert.
- O «I Festival de Música Barroca de Vila Real», a decorrer até 22 de Agosto, conta hoje com um concerto na Igreja de S. Pedro, pelos músicos Crispian Steele (corneto e trompete) e Roderik Shaw (órgão), que interpretam música de H. Purcell, Fantini, J. Haydn, e G.F. Handel.



Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

REACÇÃO EM CADEIA
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h
4.ª Semana

Alfa 2

DESAPARECIDO EM COMBATE
(para maiores de 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h
16.ª Semana

Alfa 3

A VINGANÇA DE PORKY'S
(para maiores de 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 h
4.ª Semana

Alfa Club

— T. 763319

OS AMANTES DE MARIA
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h
28.ª Semana

Apolo 70

A OCASIÃO DA ROSA
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h
2.ª Semana

Avila

— T. 539930

O TURNO DA NOITE
(Comédia)
(não acons. men. 18 anos)
15, 17, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis

— T. 547163

AMOR ENTRE MULHERES
(interd. a men. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h
3.ª Semana

Berna

— T. 776098

REACÇÃO EM CADEIA
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h
4.ª Semana

Caleidoscópio

— T. 795093

A CAIXINHA DE SURPRESAS
(para todos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h
4.ª Semana

Capitólio

— T. 372358

PRAZERES CLANDESTINOS
(para maiores de 18 anos)
15, 17, 19, 21 e 23 h

Castil

— T. 530194

POLICE ACADEMY 2 — «A PRIMEIRA MISSÃO»
(para maiores de 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h
4.ª Semana

Cinebloco

— T. 556824

OS AMANTES DE MARIA
(para maiores de 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
24.ª Semana

CRUZEIRO PARA O INFERNO
24 horas

Cine Camões

O NINHO
(não acons. a men. 13 anos)
14, 16.30 e 21.30 h



Uma cena do filme "O Eclipse" realizado por Michelangelo Antonioni, com Monica Vitti e Alain Delon

Cine 222

— T. 579460

LAGOSTA AO PEQUENO-ALMOÇO
(para maiores de 13 anos)
14, 16.30 e 21.30 h

O SANTO EM ACÇÃO
24 h

Cine Portela

— T. 2524761

LOUCAMENTE APAIXONADO
(para maiores de 6 anos)
16 e 21.45 h

BREATHLESS
(para maiores de 16 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

CHINATOWN
(não acons. men. 18 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

O EXTERMINADOR
23.45 h

Condes

— T. 322523

A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS
(para maiores de 6 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

AMANHECER VIOLENTO
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h
2.ª Semana

Estúdio

— T. 555134

GENTE GIRA
(para maiores de 12 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h
38.ª Semana

Estúdio ACS

— T. 887255

O TESS
(interd. a men. 13 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 768078

O FIM-DE-SEMANA DE OSTERMAN
(para maiores de 16 anos)
15.30, 18.30, 21.30 e 24 h

Fonte Nova

— T. 7145109

AMADEUS
(para maiores de 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

HOTEL NEW HAMPSHIRE
(para maiores de 16 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

BABY — O SEGREDO DA FLORESTA PERDIDA
(para maiores de 6 anos)
14.45, 17, 19.15 e 21.45 h

Forum Picoas

— T. 541037

Auditório 1
OS CRIMES DO GATO PRETO
(interd. a men. 18 anos)
21.30 h

Auditório 2
LUCKY LUCIANO
(não acons. men. 18 anos)
21.30 h

Gemini

— T. 734009

O XERIFE QUEBRA-OSSOS
(para maiores de 13 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Hollywood

— T. 802859

A REVOLTA DOS TARADOS
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.30 e 24 h

Sala 2

AMADEUS
(para maiores de 12 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

Império

— T. 555134

LAWRENCE DA ARÁBIA
(para maiores de 10 anos)
14.45, 18.15 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

ELECTRIC DREAMS — AMOR É MÚSICA
(para maiores de 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

A ÚLTIMA LOUCURA
(m. 6 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h

Londres

— T. 801313

ELECTRIC DREAMS — AMOR É MÚSICA
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Montecarlo

— T. 681117

A FÚRIA DE HONG-KONG
(interd. a men. 13 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

A MINHA PROFESSORRA
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Nimas

— T. 574362

STARMAN — O HOMEM DAS ESTRELAS
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

TRINITÁ (O Cowboy Insolente)
(não acons. men. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Olimpia

— T. 325309

GEMIDOS DE PRAZER
(interd. men. 18 anos)
Sessões contínuas a partir das 14 h
Filme pornográfico

Pathe

— 821933

THE DAY AFTER (O DIA SEGUINTE)
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30 e 21.30 h

ASSALTANTES DO AR
24 h

Politeama

— T. 326305

MULHERES DE PRAZERES DOS CAMPOS NAZIS
(interd. a men. 18 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Promotora

— T. 637180

OS DEMÓNIOS DE DAYTON
(interd. a men. 18 anos)
15.15 e 21.30 h

Quarteto

— T. 771378

O ECLIPSE
(para maiores de 18 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.15 h

O SÉTIMO SELO
24 h

LARANJA MECÂNICA
(interd. a men. 18 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 23.30 h

PARA ALÉM DO PARAÍSO
(para maiores de 12 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h

OS VAGABUNDOS DE NOVA IORQUE
23.30 h

SALÓ OU OS 120 DIAS DE SODOMA
(interd. a men. 18 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 h

Quinteto

— T. 573407

ROCCO E OS SEUS IRMÃOS
(para maiores de 12 anos)
14, 17.30 e 21 h

CÃES DE PALHA
24 h

Restelo

— T. 610375

PASSAGEM PARA A ÍNDIA
(para maiores de 12 anos)
15.00 e 21.00 h

Roma

— T. 889192

AMANHECER VIOLENTO
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h
2.ª Semana

Roxy

— T. 548560

KARATE EM GUERRA
(interd. a men. 13 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

S. Jorge

— T. 579144

SILKWOOD — REACÇÃO EM CADEIA
(para maiores de 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

STARMAN — O HOMEM DAS ESTRELAS
(para maiores de 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45

Sala 3

A FLAUTA MÁGICA
(para maiores de 6 anos)
15.15, 18.15 e 21.15 h

7.ª Arte

— T. 730715

EXCALIBUR
(interd. a men. 13 anos)
14.30, 17, 19.15, 21.45 e 23.45 h

PERVERSA SEDUÇÃO
(para maiores de 12 anos)
15, 18.15 e 21.30 h
2.ª Semana

Terminal

— T. 371573

POLICE ACADEMY 2 (A PRIMEIRA MISSÃO)
(para maiores de 12 anos)
13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.45 h

Tivoli

— T. 570595

A VINGANÇA DE PORKY'S
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h
4.ª Semana

Turim

— T. 706666

TERRA SANGRENTA
(para maiores de 16 anos)
15, 17.30 e 21.45 h

BAÍA SANGRENTA
24 h

Vox

— T. 880808

POLICE ACADEMY 2 — (A PRIMEIRA MISSÃO)
(para maiores de 12 anos)
15, 18.15 e 21.30 h
4.ª Semana

Xenon

— T. 368480

A REVOLTA DOS MARADOS
(para maiores de 12 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Zodiaco

— T. 570151

NÉA — A ADOLESCENTE SENSUAL
(não acons. men. 18 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h
BIG BOSS O IMPLACÁVEL 24 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cinestúdio Lido — «O Rio», às 15.30 e 21.30 (maiores de 12 anos)
AMADORA — Cine-Teatro — «Jesus Cristo Superstar», às 21.30 (maiores de 6 anos)
AMADORA — Cine Plaza — «Os Amantes de Maria», às 15.30 e 21.30 (para maiores de 16 anos) — «A Escola do Dever», às 24

AMADORA — Babilónia — «Academia de Polícia 2 — A Primeira Missão», às 14, 16.30, 19 e 21.30 (maiores de 12 anos)
CACÉM — Cinestúdio Flores — «Gente Gira», às 15 e 21.30 (maiores de 6 anos) — «O Caçador de Tubarões», às 24
MEM MARTINS — Chaby — «Afrodite», às 21.30 (maiores de 18 anos)
SINTRA — Carlos Manuel — «O Caça Polícias», às 21.30 (maiores de 12 anos)

Linha de Cascais

CASINO — «Desaparecido em Combate», às 17 e 21.15 (maiores de 12 anos)
CINE-IMPALA — «Baby — O Segredo da Floresta Perdida», às 16 e 21.30 (maiores de 6 anos) — «A Grande Família», às 24 h
SPORT ALGÉS E DA-FUNDO — «Tom Horn, o Cowboy», às 21.30 (interd. a menores 18 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia — «A Mulher Pública», às 15.30 e 21.30 (maiores de 12 anos) — «E a Bomba Com Todos», às 24
ALMADA — Incrível — «Indiana Jones e o Templo Perdido», às 15.30 e 21.30 (maiores de 12 anos) — «Casais Clandestinos», às 24

Porto

ÁGUA DE OURO — «Os Tigres de Shaolin», às 24 (interd. men. 13 anos)
BATALHA — «A Primeira Missão», às 14.15, 16.20 e 21.30 (maiores de 12 anos)
CHARLOT — «Solteiros e Tarados», às 15.15, 18 e 21.30 (maiores de 16 anos)
COLISEU — «A Vingança de Porky's», às 16.30, 18 e 21.30 (maiores de 12 anos)
FOCO — «Reacção em Cadeia», às 14 e 16.30 (maiores de 12 anos)
JÚLIO DINIZ — «Pesadelos de uma Virgem», às 15.30 e 21.30 (interdito a menores de 18 anos)
LUMIERE — Sala A — «Brazil, o Outro Lado do Sono», às 15, 17.45 e 21.30 (maiores de 16 anos) — **Sala L** — «Testemunha de um Crime», às 15.15, 18 e 21.45 (maiores de 18 anos)
OLÍMPIA — «O Caso Sharon Tate», às 14.15, 16.30 e 21 (não aconselhável a menores de 13 anos)
PASSOS MANUEL — «Reacção em Cadeia», às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45 (maiores de 12 anos)

PEDRO CEM — «O Templo e Shaolin», às 15, 18.30 e 21.30 (maiores de 6 anos)
RIVOLI — «Sete Noivas para Sete Irmãos», às 15, 18.15 e 21.30 (maiores de 6 anos)
SALA BEBÉ — «O Baile», às 14.15, 16.20, 18.30 e 21.30 (maiores de 12 anos)
SÃO JOÃO — «Amanhecer Violento», às 15.30 e 21 (maiores de 16 anos)

STOP — Stop 1 — «A Mulher que Viveu duas vezes», às 14, 16.30, 19 e 21.30 (maiores de 12 anos) — **Stop 2** — «Vingança de Porky's», às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 (maiores de 12 anos)
TEATRO SÁ DA BANDEIRA — «Elas, Ele e o Sexo», às 12.30, 15, 17 e 19 (interdito a menores de 18 anos)

Lisboa — PERMANENTE
— **ALAMEDA - FONTE LUMINOSA:** Ibéria, R. Barão de Sabrosa, 235-235-A (T. 888277); **ALVALADE:** Alvalade, Av. da Igreja, 18-A (T. 892070); **AMOREIRAS - ESTACÃO DA CARRIS:** Ivone, R. Silva Carvalho, 232-C (T. 650760); **ANJOS - LISBOA GINÁSIO CLUBE:** São José, R. dos Anjos, 41-A (T. 570730); **BAIRRO ALTO:** Veritas, R. da Misericórdia, 135 (T. 327564); **BEATO:** Grijó, R. do Grilo, 25 (T. 385264); **BENFICA - CHARQUINHO:** Macedo, R. da República da Bolívia, 69-C (T. 713697); **ENCARNAÇÃO:** Ascenso, P. do Norte, 11-A (T. 311216); **ESTRELA - POSSIDÔNIO DA SILVA:** Tagus, R. Possidônio da Silva, 162-A (T. 669485);

LUMIAR: Central do Lumiar, Al. das Linhas de Torres, 254-B (T. 758063); **RESTELO - A AVENIDA VASCO DA GAMA - ALGÉS:** Ocidental, R. D. Jerônimo Osório, 18-D (T. 610256); **SALDANHA:** Cruz Nunes, P. Duque de Saldanha, 14-15 (T. 41845); **COLINADO SOL - BRANDO - AMADORA:** Vidal Reis, Urbanização Alfontelos, célula G, lote 35 (T. 996540); **ODIVELAS:** Central de Odivelas, Al. Infante D. Henrique, 1 (T. 981203); **PONTINHA:** Cruz Correia, E. de Santo Elói, 41-A (T. 992453).

REFORÇO — ALCÂNTRA:

Proibidade, R. de Alcântara, 15-A-B (T. 638589); **AREIRO - APEADEIRO:** Nova Lisboa, R. Guilhermina Suggia, 12 (T. 887721); **CAMPO DE OURIQUE:** Porfírio, R. Francisco Metraass, 59-B (T. 663349); **CHILE - ARCO DO CEGO:** São Jorge, L. do Leão, 3-A-B (T. 534027); **CONDE BARÃO:** Açoriana, L. do Conde Barão, 2 (T. 661330);

ESTRELA: Aurélio Rego, C. da Estrela, 139 (T. 661758); **GRAÇA:** Almeida Dias, L. da Graça, 38-39 (T. 862909); **LARGO DO CAMPO PEQUENO:** Miranda, L. do Campo Pequeno, 36-B-C (T. 770776); **OLIVAIS VELHO:** Olivaes, R. Alves Gouveia, 19 (T. 311237); **PALHAVA:** Currie, Av. Madame Curie, 15-A (T. 723220); **SÃO JOSÉ - TIVOLI:** Fernandes, R. de São José, 187 (T. 326476); **BU-RACA - AMADORA:** Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL, BASTOS:** Nova, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO:** Matos, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Central, R. de Oliveira, 11-B (T. 2750504). Permanente; **COVA DA PIEDADE:** Atlântico, Av. Rainha D. Leonor, 45-A (T. 2764466). Permanente; **COSTA DE CAPARICA:** Chal, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218). Até às 19 horas; **FELJÓ:** Feljô, R. Borges Rego, 7 (T. 2290911). Até às 22 horas; **SESIMBRA:** Leão, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO:** J. Consolado, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO:** Pimenta, R. Conselheiro Joaquim António de Aguiar, 259 (T. 2073012). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA:** Teixeira, B. de Moçambique, 84-B (T. 2040946). Até às 19 horas; **CORROIOS:** Lino, Até às 19 horas; **AMORA:** Nova Amorense, E. Nacional, 10, bloco A, loja A, Paivas (T. 2216824). Até às 22 horas; **SEIXAL:** Godi-

nho, L. da Igreja, 51 (T. 2213580). Até às 22 horas; **MONTIJO:** São Pedro, Av. de Camões, 16 (T. 2311133). Até às 22 horas; **MOITA:** Silva Rocha, Av. da República, 16 (T. 239029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS:** Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 22 horas; **ALCOCHETE:** Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 324100). Até às 19 horas; **SE-TUBAL:** Lisboa, R. Dr. Paulo Borba, 70 (T. 22248). Permanente; **Bairros, R. Rodrigues F. Costa, 27 (T. 23330). Permanente;** **Marques, R. Arronches Junqueiro, 10-9 (T. 22783). Até às 22 horas.**

Linha de Cascais — ALGÉS: Miramar, R. Ernesto Silva, 83 (T. 2112048). Permanente; **LINDA-A-VELHA:** Moderna, Av. 25 de Abril, 39-C (T. 2191235). Até às 19 horas; **TIRES:** Guimarães, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHES:** Carvalho, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas;

PORTO SALVO: Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA:** Luz, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS:** Pargana, Av. Eng. Bonneville Franco (T. 2435147). Permanente; **OELRAS:** Oelras, L. Henrique de Paiva Couceiro (T. 2430485). Até às 22 horas; **CARCAVELOS:** Central, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA:** Godinho da Silveira, R. A. Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PARADE:** Almir, Av. Gago Coutinho, Bairro das Caixas de Previdência (T. 24729948). Permanente; **MURTAL:** Primavera, R. das Parreiras, 2 (T. 2472278). Até às 22 horas; **SASSOEIROS:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE:** Imani, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA:** Madeira, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA:** Abrantes, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL:** Ostende, R. de Espinho, 1 (T. 260391). Até às 22 horas; **CASCAIS:** A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214). Permanente.

Linha de Sintra —

AMADORA: Dias Brito, Av. Marquês de Pombal, 45-A (T. 4934589). Permanente; **Carmele, R. Elias Garcia, lote 28 (T. 4933303). Até às 22 horas;** **DAMAIA:** Lemos, R. de Goa, 21-A (T. 971121). Até às 22 horas; **QUELUZ:** Serra e Pinto, Av. D. António C. Sá-GE (T. 4377619). Até às 22 horas; **CAMARATE:** Flores, Catujal, Até às 19 horas; **CACÉM:** Araújo e Sá, E. de Paço de Arcos, lote 1-B (T. 9240781). Permanente; **ALGUEIRÃO:** Rodrigues Rato, R. dos Morés, 1 (T. 9212038). Permanente; **MERCES:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA:** Araújo, Até às 22 horas. **COLARES:** Abreja (T. 2920088).

Outras Farmácias —

MOSCAVIDE: Santa Bárbara, R. Francisco M. Beato, 75-A (T. 2518918). Até às 22 horas; **SACAVÉM:** Lourenço, Av. Almirante Reis, 31 (T. 2518151). Permanente; **LOURES:** Saraiva, Av. da República, 86 (T. 2530027). Permanente.

TEATROS

Teatro Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 60 37

De 2.ª a sábado, às 20.30 e 22.45. Domingos também às 16h. Descanso às 4.ªs-feiras

«AGUENTA-TE, À BRONCA», original de Carlos Coelho, Júlio César e José Guimarães. Com Carlos Coelho, Delfina Cruz, Anita Guerreiro e Júlio César.

(16 anos)

Teatro e Copos — Finalmente Club

R. da Palmeira, 36 — Tel. 37 26 52

De segunda a sábado, às 00.30

«NÃO HÁ NADA P'RA NINGUÉM». Espectáculo em travesti. Conduzido por Lydia Barloff, com interpretações de Cindy Scrash, Lydia Barloff, Ruth Briden e Vicly Batton.

Teatro Vasco Santana

Entrecampos — Tel. 768609

De terça a sábado às 21.30, domingos às 16.00

«JARDIM DE OUTONO», de Lilian Hellman. Encenação de Luzia Maria Martins. Com Carlos Mourato, Carlos Santos, Carmen Mendes, Clara Joana, Fernanda Coimbra, Fernanda Montemor e Helena Félix.

Teatro Maria Vitória

Parque Mayer — Tel. 37 17 40

(De terça a sábado, às 20.30 e 22.45; domingos, às 16.00, 20.30 e 22.45).

«NÃO BATAM MAIS NO ZEZINHO!», de Mário Zambujal, Henrique Santana e Francisco Nicholson.

ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

(De 2.ª a domingo, às 21.45. Sábados e domingos, às 21.45 e 16.00).

«FININHO MAS JEITOSINHO». Original de João Bettencour. Versão portuguesa de César Oliveira e Raul Solnado. Com Carlos Miguel, Simone de Oliveira e Filipe Ferrer. (12 anos).

Casa da Comédia

R. Francisco Borja, 24 — Tel. 607299

De terça a sábado, às 21.45, domingos às 18.00

«SAVANNAH BAY», de Marguerite Duras. Encenação de Filipe La Féria. Interpretação de Glicínia Quartim e Zita Duarte.

Teatro da Graça

T. de São Vicente, 11 — Tel. 87 56 26

De terça a sábado, às 22.00, sábados e domingos, às 17.00

O Grupo de Teatro Hoje apresenta a peça de Crebillon Fils «A NOITE E O MOMENTO». Tradução de Manuel João Gomes, encenação de Carlos Fernando e interpretado por Teresa Madruga, Diogo Dória e Paula Bicho. Cenografia de José Manuel Castanheira e figurinos de Jasmim.



Teatro do Bairro Alto

R. Tenente Cascais, 14 (ao Bairro Alto) — Tel. 66 15 15/66 92 05

(De terça a sábado, às 21.00; domingos às 16.00.)

«RICARDO III», de Shakespeare.

Memorial Bar

R. Gustavo de Matos Sequeira, 42-A — Tel. 66 88 91

Quartas e domingos, às 00.30

«CADA UM É COMO É», de Gonçalves Preto Encenação de Álvaro Faria.



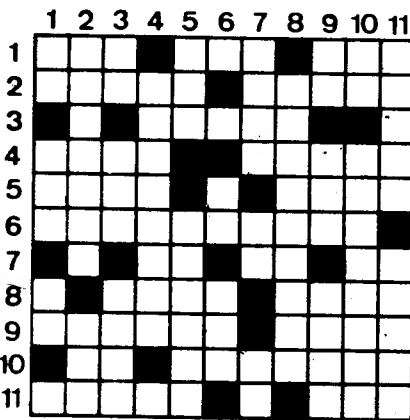
**NÃO FUME
EM RECINTOS
FECHADOS**

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 14 507

HORIZONTAIS:

- 1 Conjunção. Artigo indefinido. Enjejo.
- 2 Oculta. Fio de latão.
- 3 Gatuno que engana o companheiro na partilha do roubo (Gir. Bras).
- 4 Guarnecei de asas. Some.
- 5 Irmão de Abel. Tempo do verbo ser. Califa que mandou incendiar a Biblioteca de Alexandria.
- 6 Porias longe.
- 7 Satélite de Júpiter. Arsénio (s.q.). Pronome pessoal.
- 8 Cantiga. Membros de aves.
- 9 Adicionara. Atravessa.
- 10 Batráquio. Caluniar.
- 11 Gorgulhos tropicais. Magnete natural.



VERTICAIS:

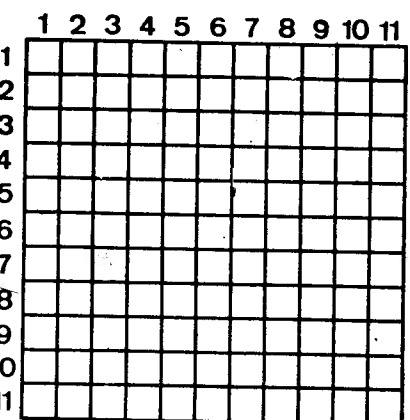
- 1 Miriãre. Fedor. Artigo definido. Artigo definido.
- 2 Penteara. Rogo.
- 3 Apelido. Oásis. Desejar.
- 4 Principal.
- 5 Letra do alfabeto árabe. Dás a cor do ouro a.
- 6 Duas vogais desiguais. Colina na Suécia.
- 7 Canoa de casca de árvores com a proa e a popa achatadas. Batráquio. Senhor.
- 8 Repousava.
- 9 Vossa alteza. Estima. Ente fantástico representado por um negrinho, que usa barrete vermelho e frequente, à noite, os brejos.
- 10 Preposição. Consumiram.
- 11 Velar. Empregara.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVAS MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 347

HORIZONTAIS:

- 1 Pássaro cinzento cujo canto imita o seu nome. O sustento. Cidade da Ucrânia.
- 2 Ouro (S.Q.). Tomba. República da América Meridional à beira do oceano Pacífico.
- 3 Sapo do Amazonas. Cobalto (s.q.). Zomba.
- 4 Pronome demonstrativo. Capacidade.
- 5 Glutinoso.
- 6 Milímetro. Naquele lugar. Acreditar.
- 7 O mesmo que três. Fundador do islamismo.
- 8 Espera resposta. Cidade da Rússia. Átomo.
- 9 Gestos. Classe.
- 10 Condado da Irlanda. Frágil.
- 11 Cidade da Argélia. Levava à toa, a reboque, à sirga.



VERTICAIS:

- 1 Cidade de Itália. Ferro.
- 2 Ouro (s.q.). Preposição. Dar aviso de alguma coisa em voz alta.
- 3 Ave da família dos lúridas. Escudido.
- 4 Incinerar. Recusa.
- 5 Cidade de França. Ilha francesa do oceano Atlântico, na foz do rio Carântono.
- 6 Nesse lugar. Letra grega. Nota musical (inv).
- 7 Filtro. Pronome pessoal. Átomo.
- 8 Preposição. Resposta.
- 9 Berilo (s.q.). Cacete (prov). Larva das feridas dos animais.
- 10 Apre! Meter em mala.
- 11 Nome de homem. Ponto de partida dos carros, no circo romano.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 506

HORIZONTAIS:

- 1 DE. MAU. GRÃO.
- 2 Assaltaram.
- 3 Aliaras.
- 4 Aditar. Na.
- 5 Se. As. Garbo.
- 6 Cia. Mad. Or.
- 7 Olala. Na. Mr.
- 8 Arcole.
- 9 Noa. Sicá. Pr.
- 10 Ultra. Ma.
- 11 Ou. AAA. Amos.

VERTICAIS:

- 1 Damasco. NÃO.
- 2 És. Deilão.
- 3 SAI. Aarau.
- 4 Malta. CI. La.
- 5 Aliás. Aosta.
- 6 Utar. Lira.
- 7 Ar. Ganeca.
- 8 Granada.
- 9 Rasar. Mm.
- 10 Am. BOM. PÃO.
- 11 Ocorrer.

PROVÉRBO: De mau grão não sai bom pão.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 346

HORIZONTAIS:

- 1 Abaf. Palama.
- 2 Unta. Sud.
- 3 Re. Verme.
- 4 Elais. Acolá.
- 5 Porto. Ralar.
- 6 Esta. Atiá.
- 7 Arpai. Sia.
- 8 Dó. Srs. Rs.
- 9 Imã. Iago.
- 10 Damão. Ocaso.
- 11 Araras. Osos.

VERTICAIS:

- 1 Arrependida.
- 2 Elos. Omar.
- 3 Au. Arta. Ama.
- 4 Invitara. Ar.
- 5 Teso. Coa.
- 6 Par. Aas.
- 7 Marítimo.
- 8 Ecai. Saco.
- 9 As. Olas. Gas.
- 10 Mu. La. Iroso.
- 11 Adiarias. Os.

Antena Um

16.00: A gaita dos sete foles;
17.00: Informação regional;
17.15: Musicomania; 19.00: In-
formação e música; 20.00: Mú-
sica portuguesa; 20.35: No es-
túdio e no estúdio; 21.00: Lei-
ria/85; 21.30: Livre e directo;
23.30: Último jornal; 01.00: Fe-
cho. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

15.30: Seis peças sobre um
tema; 16.00: «A Montanha de
Cristal», bailado; 16.30: Solos
de órgão, de Bruhns; 16.45:
Árias de óperas; 17.00: Ciclo
Beethoven; 17.40: Música tra-
dicional e folclórica da Califór-
nia; 18.00: Poesia; 18.05: Mú-
sica vocal, de Anton Bruckner;
18.40: Música de tecla; 19.00:
Música, de Chopin; 19.30: As
palavras dos músicos; 20.00:
Música de câmara; 20.40: Sin-
fonia, n.º 3, «Des Espaces», de
Landowski; 21.00: Antologia
dos músicos portugueses; 21.30:
Discurso do feminino; 22.30:
Música de viola dedilhada;
23.00: Sonata, n.º 3, em dó me-
nor, de Grieg; 24.00: «Sinfonia
Fantástica», de Berlioz; 01.00:
Fecho. Noticiários de hora a
hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Tarde à portuguesa;
17.00: Rápido das cinco; 19.00:
Musical; 20.00: Conta corrente;
21.00: Musical; 21.30: Quando
o telefone toca; 22.00: Portugal e
a CEE; 22.15: Programas reli-
giosos; 22.30: Tempo de des-
porto; 23.00: 24.ª hora; 01.00:
Peça o que quiser; 02.00: No
calor da noite. Noticiários de
hora a hora.

RC-FM-Estéreo

15.00: O vapor; 16.00: Som
da frente; 17.00: Pé-de-vento;
18.00: Círculo em FM; 19.00:
Em órbita; 20.00: Nova geração;
21.00: Musonautas; 22.00:
Nunca mais é sábado. Noticiá-
rios de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

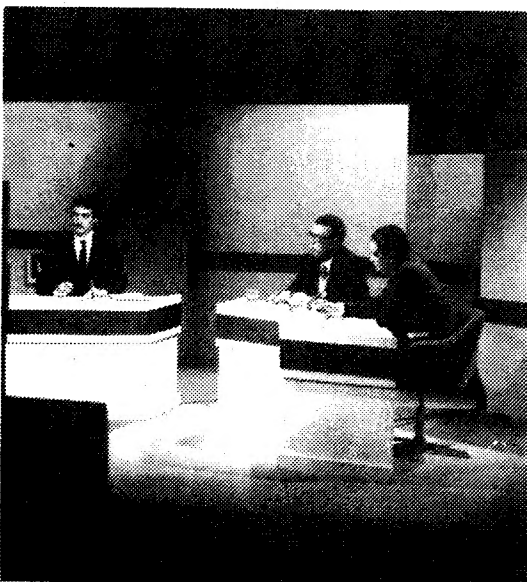
Onda Média

15.00: Meia-tarde; 16.00: Rua
Capelo; 18.00: Jornal das re-
giões; 18.30: Transmissão do
terço; 19.30: Memorando;
20.00: Programa da LARR;
20.30: Do dia para a noite;
21.00: Horizonte; 22.00:
Quando o telefone toca; 22.30:
Diário do desporto; 23.00: Clube
dos colecionadores; 24.00: Som
de uma noite de Verão; 02.00:
Estação de serviço.

FM-Estéreo

15.00: Estaminé do ritmo;
16.00: A cor do som; 18.00:
Entrecampos; 19.30: Transmissão
do terço; 20.00: Serra de estrelas;
21.00: Vista alegre; 22.00:
Oceano Pacífico; 24.00: Último
metro; 02.00: Estação de servi-
ço. Noticiários a todas as horas.

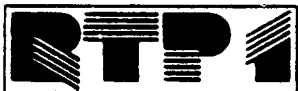
TELEVISÃO



Etambém na RTP 2, mais um «Directo/2»



A série «Recordações» continua nas noites de sexta-feira, na RTP 2



18.00 — Tempo dos Mais Novos

Animação: «A Jovem da Macieira».
Brestilav Pojar encena marionetas como
se estivessem representando num teatro.
Ele sabe ressaltar a dramaturgia existen-
te numa linda história de amor que opõe
o jovem rei apaixonado e as forças do
mal que procuram contrariar o idílio
cuja acção tem por cenário um lindo cas-
telo. Em complemento: «Pontuações» e
«Oh que Pintor», sendo este último fil-
me da autoria de Artur Correia.

18.30 — Notícias

18.50 — Retratos em Si

(2.ª parte do 6.º programa): a segunda
parte do filme é preenchida por duas en-
trevistas realizadas em Setembro e De-
zembro de 1982, onde se fala um pouco
de tudo — desde Salazar e Viana da
Mota, Sociedade de Concertos a Ru-
binstein, do passado e do futuro.

**19.20 — Cultura Árabe em Por-
tugal**

20.00 — Telejornal

20.27 — Boletim Meteorológico

20.30 — Louco Amor

(31.º episódio).

**21.15 — Som Directo com Rober-
to Leal**

Algumas das suas mais modernas can-
ções têm como cenário o campo, local de
inspiração privilegiado destes cantos.
Como sempre, as suas alusões a Portugal
e o facto de ser imigrante no Brasil são
factores fundamentais da sua música e
da sua maneira de estar neste país como
cidadão. Realização de Narciso Guedes.

22.30 — A Vida de Jesse Owens

(2.º episódio): Lew Gilbert, o funcioná-
rio judicial encarragado de averiguar a
vida de Jesse Owens, contacta com di-
versas pessoas que lidaram de perto com
o famoso atleta, entre as quais o antigo
corredor olímpico Pascual Martinez,
que depois de recordar os dias que viveu
com Jesse aquando das Olimpíadas de
Berlim, manifesta o seu desgosto em re-
lação às actuais condições de vida do seu
velho amigo. Realização de Richard Irv-
nig.

**23.30 — Volta a Portugal em Bici-
cleta**

23.50 — Último Jornal



Na RTP 1, mais um episódio de «Louco Amor»



19.30 — Desenhos Animados

«A Formiga Fenómeno»

20.00 — Recordações

(10.º episódio): O negócio de John está
agora florescente e o seu único problema
consiste em arranjar empregados com-
petentes para embulhar e despachar as
encomendas. Sheila está desde há duas
semanas em Tamarack quando Edgar a
vai visitar e convence-a a ir viver com
Lizzy. As dificuldades de John, relativa-
mente aos empregados, em breve serão
ultrapassados com a colaboração presta-
da pela família e por Sheila. Argumento:
Cordon Pinent; Produção e realização:
Herb Ronland.

21.00 — Directo/2

22.30 — Jornal da Noite

Amanhã

RTP-1

13.00 — Tempo dos Mais Novos
14.00 — O Pai Murphy
15.00 — Revista de Toiros
15.30 — Eurovisão
18.30 — Separados pela Espada
19.45 — Totoloto
20.00 — Telejornal
20.27 — Boletim Meteorológico
20.30 — Cheers — Aquele Bar
21.00 — O Bem Amado
22.00 — Aplauso
23.00 — Volta a Portugal em Bicicleta
23.20 — Último Jornal
23.30 — Sábado Especial
«O Profissional».

RTP-2

18.30 — Trofeu
20.00 — RTP/Brasil
20.30 — A História do Vietnam
21.30 — Filmoteca TV



A MELHOR ASSISTÊNCIA
AO SEU TELEVISOR E VÍDEO

GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE

T. 88 27 86 — 89 98 26

Av. S. João de Deus, 13 B • R. de Macau, 8-1.º LISBOA

VOCÊ TEM UM PROBLEMA

DE BEBIDA?

Em Setembro vamos ter entre nós uma equipa
de terapeutas especializados na recuperação inte-
gral de alcoólicos. Inscrições limitadas.

Contacte-nos já: **ALCOÓLICOS ANÓNIMOS**

Travesa do Corpo Santo, 32

1200 LISBOA

Telefone 896211

GRUNDIG

a segurança de um grande nome
seleccionou para si...



22.30 — A Vida
de Jesse Owens



22.00
— Recordações

Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraca, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871



20.35 — «Louco Amor»



“República dos Galifões” destruída por incêndio

Um violento incêndio destruiu, esta madrugada, a «República dos Galifões», em Coimbra. O sinistro foi detectado às quatro horas e quando chegaram os bombeiros as chamas já irrompiam das janelas. A república (residência de estudantes) tinha dez quartos e só o recheio de um deles foi salvo. Uma fonte dos bombeiros disse que as causas do sinistro «não estão ainda apuradas» e que, na altura do incêndio, «não havia qualquer estudante no imóvel». O imóvel era constituído por rés-do-chão, primeiro andar e águas furtadas. De acordo com a mesma fonte, os prejuízos ainda não estão quantificados mas deverão elevar-se a vários milhares de contos.

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados
na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL

- 1.º PRÉMIO – 60 639 – 42 000 contos**
2.º PRÉMIO – 62 581 – 9 000 contos
3.º PRÉMIO – 33 760 – 3 000 contos

**A Sorte Grande
foi vendida aos balcões da
CASA DA SORTE**

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a próxima extracção,
aos balcões da CASA DA SORTE
em LISBOA - BRAGA - PORTO - AVEIRO - COIMBRA - SETÚBAL - FARO

1.º PRÉMIO

60 639

2.º PRÉMIO

62 581

3.º PRÉMIO

33 760



A CASA VIOLA – Paga todo e qualquer Prémio da Lotaria Nacional, mesmo que tenha sido comprada a outras casas ou em qualquer parte de Portugal.

Jogue na Lotaria

CASA VIOLA — "A SORTE QUE TOCA"

LISBOA — BRAGA — ESTORIL — VISEU

/D/E/C/A/R/A/S/



ANTÔNIO BARRETO é um dos assinantes de um abaixo-assinado contra a anunciada expropriação da Livraria Biblarte, na Rua de S. Pedro de Alcântara, com vista ao alargamento do Supremo Tribunal Administrativo. O documento circula por aí e já recolheu assinaturas de bibliófilos e personalidades, como é o caso de Firmino Miguel e do desembargador Monteiro Marques. Há, contudo, a novidade de que Mário Raposo terá dito ao advogado da Biblarte que «tudo se irá resolver a bem».

FÁBIO JÚNIOR, o «Luís Carlos», da telenovela «Louco Amor», que, actualmente, passa na RTP, já confirmou a sua presença no espectáculo que se realizará no dia 22, no Casino do Estoril, no âmbito da campanha «Abraço a Moçambique». Nesse espectáculo deverá estar presente um grupo de artistas da Rádio Nacional de Moçambique, para cantarem «Kanimambo» — obrigado, aos artistas portugueses.

OTELLO poderá contar com Ramalho Eanes como testemunha abonatória, no julga-

mento do caso das FP-25, que deverá prosseguir em Outubro, no Tribunal de Monsanto. Essa disposição foi manifestada por um porta-voz do Presidente a «O Jornal», que dá a notícia, na sua edição de ontem. O depoimento de Eanes referir-se-á, naturalmente, ao período em que contactou, profissionalmente, com o seu camarada de armas.

JORGE AMADO, o escritor brasileiro de renome mundial, é um dos aliciantes das Festas da Senhora da Agonia, que ontem se iniciaram em Viana do Castelo. Convidado pela Câmara Municipal da cidade minhota e pela respectiva Comissão Regional de Turismo, o escritor permanecerá na região durante alguns dias. Para depois, anuncia-se uma visita a um velho amigo da Póvoa do Lanhoso e uma passagem por Pardilhó, na zona da Murtosa, a convite de um conhecido jornalista português.

OLOF PALME faz uma pré-campanha eleito al diferente... outras terras, outros costumes. Foi o caso de ter accitado representar, e fê-lo,

um papel secundário numa comédia actualmente em cena num teatro de Estocolmo. Assim, enquanto se prepara para as eleições apazadas para 15 de Setembro, Palme subiu ao palco a fazer de polícia na peça «O Hotel Assombrado».

RAMON FONT, prestigiado correspondente em Lisboa da Rádio Nacional de Espanha e da TVE, não irá colaborar com o gabinete de comunicação social do PRD, ao contrário do que se afirmava em notícia publicada há 15 dias em «O Jornal». A informação foi corrigida ontem mesmo por aquele semanário, após protesto formal apresentado pelo jornalista e de um desmentido feito pela comissão directiva do PRD. Ramon Font fora apanhado de surpresa quando se encontrava a banhos na praia do Vau, em gozo de férias. Na secção «Periscópio» da última edição de «O Jornal» desmentiu-se a notícia dada por R.R. e lamenta-se que fontes idóneas do PRD tenham enganado o jornalista que deu a informação. Imagine-se agora que as fontes não eram idóneas...

Belém ainda não divulgou decisão do Presidente

A decisão do Presidente da República sobre a lei das rendas de casa aprovada na Assembleia da República pelo PS, PSD e CDS deverá ser comunicada ao país «o mais tardar na próxima semana». Segundo uma fonte da Presidência, a data e a forma dessa comunicação ainda não estão definidas, mas sabe-se que Eanes deverá explicitar nessa ocasião alguns dos motivos menos evidentes da sua opção.

De acordo com algumas fontes o Presidente não virá à televisão pessoalmente como fez a quando da promulgação da lei da interrupção voluntária de gravidez, admitindo-se que se limite a divulgar um comunicado através dos serviços da presidência.

Nalguns meios tem-se como certa a promulgação, tendo a RTP veiculado a informação de que essa seria a posição tomada pelo presidente.

Os serviços de Imprensa de Belém recusam-se porém a confirmar essa versão e limitam-se a afirmar que «a decisão foi tomada na quarta-feira, dentro do prazo constitucional, e será tomada pública oportunamente».

Entretanto, tem sido notada a passagem na RTP de um spot publicitário em que se indica o número de telefone através do qual é possível obter informações do Ministério do Equipamento Social sobre a nova Lei das Rendas. Um responsável da Associação dos Inquilinos de Lisboa, que continua a aguardar o veto de Eanes, declarou ao «DL» que esse anúncio «é completamente ilegal constitui um abuso visto que a lei ainda não foi promulgada».

Segundo uma fonte do Gabinete de Relações Externas do Ministério do Equipamento Social a iniciativa de divulgar o seu número de telefone para esclarecimentos sobre a lei foi da RTP e não do gabinete.

Cavaco
fala da crise
Não é preciso
talento para ter
estes resultados

«Não é preciso grande imaginação nem grande talento para conseguir estes resultados», disse Cavaco Silva, que propôs uma política assente na confiança dos agentes económicos através da implementação de medidas que tenham em vista o relançamento do investimento e o aumento da produção.

A formação profissional visando a correção do sistema do ensino técnico e politécnico, a reforma fiscal e a reestruturação da administração pública foram outras áreas apontadas por Cavaco Silva como necessidades de intervenção.